

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP**

Leila Toshie Yabiku

Um desafio na construção superegóica: Lourenço e o Pai

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP**

Leila Toshie Yabiku

Um desafio na construção superegóica: Lourenço e o Pai

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para a obtenção do
título de MESTRE em Psicologia Clínica pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
sob orientação do Prof. Dr. Alfredo Naffah
Neto.**

**SÃO PAULO
2008**

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Alfredo Naffah Neto e ao grupo de orientação, pelas trocas e pelo apoio no percurso de construção deste trabalho.

À prof. Karin De Paula, pelo acompanhamento cuidadoso de grande parte deste percurso.

Ao prof. Franklin Winston Goldgrub, pela leitura minuciosa e pelas importantes observações.

Aos amigos Patrícia, Ana, Márcio, Élcio, Fernando e Sônia, pelas discussões nos grupos, essenciais também à elaboração desta dissertação.

À prof. Silvana De Paula, por possibilitar o enfrentamento conjunto dos últimos passos da organização do texto.

À minha mãe, aos meus irmãos e à amiga Ladi, pelo empréstimo de braços, pernas e equilíbrio emocional na fase de finalização deste processo.

Ao CNPQ, pelo apoio material durante grande parte desta construção.

Para Antonio Carlos e Sofia

RESUMO

O objetivo desta dissertação é o de ensejar o diálogo entre os temas teóricos relativos à constituição do conceito supereu na obra de Freud e a leitura do personagem da crônica *O cheiro do ralo*, analisado nos moldes de um processo analítico, sendo, portanto, levado à condição de caso clínico. A argumentação foi desenvolvida a partir da conjugação de vinhetas teóricas com dados provenientes da análise do personagem da crônica literária, procedimento que se justifica por acompanhar o exercício da prática clínica, no qual a teoria se coloca a serviço do que é suscitado ao longo do trabalho analítico. As associações expostas pelo personagem principal da crônica levam à compreensão de uma constituição psíquica fragmentada, exposta pelo modo como se desenrola sua relação com seu mundo circundante. A leitura interpretativa do personagem leva ao questionamento das possibilidades encontradas pelo sujeito, em relação à sua constituição superegóica, no contexto de constituição psíquica em que se inscreve. À luz da teoria aqui convocada e da parte analítica empreendida, deparamo-nos com uma situação em que há esforço de construção do ideal de Eu, ainda que de maneira fragmentária e desordenada. No caso analisado, a ausência de uma inscrição que pudesse sustentar a construção das funções superegóicas para o sujeito faz com que se constitua uma busca por elementos que, em alguma medida, pudessem substituir os traços convocados para cumprir as funções superegóicas.

PALAVRAS-CHAVE: SUPEREU, IDEAL DE EU, RELAÇÃO OBJETAL.

ABSTRACT

This dissertation aimed at building the dialogue between, on one side, theoretic themes related to the production of the concept of superego in Freud's works, and, on the other side, an interpretation of the process experienced by the main character in the fictional work *O cheiro do ralo* [the smell from the drain]. The interpretation follows a psychoanalytical reading, meaning that the fictional text is taken as a clinical case. The arguments were developed by combining theoretical *vignettes* with data provided by the analysis of the fictional character, a procedure that finds its reason in the fact that it follows the clinical praxis, defined as a practice where theory is put to work for what is raised along the analytical process. The associations produced by the character in this chronicle lead to the understanding of a fragmented psychological constitution which is shown by the way he develops his relations with the surrounding world. The interpretive reading of the character allows us to question the possibilities found by the subject in relation to his superegoic constitution, according to the psychological frame in which he inscribes himself. With the tools provided by the theory here evoked and the analysis that was developed, we can see a situation in which there is an effort to build the ego ideal, although this process happens in a fragmented and disorganized way. For the case under analysis, the absence of an inscription that enables to sustain the superegoic functions to be built by the subject causes an endless search for elements that, in a certain sense, could replace what he evokes as being needed in his process of accomplishing the superegoic functions.

KEY WORDS: SUPEREGO, EGO IDEAL, OBJECT RELATIONSHIP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ENCONTRO COM A PSICANÁLISE,	10
DO TRABALHO ANALÍTICO AO SINTOMA,	11
DO SINTOMA AO SUPEREU,	11
SUPEREU NA CONTEMPORANEIDADE,	12
A ESCRITA DE FREUD,	14
A CRÔNICA,	15
O CHEIRO DO RALO,	16
PROBLEMATIZAÇÃO,	21
ARQUITETURA DO TRABALHO,	22

1. IDEAL DE EU

AS BASES DO SUPEREU,	24
SOBRE O PRINCÍPIO DE REALIDADE,	24
SOBRE OS PRIMÓRDIOS DO IDEAL DE EU,	32
SOBRE A CISÃO DO EU NA CONSTITUIÇÃO DO IDEAL,	45
ANÁLISE,	54

2. SUPEREU – PARTE I

SUPEREU COMO HERDEIRO DO COMPLEXO DE ÉDIPO,	62
ORGANIZAÇÃO ANAL-SÁDICA E FIXAÇÃO LIBIDINAL,	69
SUPEREU E ORGANIZAÇÃO PRÉ-GENITAL,	73
ANÁLISE,	75

3. SUPEREU – PARTE II

ESBOÇO DO EU E DA SEGUNDA TÓPICA,	84
A SEGUNDA TÓPICA DE FREUD,	97
RETOMANDO AS DIMENSÕES ECONÔMICA E DINÂMICA DO PSIQUISMO,	97
TENDENDO À MORTE,	102

O SUPREU, 103

ANÁLISE, 105

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS, 116

REFERÊNCIAS, 123

INTRODUÇÃO

ENCONTRO COM A PSICANÁLISE

Situações conflitantes inevitavelmente produzem questões. Os conflitos com o outro, consigo, com o mundo, pedem parada, e, às vezes, recuo e reflexão. Os conflitos entre mundos, entre territórios previamente demarcados geograficamente, entre instâncias psíquicas, também paralisam e pedem respostas.

No meu caminho, permanentemente conflitante, conflituoso, por vezes acomodei-me confortavelmente à ilusão da existência de respostas completas – política, moral e eticamente corretas – e definitivas, no sentido de trazerem a sensação de superação e conseqüente descarte das questões. Em outros momentos, os conflitos se mostraram instigantes, ao causarem abertura de escuta a outros modos de pensar e, também, abertura a questões que simplesmente nos movem, sem a exigência de respostas.

O encontro com a psicanálise tem sido um destes encontros conflituosos. A psicanálise não é mundo, não é território, não é instância psíquica, não é si mesmo, mas é outro, pois que se coloca como instância à qual recorreremos, a princípio, em busca de respostas. Mas algo se processa neste encontro, o que faz com que possamos escutar nossos próprios modos de elaborar questões e encaminhá-las de outra maneira. Percebemos a forma como se colocam as questões que se repetem incessantemente; percebemos uma mesma questão que, sendo formulada sob diferentes vestes, toma a aparência de novas questões. Um olhar se constitui para além da percepção, uma escuta se produz para além da organização linguageira.

No caminho de construção de uma psicanálise que me permitisse a autoria de um trabalho acadêmico e clínico, a questão diagnóstica, central no momento inicial destes estudos, perdeu força diante de outras questões que retornavam. Sendo recorrentemente repetidas, as questões insistiam – e insistem – em povoar a clínica, as leituras, os pensamentos.

DO TRABALHO ANALÍTICO AO SINTOMA

No trabalho analítico, cabe ao analista identificar o modo de processamento de conexões que ocorrem na fala do analisante, de forma a facilitar o reposicionamento deste último diante do mundo. Essas mesmas conexões na fala, isto é, no caminho trilhado pelo analisante, revelam modos primordiais de apresentação de sintomas que acarretam sofrimento. É no reconhecimento deste sofrimento que reside a possibilidade do tratamento analítico.

O sintoma, em psicanálise, constitui o indício da forma do analisante lidar com condições conflitantes (aparentes ou não) que se revelam em movimentos repetitivos (de ação ou de fala). Segundo Ocariz:

Existem dois momentos de conceptualização do sintoma na obra freudiana: a. o sintoma relacionado com o saber inconsciente e, b. o sintoma como satisfação pulsional, a vertente da fixação libidinal relacionada com a sexualidade infantil perversa polimorfa. Para Freud o sintoma só é patológico quando o sujeito insiste compulsivamente em um tipo de modalidade de satisfação que exige exclusividade no objeto e na fixação libidinal.¹

Como elemento possibilitador da expressão da fixação libidinal, o sintoma apresenta-se como porta de entrada a elaborações clínicas e leituras conceituais.

No processo analítico, o que está em curso não é a remoção sintomática, mas o desvelamento dos sintomas. Tal desvelamento auxilia analista e analisante a darem início a um trabalho transformador dos elementos do psiquismo que, por diferentes razões e desrazões, tinham se cristalizado, impedindo movimentos que gerassem criação e prazer.

DO SINTOMA AO SUPEREU

Alguns sintomas chamam nossa atenção por sua prevalência em diferentes momentos de diferentes pacientes, de modo a indicar que possivelmente traços predominantes em nossa cultura, em alguma medida, operem de modo a exacerbar esses sintomas.

¹ Ocariz, 1999.

Vivemos em uma sociedade na qual predominam velocidade e funcionalidade como *modi operandi*. Esses dois aspectos de exigências a serem cumpridas em nossos cotidianos nos diferentes ambientes que habitamos, refletem-se na clínica psicanalítica em sintomas como o estado maníaco, como contraponto a um estado melancólico, e também como o estado de paralisia de atitudes e pensamentos.

A partir da obra de Freud, podemos entender a mania como sintoma que expressa a aproximação entre Eu e ideal de Eu², e a melancolia como expressão do afastamento entre os mesmos elementos.³ Neste campo teórico, o ideal destaca-se como elemento provocador de angústia, aproximando condições que aparentemente figurariam em pólos opostos de um “mapa” deste campo.

Em outra leitura possível, ambos os pólos – o de aceleração (representado pelo estado de mania) e o de paralisia – podem ser entendidos como duas possibilidades de uma mesma condição da constituição psíquica. Refiro-me, aqui, à condição de submissão a uma instância superegóica que pode insidir de forma contundente quanto ao imperativo categórico a que se refere Freud⁴ em *O Eu e o Id*, de 1923, texto no qual a instância psíquica em questão é formulada.

SUPEREU NA CONTEMPORANEIDADE

Autores contemporâneos da psicanálise, ao explorarem aspectos dos sintomas que comparecem com maior frequência na clínica atual, elaboraram teses sustentadas na idéia de que o declínio da função paterna constitui elemento desencadeador de sintomas específicos, como, por exemplo, a mania e a melancolia aludidos nesta Introdução.

Em *Um mundo sem Limite*, diversas questões levam Lebrun⁵ a sustentar o declínio da função paterna como operador primordial no mundo contemporâneo. O fio condutor que liga as apresentações sintomáticas, segundo o autor, diz respeito a um processo de dessimbolização

² Eu e ideal de Eu são temas explorados por esta pesquisa em seu corpo teórico.

³ Freud, ESB 1996m, EA 1993a.

⁴ Freud, ESB 1996o, EA 1993b.

⁵ Lebrun, 2004.

vivido por nossa sociedade, processo este perceptível, por exemplo, no desaparecimento de ritos e de papéis, e na impossibilidade de utilização do espaço que construímos como universo simbólico.

O processo de dessimbolização utilizado por Lebrun a fim de marcar o declínio da função paterna como operador primordial na contemporaneidade pode, numa outra perspectiva de leitura, ser atribuído a um excesso, ao invés de falta, de ritos e símbolos permeando nossa cultura. Nessa angulação, tudo na cultura contemporânea constitui matéria de rito e é efetivamente ritualizado; tudo pode se tornar símbolo de algo, e efetivamente os símbolos e os códigos se multiplicam. Assim, por exemplo, a máxima que preconiza “transformar a vida numa obra de arte” reveste mesmo as atividades cotidianas de um caráter a um só tempo performático, estetizado e ritualístico. O mesmo vale para as práticas do consumo que vão desde os alimentos até o vestuário, a moradia, o carro, etc., de modo a conformar estilos de vida e, portanto, ordens de pertencimentos que são altamente ritualizados em si mesmos. Dessa proliferação de condições ritualizadoras decorre a banalização dos ritos. Deste ponto de vista, o excesso de ritos – e não sua falta – e a subsequente banalização dos mesmos que ocasionam o enfraquecimento, no sentido qualitativo, de suas possibilidades de ancoragem do sujeito.

No entanto, tanto a interpretação de Lebrun acerca da leitura sobre ritos e símbolos, quanto seu contraponto colocado coincidem em apontar para uma mesma direção quanto ao peso do processo de simbolização ou dessimbolização vividos na contemporaneidade. Ou seja, tanto da perspectiva quantitativa como da qualitativa, na contemporaneidade, os ritos e símbolos em seus modos de subjetivação podem ser lidos como estando estreitamente ligados ao enfraquecimento da função paterna .

Lacan⁶ preconizou a função paterna como aquela que insere o sujeito na cultura e não necessariamente a função da figura do pai. Na triangulação edípica, base da nossa constituição psíquica, o terceiro abarca também a função de mediação com o mundo até que o infante adquira sua própria divisão psíquica – com a constituição das intâncias psíquicas, como abordado no decorrer deste trabalho – para desenvolver a sua “autonomia”. A função do pai implica, portanto, um processo de simbolização entre a função biológica e as trocas

⁶ Lacan, Jacques – *Le Séminaire, livro III*, 1981, p. 329, citado por Lebrun, 2004, p.26.

culturais, articuladas pela linguagem.

(...) para que o termo “pai” adquira o sentido que lhe damos é necessária a experiência da linguagem. A partir daí, coloca-se a questão de saber como o pai vai se presentificar para o sujeito, se é verdade que a linguagem o constitui ao mesmo tempo em que é por ele constituída.⁷

Freud⁸ caracterizou como a passagem pelo Complexo de Édipo justamente a entrada do pai como terceiro, de modo a efetivar a separação psíquica mãe/bebê. O pai, então, teria papel fundamental para a constituição do sujeito autônomo. O pai, em Freud, constitui elemento de referência para a construção superegógica em sua função de instituir os limites necessários para a constituição psíquica, fundamentalmente na instauração que faz da lei proibidora do incesto⁹. Nesses termos, a função paterna possibilita, por meio do processo identificatório, a constituição do ideal de Eu, base de construção teórica do supereu.

A ESCRITA DE FREUD

A escrita de Freud possibilita interpretações e problematizações por sua própria forma, que incessantemente instiga o pensamento e a elaboração. Partindo da clínica, de observações cotidianas e de leituras nos campos da literatura, da história e da mitologia, Freud elaborou e reelaborou seus próprios questionamentos, considerando, justamente, o entrecruzamento destes pontos de partida.

Um aspecto que me chama a atenção no processo de escrita de Freud é o uso da figuração e da ilustração de seu raciocínio clínico, por meio de vinhetas clínicas¹⁰ e também de cenas da literatura¹¹. Esse processo levava o autor à utilização, muitas vezes, do quadro patológico – em seu movimento exacerbado, como, por exemplo, a expansão na mania ou a paralisação na melancolia¹² – como recurso propiciador da elucidação do funcionamento psíquico, na busca de entendimento acerca do acontecer psíquico.

⁷ Lebrun, Jean-Pierre, idem, p. 26

⁸ Freud, 2000.

⁹ Freud, 1996g.

¹⁰ i.e. Freud, ESB 1996h, EA 1993c.

¹¹ i.e. Freud, 1996k.

¹² conforme Freud, 2006a.

Em toda a obra de Freud encontramos diversos exemplos do uso da figuração e da literatura para a formação dos conceitos, ou para ilustração de um pensamento acerca dos processos psíquicos. O complexo de Édipo, trazido da mitologia grega, e a análise do presidente Schreber, por meio de sua autobiografia, constituem dois exemplos célebres desta natureza de trabalho, ao mesmo tempo em que são célebres porque conformam um material que utilizamos até os dias atuais como fonte de abertura para entendimentos cruciais na psicanálise contemporânea.

Talvez por trabalhar com movimentos que são, por assim dizer, inapreensíveis, no sentido de impalpáveis, a despeito de serem intensamente vividos, Freud com frequência recorria a imagens e a conexões entre elas, o que resulta num arcabouço que continuamente inspira possibilidades de interpretação e reelaboração.

A CRÔNICA

A construção do conceito supereu na teoria freudiana sobre a constituição do sujeito contém diversos elementos que surgem de sua prática clínica. Além da utilização desses elementos, Freud explorou a literatura de maneira bastante singular, a fim de explicitar suas elaborações teóricas.

A crônica *O Cheiro do Ralo*, de Lourenço Mutarelli¹³, escolhida para a discussão nesta dissertação, traz Lourenço, personagem principal, numa busca que nos remete à passagem dos processos psíquicos de uma formação primária, narcísica, à possibilidade do investimento objetal e conseqüente formação superegóica por meio da identificação. Nos processos vividos pelo personagem, ganha destaque a construção que pretende fazer do pai, figura que, ausente em sua memória, se mostra ilustrativamente como importante lugar de ancoragem para suas possibilidades elaborativas.

A figuração literária aqui escolhida, por um lado, explicita o peso do ideal na constituição superegóica; por outro lado, insere a relação objetal parcializada, como visto no corpo da dissertação, como elemento a ser revisitado na teoria sobre a constituição da instância superegóica.

¹³ Mutarelli, 2002.

O CHEIRO DO RALO

Na crônica *O cheiro do ralo*, a apresentação do narrador e personagem principal se faz através da sua relação com o outro – os freqüentadores de seu escritório, a noiva com quem rompe o noivado, a balconista da lanchonete onde almoça. Lourenço¹⁴, morador da grande São Paulo, é dono de uma loja de compra de objetos usados, que são vendidos a ele por pessoas que passam por dificuldades financeiras.

Numa das rápidas menções às transações de negócio com seus clientes, Lourenço insere uma fala a respeito do cheiro do ralo do banheirinho de seu escritório que, por vezes, o incomoda, e, por outras, dá margem à uma certa indulgência para consigo mesmo, através da qual ele se isenta da responsabilidade por aquele fedor. Neste jogo de zigue-zague, o que ocorre é que o mau cheiro se torna o elemento central das conversas e dos pensamentos de Lourenço. Um cliente que pretende vender-lhe um violino é quem chama a atenção do personagem principal para o cheiro, que passa, então, a ser um elemento constante em sua cadeia associativa. O personagem principal tenta explicar o cheiro advindo do ralo, mas o cliente insiste na conexão entre ele e o cheiro, uma vez que Lourenço é o único usuário do banheiro que exala o cheiro.

Em cada um dos encontros subseqüentes com os clientes, em cada negociação que se segue, Lourenço se ocupa mentalmente em buscar elementos que pudessem costurar suas cadeias associativas e, portanto, servir de material que pudesse conferir sentido para seu sofrimento psíquico, a este ponto já atribuído ao cheiro do ralo. Num processo de construção incessante, de busca por uma lógica, Lourenço clama por um sentido, mas desemboca em junções de fragmentos de elementos parcializados, objetalizações da sua relação com o outro, e condensações de objetos e sensações.

Entra em cena, então, a relação com a noiva, que é apresentada pela cena de rompimento do noivado, evento que, na marcação temporal da crônica, ocorre um mês antes da data marcada para a cerimônia. Num jantar com a noiva, ela o recorda que os convites para o casamento estão na gráfica. Esta fala desencadeia o recuo de Lourenço, isto é, o rompimento não só do

¹⁴ O personagem principal não se apresenta com nome próprio na peça literária, sendo aqui utilizado o nome adotado na película cinematográfica.

noivado, mas também o fim do relacionamento.

Na lanchonete em que, a título de almoço, mastiga um lanche invariavelmente ruim, enquanto usa o tempo de espera pelo prato lendo no balcão, Lourenço depara-se com a bunda da balconista que se abaixa para pegar algo. O personagem não consegue registrar nem pronunciar o nome da moça, tampouco gravar seu rosto, apenas a bunda se inscreve em sua mente. Pensando na bunda, Lourenço se vê incitado a estabelecer algumas conversas com sua portadora. Os diálogos entre ambos se estabelecem em torno de dois assuntos aleatórios, num deslocamento necessário do pensamento de Lourenço para que ele se aproxime da bunda. Assim, falam sobre os livros que ele sempre carrega, o que acaba dirigindo a conversa para a *Revista dos Astros* – única leitura da moça; e falam sobre a bala de framboesa que ele recebe como troco, e que acaba por estabelecer uma aproximação maior com a dona da bunda. Então, a bunda passa a sorrir para ele, a dirigir-se a ele, numa equação análoga àquela que é realizada pelos objetos que ele compra em seu escritório, isto é, quando os objetos são os balizadores da fala em direção ao outro.

À noite, os elementos se condensam, restos diurnos formam um sistema, encadeiam-se numa lógica que busca a compreensão de seu sofrimento. É o cheiro do ralo o desencadeador de todo o processo. Um calafrio nas costas de Lourenço provoca um processo associativo que liga suas interpretações dos quadros de Bosch, do cu, como representante do inferno, às leituras que fez de textos de Freud sobre o medo, sobre os fantasmas, redundando, mais uma vez, na conclusão de que o cheiro do ralo é culpado pela sensação desprazerosa que vivencia. Aglomeram-se sensações e entendimentos atribuídos ao outro. Cindido e afastado de seus próprios sentimentos, Lourenço não entende porque sofre. Ele atribui a culpa por seu sofrimento ao cheiro do ralo, mas continua sem explicação do porquê de seu sofrimento.

De todo modo, e em seu isolamento, Lourenço monta a lógica dos elementos que geram sua ansiedade e decide que pode acabar com o sofrimento tampando o ralo com cimento, alegoria do encobrimento do vazio sugerido pela ausência de objeto.

Outro dia. Um cliente lhe traz um olho de vidro e atribui ao objeto a qualidade de ter visto de tudo. Lourenço se encanta com o olho, compra-o por um preço alto, pois quem comanda a negociação é o cliente, que percebera seu interesse pelo olho que viu tudo. Em torno do olho, montam-se histórias. Ele mostra aquele olho de vidro a todos, mas não sem antes criar

suspense em torno do objeto. Este é o olho de seu pai que morreu na guerra. O olho é posicionado em frente à TV fazendo-lhe companhia, o olho o olha velando seu sono. Torna-se o olho da sorte quando, exatamente durante o período de tempo em que o olho está mirado na bunda da balconista, ela o convida para sair: “*Putá olho da sorte.*”¹⁵

Em resposta à fala do homem que lhe vende o objeto cobiçado, associa o olho à bunda numa condição de complementariedade: o olho não tinha visto tudo porque não viu a bunda. Se o olho chegasse perto da bunda, se visse a bunda, um conjunto estaria, então, completo, ou seja, sem falta. O olho e o cu, metáforas a um só tempo do vazio e de seu complemento, imaginariamente trariam sustentação para suas construções.

Em seus devaneios, o convite da balconista, inicialmente sinal de sorte, logo se transforma em fator desencadeante de nova lógica conturbada. Lourenço fica paralisado: não vai ao encontro marcado com a balconista. À noite, os pensamentos acelerados de Lourenço tentam organizar os elementos provocadores da paralisação que o impede de ir ao encontro da moça. A linha associativa de Lourenço expressa a introjeção de detritos como modo de aproximação de seu suposto desejo: para ver a bunda, alimenta-se de lixo (comida da lanchonete) que desemboca no ralo fazendo-o feder. Em suma: a bunda faz o ralo feder. A seguir, a negação de sua própria construção faz Lourenço mergulhar em seu isolamento: a bunda não é culpada pelo cheiro, mas poderia lhe causar uma lesão cerebral, e convites na gráfica, numa repetição de processo vivido com a noiva.

Novamente na lanchonete, a balconista insinua-se para Lourenço, que logo revela todo o horror diante da descoberta de que seu objeto de desejo conectava-se a um ser, desfazendo o processo que se impôs a si mesmo de se relacionar com o outro somente na situação de subjugação. Ele discute com a moça, que se ofende com a oferta de dinheiro para que lhe mostre a bunda, e sai da lanchonete com pensamentos conturbados, e sem entender a indisposição da balconista em ocupar o lugar de objeto vendável. Lourenço atribui ao olho a culpa pelo ocorrido, com o que o olho passa a ser o olho do azar.

Após uma boa noite de sono, Lourenço relativiza a intensidade do dia anterior e sua raiva do olho. Seu sofrimento não é culpa do olho. Seu trabalho é comprar coisas de outros, coisas

¹⁵ Mutarelli, 2002, p.37.

com histórias, e, devido a seu cansaço, termina por absorver os sentimentos impregnados nestas histórias.

Diante de um senhor fardado que vem vender uma coleção de soldadinhos de chumbo, o narrador-personagem recria sua história. Mostrando o olho ao homem que esteve na mesma guerra em que seu pai morreu, descobre que este homem quase salvou a vida de seu pai. Juntos dramatizam os momentos de lutas, usando os soldadinhos. Lourenço acredita poder reconstruir seu passado, convence-se de que pode prever o passado, à maneira do horóscopo, só que no sentido temporal inverso .

De volta à lanchonete, depois de um tempo sem almoçar, Lourenço tenta estabelecer diálogo com a balconista e demora a perceber que aquela não era a moça que costumava atendê-lo. De fato, não percebe a diferença até o momento em que ela explicita ser outra pessoa, o que ele confirma olhando para sua bunda. Sai desnortado, pois percebe que somente reconheceria a balconista pela bunda. A bunda era o todo da moça para Lourenço. Em meio a este desnortamento, Lourenço tira o olho do bolso e pede que ele, olho, o tire desta condição.

O cheiro volta a incomodar, mostra-se em sua plenitude, e o banheirinho é inundado com aquela água fétida que sai do ralo. Lourenço dita a solução ao encanador: tampar o ralo com cimento. O encanador recusa-se a aceitar tal solução, e devolve a Lourenço a necessidade de entender o que se passa em relação ao cheiro e ao ralo, isto é, em relação ao sistema de comunicação criado pelos canais constituídos por tubos e conexões.

Mas podemos ver que o entendimento de Lourenço está feito, conforme segue. Os buracos (ralos) nomeados como portais do inferno são os meios pelos quais Lourenço é observado. Os portais têm um querer, eles querem observar, enlamear, deixar Lourenço doente. Um poder observador, invasor e controlador projeta-se no buraco que perturba seus pensamentos. Cabe a Lourenço barrar este poder com areia, cimento, cascalho.

A seqüência de pessoas que entram e saem do escritório de Lourenço é intensa, ou é intenso o ritmo de seus pensamentos e de sua percepção de entradas e saídas. Um instrumento de sopro, um prato, um estojo de compasso, uma caixa de ferramentas, um relógio, uma caixinha de música. A seqüência dos freqüentadores de seu escritório é claramente percebida como

seqüência de objetos que desfilam à sua frente. E os objetos são avaliados com desprezo, produzindo-se, assim, a agressão verbal de Lourenço em direção ao outro.

Uma moça, em desespero, vem lhe vender um prato, o único objeto que lhe restava, todos os outros já haviam sido vendidos a Lourenço. Numa condição de subjugação, a moça se coloca no lugar desprezado e desvalorizado que o personagem atribui inicialmente ao prato. Outra moça vende a Lourenço a imagem erotizada de seu corpo. Excitado, ele despeja todo o dinheiro de suas caixinhas sobre a cliente. Rastejando até o banheiro, cheira o ralo e fica lá deitado, inerte.

A moça do prato retorna e, aparentando estar sob efeito de drogas, tira a roupa, exigindo desesperadamente algum dinheiro. Lourenço está confuso, tenta provar que não tem dinheiro. Outras pessoas começam a entrar no escritório. A confusão está armada.

Percebendo um momento de fragilidade do personagem, seus clientes decidem devolver a ele toda a agressividade recebida, todo o desprezo verbalizado por Lourenço a cada um, com o que os clientes invertem a posição por ele imposta até então.

De volta à lanchonete, Lourenço recebe da nova balconista o telefone da antiga, da dona da bunda que ele procurava. Quando retorna ao escritório, dispensa todos os clientes e se dedica exclusivamente em tentar encontrar a moça, ligando incessantemente para o número que obtera, mas não tem sucesso.

No dia seguinte, retoma a construção do pai. Compra uma perna, uma prótese japonesa. Para Lourenço, esta será a perna de seu pai, seu pai Frankenstein.

Finalmente, Lourenço consegue falar com a dona da bunda por telefone. Ela está desempregada. Ele quer desesperadamente rever a bunda e, então, propõe à moça um emprego como recepcionista, caso ela não queira lhe vender a visão de sua bunda. Marcam um encontro em seu escritório. O encontro se dá conforme o desejo explicitado de Lourenço. Ela vem vender a visão de sua bunda e recebe por isto todo o dinheiro das caixinhas de Lourenço. Diante da bunda desnuda, Lourenço se ajoelha, abraça a bunda, e a nomeia como contraponto do ralo: “O ralo e a bunda, dois extremos. Dois buracos extremos. Um leva ao interno

do ser, outro ao interno do mundo”.¹⁶

Lourenço volta ao trabalho, e é a moça do prato quem lhe traz um último objeto. A moça do prato diz portar a única verdade de Lourenço, a arma que contém a bala que só serve nele.

Ao som do disparo da arma, Lourenço lembra de tudo o que comprou, de todas as coisas que ele pensava ter colecionado, mas que, de fato, o colecionaram. No movimento de possuir os objetos estava a tentativa de se fazer significar. São os objetos, como fragmentos de um psiquismo caótico, que o colecionam.

Em suas últimas construções, deitado e coberto por sangue, Lourenço devaneia: “a morte cura e machuca”¹⁷. E assim seu corpo se esvai, como os dejetos que descem pelo ralo. Ainda numa última associação, o ralo como metáfora da morte, expressa a função que o acompanhava sempre à espreita.

PROBLEMATIZAÇÃO

Na leitura da crônica, tomada como caso clínico, as associações expostas por Lourenço levam à compreensão de uma constituição psíquica fragmentada. Fragmentação esta exposta pelo modo como se desenrola a relação com seu mundo circundante, advindo da forma de constituição de sua relação objetal.

A função paterna, como possibilitadora dos processos de simbolização do sujeito, interpretada em seu enfraquecimento como operador da dificuldade de posicionamento do sujeito na atualidade, pode ser convocada para a leitura do caso analisado.

Aliando a leitura interpretativa do personagem aos aspectos expostos nesta introdução – relativos à leitura acerca da constituição superegóica e do lugar ocupado pela falência da função paterna na atualidade –, cabe indagar: quais seriam as alternativas ao sujeito, em relação à sua constituição superegóica, no contexto – de constituição psíquica – em que se inscreve? O contexto ao qual nos referimos aqui é o de uma constituição psíquica na qual prevalece a relação de objeto parcial, e para a qual se percebe um fraco processo elaborativo

¹⁶ Mutarelli, 2002, p.134.

¹⁷ Mutarelli, 2002, p.141.

do complexo edípico.

ARQUITETURA DO TRABALHO

O eixo argumentativo da presente dissertação foi montado a partir da conjugação de vinhetas teóricas com dados provenientes da crônica literária intitulada *O cheiro do ralo*, cujo tratamento teve o estatuto de caso clínico. A concepção de vinheta teórica se justifica pelo fato de não haver, aqui, o objetivo de proceder a uma abordagem exaustiva da teoria psicanáutica, mas tão somente o objetivo de convocar os pontos da teoria que estão em diálogo com o caso analisado. Tal procedimento encontra razão no fato de seguir de perto o que acontece no exercício diário da prática clínica, quando a teoria se coloca a serviço do que é suscitado ao longo do trabalho analítico.

Em consonância com o que foi acima exposto, a idéia guia do trabalho investido nesta dissertação foi a de ensinar o diálogo entre os temas teóricos anunciados e o caso representado pela crônica. O resultado desta opção de condução do trabalho está materializado nas páginas que se seguem. A análise contida nessas páginas tem um caráter inacabado e, num determinado sentido, precário. Cabe dizer que esta condição de precariedade não ocorreu de forma fortuita, ao contrário, ocorreu de forma proposital, pois que foi considerado importante pôr em evidência que, como toda forma de conhecimento, o que é apresentado neste trabalho constitui um processo de elaboração e argumentação a ser tomado como narrativa em aberto, isto é, como narrativa em andamento, em processo, livre, portanto, de ser tomada como verdade final acerca das questões em pauta. Assim, o propósito deste trabalho é contribuir para o adensamento da discussão acerca dos temas focalizados, no sentido de provocar reações que consubstanciem a continuidade desta discussão.

Em virtude da arquitetura e da natureza de inserção dos argumentos desenvolvidos ao longo deste trabalho, sua escritura resultou em três capítulos. No primeiro capítulo, "Ideal de Eu", são focalizadas elaborações consideradas fundamentais ao entendimento do processo de constituição do conceito em pauta na formulação de Freud. No capítulo, é destacado o processo próprio da constituição conceitual do autor em função da abertura à leitura psicanalítica do texto literário como caso clínico. Assim, após a apresentação da leitura dos textos de Freud, segue uma leitura interpretativa do personagem da crônica, destacando-se o

direcionamento do movimento pulsional no processo identificatório presente na constituição do ideal de Eu de Lourenço.

No segundo capítulo, “Supereu – parte I”, é abordada a formulação do supereu como herdeiro do complexo de Édipo. Nesta vertente do conceito, a análise que se segue do personagem da peça literária exemplifica a situação na qual a fixação anal alia-se à relação de objeto parcial, em função de uma precária elaboração do complexo edípico.

No terceiro capítulo, “Supereu – parte II”, são contemplados os textos de Freud que, situando sua segunda tópica, apresentam o supereu como instância psíquica. Isto significou proceder à síntese da noção de identificação – como havia sido concebida até aquele momento de construção teórica – e de sua influência na constituição superegóica, assim como a associação desta noção ao supereu, como herdeiro do Complexo de Édipo. Mais especificamente, os textos eleitos no capítulo são os que constituem parte da passagem da primeira à segunda tópica, momento em que se constitui o conceito supereu, base teórica da leitura do caso clínico. Na parte analítica do personagem, a eleição do olho como representante superegóico retoma a leitura de uma condição regredida da libido, e expressa o drama vivido por Lourenço, dada a contundência com que o representante paterno incide em suas associações.

Na seção intitulada “Considerações finais”, o objetivo foi o de construir uma amarração dos argumentos expostos ao longo do trabalho, a fim de inseri-los no campo de discussão acerca dos temas abordados. Conforme já anunciado, o escopo destas considerações não é o de estabelecer conclusões cabais, ao contrário, é o de contribuir para a continuidade da discussão em pauta.

No que tange ao conjunto deste trabalho, cabe explicitar que para a parte teórica foram selecionados textos da tradução organizada por Luis Alberto Hanns e, na ausência de traduções diretas dos textos em alemão, foram utilizados cotejos de duas obras completas, a saber, as Edições Standard Brasileiras (indicadas ao longo do texto pela sigla ESB), e as Obras Completas da Amorrortu Editores (indicadas pela sigla EA).

1

IDEAL DE EU

AS BASES DO SUPEREU

A obra freudiana é marcada por constantes revisões teóricas. Na medida em que tais revisões foram realizadas, cada texto lançava luz sobre determinado conceito relacionando-o aos demais no raciocínio e nas observações clínicas de Freud.

O desenvolvimento do conceito eleito como objeto central de discussão neste trabalho, o de 'ideal de Eu' – posteriormente denominado 'supereu' – na obra de Freud não foi diferente. Presente em gérmen desde as teorias sexuais infantis, passou a delinear-se mais concretamente a partir da revisão que se iniciou em período imediatamente anterior à virada de construção teórica que, hoje, localizamos em meados de 1920.

Neste trabalho, o recurso a alguns conceitos consagrados pela psicanálise anteriormente ao conceito de 'ideal de Eu', se justifica por favorecerem um tratamento mais acurado do que está em pauta. Assim, o caminho percorrido neste capítulo explora a trilha aberta por estes conceitos até o momento em que o 'ideal de Eu' passou a comparecer como conceito na obra freudiana.

SOBRE O PRINCÍPIO DE REALIDADE

*Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*¹⁸, publicado pela primeira vez em 1911, é um texto que Freud redigiu ao mesmo tempo em que se dedicava à história de Schreber, *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*¹⁹, cuja primeira publicação também ocorreu em 1911. No texto sobre os princípios do acontecer psíquico, Freud fez um exame das hipóteses publicadas no *Projeto para uma psicologia*

¹⁸ Freud, 2004a

¹⁹ Freud, 1996d

*científica*²⁰, surgido em 1895, e no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*²¹, publicado em 1900. Tais hipóteses abriram espaço para discussões que foram levadas a público em *À guisa de introdução ao narcisismo*²², publicado em 1914, e nos textos metapsicológicos.

Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico trata, basicamente, da distinção entre princípio de prazer e princípio de realidade.

O artigo distingue nitidamente duas formas de atividade mental: o processo primário, o primeiro a surgir, se caracteriza por uma incapacidade de suportar a ordenação dos desejos ou qualquer delonga na satisfação deles. Ele obedece ao princípio do prazer. O outro, o processo secundário, que amadurece no decurso do crescimento, desenvolve a capacidade humana de pensamento e é, assim, um agente da ponderação e do adiamento proveitoso. Ele obedece ao princípio de realidade – pelo menos durante parte do tempo.²³

Por meio de observações clínicas, Freud percebeu a tendência de pacientes neuróticos em se afastarem da realidade. “O neurótico afasta-se da realidade por achá-la insuportável – seu todo ou partes dela”.²⁴ Tal constatação foi possível em virtude da introdução do processo de recalque²⁵ como conceito.

Num primeiro momento, Freud postulou a diferença entre neurose e psicose alucinatória, entendendo que no segundo caso há negação²⁶ do evento ‘provocador’ da loucura²⁷. Em seguida, o fator diferenciador foi percebido como aquele que une, em certa medida, ambos os funcionamentos psíquicos, uma vez que em neuróticos há também negação de algo da realidade. Freud pôs-se, então, a investigar “o significado psicológico do mundo real

²⁰ Freud, 1996a

²¹ Freud, 1996b

²² Freud, 2004b

²³ Gay, 1989, p.312

²⁴ Freud, 2004a, p.65

²⁵ Parte da definição de Laplanche e Pontalis sobre o recalque: “Operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências”. (1998, p.430) Muitas vezes o termo é aproximado ao de defesa e utilizado como protótipo de outras operações de defesa.

²⁶ A negação aparece como conceito em diferentes momentos de sua obra, como coloca o tradutor: “O termo é empregado por Freud ora como mecanismo de defesa acessório da neurose, ora como mecanismo da perversão, ora como defesa da psicose” (Freud, 2004a, N.T. p.72)

²⁷ Naquele momento, a teoria do trauma ainda embasava os escritos sobre as patologias de forma a ligar crises a eventos desencadeadores das mesmas.

externo”²⁸.

Nesta direção, Freud denominou como processos primários os processos psíquicos inconscientes que são ponto de partida para o processo analítico. Estes processos inconscientes são os mais básicos e guiam-se pelo princípio do prazer²⁹. A tendência à obtenção de prazer³⁰, com o concomitante afastamento do desprazer, segundo o autor, é comprovada pelo sonhar noturno, pois que o sonho, aqui, intervém através do rebaixamento ou da ausência de defesas, de modo a cumprir a função básica de satisfazer o sonhador

Retomando desenvolvimento já expresso em *A interpretação dos sonhos*³¹ e no raciocínio esboçado no *Projeto para uma psicologia científica*³², de 1895, Freud fez o seguinte acréscimo:

Desde o início, exigências imperiosas oriundas de necessidades internas do organismo perturbavam o estado de repouso psíquico. Nesse estado, de modo análogo ao que ainda hoje ocorre todas as noites com nossos pensamentos oníricos, o pensado (o desejado) apresentava-se simplesmente de forma alucinatória. Foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração, para que esta tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve, então, de se decidir por conceber [*vorzustellen*] as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste. Com isso, foi introduzido um novo princípio da atividade psíquica: não mais era imaginado [*vorgestellt*] o que fosse agradável, mas sim o real, mesmo em se tratando de algo desagradável. Essa instauração do *princípio da realidade* mostrou-se um passo de importantes conseqüências.³³

Nesta passagem, vários raciocínios anteriores se condensam. Assim, vemos que a tendência ao repouso abre passagem para a elaboração do princípio de realidade, ao mesmo tempo em que retoma o raciocínio antitético manifesto nas formulações satisfação/frustração e

²⁸ Freud, 2004a, p.65

²⁹ Primeira aparição do termo na obra freudiana de acordo com o tradutor inglês. (idem, p.72)

³⁰ Segundo o tradutor, o termo em alemão *lust* aqui empregado abrange o sentido sensorial e também o motivacional. (idem, p.72)

³¹ Freud, 1996b.

³² Freud, 1996a.

³³ Freud, 2004a, p.66.

alucinação/modificação da realidade, raciocínio este, portanto, que, presente desde o início nos escritos freudianos, resultou, mais tarde, por exemplo, na construção dos conceitos de pulsão de vida e de morte.

De volta ao ponto em pauta, na situação contemplada pela citação do trecho freudiano, a não ocorrência da satisfação – objetivo último, de acordo com o princípio do prazer – gera frustração, mas igualmente preconiza o abandono da possibilidade de satisfação subsequente através da alucinação. Em nota, Freud infere que a entrada no princípio de realidade, decorrência do abandono da solução alucinatória do psiquismo, deve-se à impossibilidade de qualquer organização conseguir manter-se e se constituir exclusivamente por via do princípio do prazer. A situação em que lactente passa a expressar insatisfação por via motora, ao invés de alucinar a satisfação, parece constituir um bom exemplo do raciocínio exposto.

Devido à instauração do princípio de realidade, Freud inferiu uma série de adaptações do aparelho psíquico, enumerando-as como indicações. Assim, diante da maior importância da realidade externa, a consciência, além de efetuar funções referentes à dinâmica prazer/desprazer como no funcionamento guiado pelo princípio do prazer, passa a captar também qualidades sensoriais³⁴.

Nesta angulação, Freud argumentou na direção da substituição do processo efetuado pelo recalque – de exclusão de representações geradoras de desprazer – por uma “imparcial avaliação do juízo”.³⁵ Em outras palavras, parte da função de exclusão recebe o encargo de decidir sobre a veracidade da representação baseada na realidade. Ou ainda, parte da função de exclusão torna-se função de julgamento.

A instauração do princípio da realidade também traz uma evolução ao processo do pensar.

Em sua origem, o pensar era provavelmente inconsciente, ultrapassava apenas o ato de visualizar mentalmente [*Vorstellen*] e se dirigia só às relações entre as

³⁴ Garcia-Roza, define o uso de qualidade por Freud: “As qualidades não são apenas cores, sons, texturas, sensações de quente e de frio etc., elas são, mais do que isto, sínteses das impressões elementares, algo que se apresenta em termos de semelhanças e diferenças.” E mais adiante: “Para ser preciso, a qualidade não resulta da estrutura do aparato, não há primeiro aparato com uma estrutura determinada e depois a transformação da quantidade em qualidade. O aparato constitui-se simultaneamente com a transformação da quantidade em qualidade.” (2002a, pp.214-15)

³⁵ Freud, 2004a, p.66

impressões deixadas pelo objeto. Somente adquiriu qualidades perceptíveis à consciência por meio da fixação [*Bindung*] a restos de palavras.³⁶

Aquilo que, de início, constitui um mecanismo que servia à alucinação, entendida como meio de satisfação, passa a cumprir, na condição de pensamento, uma função cognitiva. Para essa passagem, parece elucidativo o processo no qual um bebê que inicialmente somente reconhece a figura materna, ou parte dela, em função de suas necessidades, passa, em momento subsequente, a pronunciar sílabas às quais são inferidos significados pelos cuidadores. A partir dessa atribuição de significados a tais sílabas pelos cuidadores, desenvolve-se um processo de construção de compartilhamento destes significados, através do qual os signos se registram como traços no psiquismo do infante.

Embora a entrada em cena do princípio de realidade constitua uma evolução do aparelho psíquico, tal evolução não significa a substituição completa do princípio de prazer pelo princípio de realidade. Ambos os princípios coexistem, sendo que no *modus operandi* de tal convivência, apenas parte do segundo é substituída pelo primeiro. Freud recorreu às pulsões do Eu, diferenciando-as das pulsões sexuais para esclarecer tal processo de substituição parcial:

Enquanto esse desenvolvimento está ocorrendo com as pulsões do Eu, as pulsões sexuais desprendem-se das primeiras de modo muito marcante. De início, as pulsões sexuais comportam-se auto eroticamente e encontram sua satisfação no próprio corpo. Elas não chegam a enfrentar uma situação em que ocorram impedimentos [*Versagung*] à satisfação e que obriguem à instauração do princípio da realidade. Quando mais tarde o processo de busca de objeto³⁷ se inicia também para as pulsões sexuais, este logo sofre uma longa interrupção em virtude do período de latência³⁸, o qual posterga o desenvolvimento sexual

³⁶ Idem, p. 67

³⁷ Parte da definição de Laplanche e Pontalis que se aplica ao ponto: “Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e por que esta procura atingir sua meta, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasístico.” (1998, p.321).

³⁸ Segundo Laplanche e Pontalis, “Período que vai do declínio da sexualidade infantil (aos cinco ou seis anos) até o início da puberdade, e que marca uma pausa na evolução da sexualidade. Observa-se nele, deste ponto de vista, uma diminuição das atividades sexuais, a dessexualização das relações de objeto e dos sentimentos (e, especialmente, a predominância da ternura sobre os desejos sexuais), o aparecimento de sentimentos como o pudor ou a repugnância e de aspirações morais e estéticas. Segundo a teoria psicanalítica, o período de latência tem origem no declínio do complexo de Édipo; corresponde a uma intensificação do recalque – que tem como efeito uma amnésia que cobre os primeiros anos –, a uma transformação dos investimentos de objetos em identificações com os pais e a um desenvolvimento das sublimações.” (1998, p.263)

até a puberdade. Estes dois fatores – auto-erotismo e período de latência – fazem com que a pulsão sexual fique retida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça por muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer.³⁹

Fantasia e devaneio são exemplos desta ligação do aparelho psíquico ao princípio de prazer, movimento que se justifica pela economia do dispêndio de esforço (tendência do aparelho psíquico em apegar-se a fontes de prazer). Embora o surgimento do princípio de realidade sugira o abandono do funcionamento guiado pelo princípio do prazer, fantasias e devaneios demonstram que este abandono é parcial, ou seja, elementos do princípio do prazer continuam presentes no funcionamento psíquico em seu desenvolvimento.

Mas, se por um lado, ocorre esta substituição parcial do princípio do prazer pelo princípio de realidade, por outro, a instauração do segundo significa também a garantia de continuidade do primeiro, “um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar-se que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido”⁴⁰. O adiamento da satisfação só pode ocorrer a partir da introdução do princípio de realidade, quando o julgamento passa a ser parte constituinte do pensamento conforme já aludido. Ao mesmo tempo, a garantia de satisfação como motor resgata o funcionamento inicial, qual seja, o funcionamento do princípio de prazer.

Segundo Freud, ainda que ambos os princípios, de prazer e de realidade, permaneçam como funcionamentos ativos no aparelho psíquico, a instauração do princípio de realidade é destacada como momento de superação. Assim como a pulsão sexual passa de um momento auto-erótico a um investimento no amor objetal, há a passagem do que o autor denomina Eu-prazer a Eu-real. A passagem de um princípio a outro, e a transformação do investimento pulsional (do auto-erotismo ao amor objetal) correspondem a dois processos paralelos no aparelho psíquico. Ainda segundo Freud, qualquer etapa destes processos pode se revelar como sítio a partir do qual é possível ocorrer a disposição para o adoecimento neurótico, donde o termo e a concepção de adoecimento estão em conformidade com o entendimento, à época dos escritos de Freud, do funcionamento neurótico. Vale, portanto, marcar que a neurose – definida como estrutura psíquica que advém das escolhas do sujeito⁴¹, em sua

³⁹ Freud, 2004a, p.68

⁴⁰ Freud, 2004a, p.68.

⁴¹ A noção de sujeito adotada aqui segue a perspectiva enunciada em Kaufmann (1996): “O termo sujeito,

constituição – é tratada pela psicanálise contemporânea fora dos moldes clínicos em que fora criada a sua concepção primeira, ou seja, a de estado de adoecimento a ser curado.

Retomando a questão referente aos dois processos antevistos por Freud, importa assinalar que é precisamente nos rastros destes dois processos paralelos que se dá o trabalho analítico. E, sendo o trabalho analítico um processo que privilegia a via do inconsciente, para o qual não se colocam, portanto, testes de realidade, cabe, aqui, fazer remissão ao tratamento dado por Freud ao estatuto da realidade no processo analítico.

Nunca devemos aplicar os critérios da realidade às formações psíquicas inconscientes, pois, se o fizermos, acabaremos por subestimar o papel das fantasias na formação de sintomas só pelo fato de elas não serem realidades. De igual modo, correríamos o risco de deduzir equivocadamente de algum outro lugar o sentimento de culpa do neurótico apenas por não podermos comprovar a existência de um delito real.⁴²

Apesar da aparente simplicidade da formulação acima acerca da realidade na obra freudiana, é preciso reconhecer que ela aponta para a complexidade de que se reveste a questão no contexto mesmo desta obra. Assim, por um lado, os fatos descritos pela fala não devem guiar a escuta analítica, na medida em que apenas traçam as ligações inscritas pelo inconsciente. Por outro lado, a realidade ligada a um princípio de funcionamento psíquico oferece pistas da

introduzido por Lacan na psicanálise, está aí para tornar possível operar com a hipótese do inconsciente sem aniquilar sua dimensão fundamental de não sabido (*insu, Unbewusste*). “Qual é então esse outro a quem estou mais ligado que a mim, pois, no âmago mais assentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?”, pergunta Lacan, que prossegue: “sua presença só pode ser compreendida num Segundo grau de alteridade, que já o situa, ele mesmo, em posição de mediação em relação à minha própria dissociação de mim mesmo como de um semelhante”(Écrits). Esse outro é o sujeito do inconsciente em sua excentricidade de si para si mesmo; o sujeito do inconsciente eleva à condição absoluta (sem relação) esse segundo grau de alteridade. Ele não é sujeito no inconsciente, imaginado como um reservatório das pulsões, ele é essa pulsação, essa fenda por onde algo de não-sabido – de inconsciente – se abre e se fecha assim que é apreendido pela consciência. O sujeito não é nada de substancial, ele é momento de eclipse que se manifesta num equívoco (*bévue, Unbewusste*) Dizer “sujeito” é também dizer que a experiência que será feita desse engano o será por um ser falante, que se interroga no campo da linguagem sobre a existência de seu “eu”” (p. 502)

Quanto ao termo “escolha”, é importante sublinhar que seu uso na psicanálise difere do uso corrente. Cabe, então, recorrer a uma passagem de Laplanche e Pontalis (1986) que auxilia na compreensão do termo. A propósito da noção de ‘escolha de objeto’, os autores escrevem: “Quanto ao termo “escolha”, não deve ser tomado num sentido intelectualista (escolha entre diversos possíveis igualmente presentes), como não o deve ser na expressão “escolha da neurose”. Evoca o que pode haver de irreversível e de determinante na eleição pelo indivíduo, num momento decisivo da sua história, do seu tipo de objeto de amor.”(p. 213)

⁴² Idem, p. 70.

formação do aparelho psíquico povoado por elementos fornecidos pelo contexto no qual se constitui o psiquismo. Nestes termos, critérios (ou elementos) da realidade e princípio de realidade podem ser vistos como outro par de opostos complementares que se conjugam na cadeia de formação de conceitos freudianos.

Ainda em relação ao uso do termo realidade por Freud, vale dizer que aquilo que pode ser lido como algo contraditório em sua teoria, pode, ao mesmo tempo, indicar uma divisão didática na construção de duas teorias paralelas. O primeiro entendimento citado – realidade descrita pela fala no processo analítico – refere-se à teoria do método de Freud, segundo a qual as associações livres indicam ao analista manifestações da realidade psíquica. A realidade, neste plano, é concebida como elemento de ligação de processos psíquicos que singularizam o paciente. O segundo uso do termo realidade, ligado ao princípio de funcionamento psíquico, fornece as pistas de uma teoria de constituição do sujeito. Neste plano, elementos do mundo externo, descritos como realidade, são matéria prima na construção do psiquismo humano.

O sentimento de culpa ao qual Freud se referiu como lugar de eventuais equívocos interpretativos pela ausência de delito real – no sentido de ter de fato ocorrido na realidade do mundo – é tema presente em seus escritos desde *A interpretação dos sonhos*⁴³, e se revelou elemento importante à constituição do supereu. Por ora, fiquemos com a interpretação de um sonho que Freud ofereceu como exemplo explicativo do raciocínio que desenvolvera até então:

Um homem que cuidou do pai durante longa e dolorosa doença terminal conta que nos meses seguintes à morte deste sonhou repetidamente que *o pai já estava de novo vivo e falava com ele como de costume. No entanto, sentia com extrema dor que o pai já havia falecido, sem ter se dado conta da própria morte.* Nenhum outro caminho leva à compreensão do sonho – que soaria sem sentido – senão o acréscimo, após as palavras “que o pai já havia falecido”, do complemento “conforme seu desejo”, ou “em consequência de seu desejo”, e, ainda a estas últimas palavras, o acréscimo de “que era ele, o sonhador, que o desejara”. Assim, a idéia onírica passa a ser: é uma lembrança dolorosa para ele o fato de, quando o pai ainda vivia, ter tido que desejar a morte do pai (como

⁴³ Freud, 1996b.

uma redenção), e de como teria sido terrível se o pai tivesse suspeitado disso. Trata-se aqui do conhecido caso de auto-recriminação após a perda de uma pessoa amada, e neste exemplo a recriminação remete ao significado infantil do desejo da morte do pai.⁴⁴

Condensam-se nesta interpretação elementos de formação do processo inconsciente atribuídos à forma singular de elaboração, e a uma ordem, digamos, herdada de uma cultura. Por um lado, a auto-recriminação indica uma maneira singular de subjetivação da morte do pai. Por outro lado, o desejo de morte do pai como redenção diz de uma elaboração simbólica cuja passagem se faz necessária para a constituição psíquica.⁴⁵

Na evolução de suas elaborações, Freud indicou uma indissociabilidade entre psicologia individual e psicologia social. Os elementos retrçados a partir deste texto abriram caminho à revisão da estrutura do psiquismo. E foi especialmente o princípio de realidade que trouxe elementos para o delineamento da terceira instância psíquica em curso.

Ainda que a passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade seja didaticamente descrita como momento de superação, a presença paralela, conjunta ou dissociadamente de ambos os funcionamentos indica a complexidade dos processos psíquicos que o autor buscava destrinchar.

A noção de princípio de realidade como elemento constituinte ou momento nodal, que contribui para determinada apresentação de processos psíquicos, instaura espaços para a construção de um entendimento acerca do acontecer psíquico que é fundamental ao trabalho clínico. O acontecer psíquico, constituído pelos dois princípios de funcionamento, que operam conjuntamente, traz importantes elementos e formas de leitura das instâncias psíquicas, cujos desdobramentos são tratados nos capítulos que se seguem a este.

SOBRE OS PRIMÓRDIOS DO IDEAL DE EU

O caráter bifronte dos textos de Freud nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, visando a uma sùmula e preparando uma revisão, é mais evidente em

⁴⁴ Freud, 2004a, p.70 (grifos do autor).

⁴⁵ A questão do desejo de morte do pai como redenção é explorada por Freud em *Totem e Tabu* (1912-13), 1996g.

seu subversivo artigo sobre o narcisismo – isto é, subversivo em relação às suas próprias concepções há muito tempo sustentadas. Em seu estilo característico, Freud qualificou-o de introdutório. Não era falsa modéstia; ele reclamou que a redação do artigo era uma tarefa desagradável e que encontrava dificuldades em conter seus pensamentos explosivos dentro desse quadro.⁴⁶

Em *À guisa de introdução ao narcisismo*⁴⁷, publicado em 1914, Freud retomou muitos dos pontos e argumentos que já havia desenvolvido a respeito do narcisismo para abordar as relações entre o Eu e os objetos externos. Nesta obra, Freud traçou a distinção entre “libido do Eu” e “libido objetal” e introduziu o conceito ‘ideal de Eu’, conceito este que veio a constituir a base do que, posteriormente, em 1923, descreveu como o supereu em *O Eu e o Id*⁴⁸. O texto de 1914 se divide em três partes.

Na primeira parte, três frentes de trabalho analítico iniciam o desenvolvimento teórico de Freud a respeito do narcisismo, a saber: os quadros de esquizofrenia, os povos ditos “primitivos”, e a vida psíquica das crianças.

Para Freud, nos quadros de esquizofrenia, os delírios de grandeza freqüentemente observados indicam o investimento libidinal totalmente direcionado ao Eu. Seguindo o raciocínio de que o estado patológico comporta a exacerbação de um estado psíquico que, em outra situação, se revelaria momento necessário de passagem a um estado seguinte, Freud postulou, em relação ao delírio de grandeza, um estado original do Eu totalmente investido libidinalmente, i.e., um estado de onipotência absoluta.

A libido retirada do mundo exterior foi redirecionada ao Eu, dando origem a um comportamento que podemos chamar de narcisismo. Na verdade, o delírio de grandeza em si não é nenhuma criação nova, mas, como sabemos, a amplificação e explicitação de um estado que já existia antes. Assim, esse narcisismo, que se constitui ao chamar de novo para si os investimentos anteriormente depositados nos objetos, pode ser concebido como um narcisismo secundário, superposto a outro, primário. Todavia, as inúmeras e variadas influências sofridas pelo narcisismo secundário obscurecem nossa

⁴⁶ Gay, 1989, p.314

⁴⁷ Freud, 2004b.

⁴⁸ Freud, 1996o, 1993b.

visão do processo.⁴⁹

Neste momento da obra freudiana, a onipotência do Eu define, assim, o narcisismo primário, enquanto o narcisismo secundário designa este mesmo estado instaurado pelo retorno ao Eu de investimentos anteriormente direcionados ao objeto.

Numa segunda frente de trabalho, o estudo a respeito dos povos então ditos primitivos, Freud procedeu a um paralelo entre delírio de grandeza e modos rituais:

Nos povos primitivos encontramos traços que, tomados isoladamente, poderiam ser atribuídos a um delírio de grandeza: uma supervalorização do poder de seus desejos e de seus atos psíquicos, a “onipotência dos pensamentos”, uma crença no poder mágico das palavras, bem como uma técnica para lidar com o mundo exterior, a “magia”, uma decorrência dessas premissas grandiosas.⁵⁰

A última frente de trabalho diz respeito à vida psíquica das crianças, na qual Freud supôs verificar a mesma atitude em relação ao mundo exterior encontrada na descrição dos povos “primitivos”.

Observações advindas destas três frentes de trabalho levaram Freud a esboçar uma primeira construção sobre o curso seguido pela libido na constituição psíquica: “Assim, chegamos à concepção de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos, contudo, essencialmente, a libido permanece retida no Eu”.⁵¹

A libido que permanece retida no Eu constituiria o narcisismo primário, sendo o retorno ao Eu da libido investida nos objetos o narcisismo secundário. Sabemos que essa relação entre narcisismo primário e secundário foi modificada posteriormente, mais exatamente quando da inserção dos conceitos Eu ideal e ideal de Eu. No entanto, esta construção primeira é extremamente importante porque mostra o caminho da construção teórica de Freud, como também porque revela traços de continuidade com seus desenvolvimentos posteriores. Por

⁴⁹ Freud, 2004b, p.9.

⁵⁰ Freud, 2004b, p.98.

⁵¹ Idem, p. 99.

essas razões, esta primeira construção é privilegiada neste trabalho.

Nessa primeira construção, Freud destacou uma oposição entre libido do Eu e libido objetal, numa relação direta em seus funcionamentos, ou seja, “[q]uanto mais uma consome, mais a outra se esvazia”.⁵² Para exemplificar esta condição de dependência, Freud fez uso da imagem de uma situação de apaixonamento, em que o apaixonado apresenta desistência do auto-investimento em função do aumento de investimento no objeto de amor. As distinções entre libido objetal e libido do Eu só seriam possíveis, então, a partir do momento em que passa a existir o investimento no objeto, e Freud as nomeou, neste contexto, energia sexual – propriamente libido – e energia das pulsões⁵³ do Eu.

À noção de narcisismo como conceito, Freud contrapôs, neste momento, o conceito auto-erotismo. Anteriormente, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*⁵⁴ (1905), o auto-erotismo se opunha à sexualidade adulta, sendo característico de uma sexualidade infantil. Podemos entender que, com a introdução do narcisismo, algo se modifica para o conceito:

É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido. Todavia, as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo.⁵⁵

Desta citação, depreendemos que o auto-erotismo é representante de um momento anterior à instituição do Eu, um período, portanto, pulsionalmente anárquico, pois que não há convergência dos investimentos libidinais a um objeto. A constituição egóica somente será possível com a instauração do narcisismo, que pressupõe uma organização (ou um direcionamento) pulsional, diferentemente da fase na qual impera o impulso auto-erótico.

⁵² Ibidem, p. 99.

⁵³ As pulsões constituem assunto vasto ao qual não será possível um aprofundamento neste momento. Fiquemos aqui com a definição de Laplanche e Pontalis: “Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”. (1998, p.394).

⁵⁴ Freud, 1996c.

⁵⁵ Freud, 2004b, p.99.

Os conceitos narcisismo primário, narcisismo secundário e auto-erotismo fazem parte da teoria freudiana de constituição do sujeito. Embora a divisão entre teoria do método e teoria de constituição do sujeito seja uma leitura possível nos textos de Freud, e nessa análise a teoria de constituição do sujeito receba maior destaque, por vezes a teoria do método revela-se ponto de partida igualmente importante para as elaborações acerca da teoria de constituição do sujeito. Em alguns momentos, a não explicitação dessa divisão por Freud provoca pontos de tensão, na medida em que dificultam a clareza de entendimento e uso conceituais.

A dualidade conceitual que lemos nas definições de auto-erotismo e narcisismo é freqüente nos textos de Freud. Encontramos outro exemplo dessa leitura dualista na distinção entre libido do Eu e libido objetal, que o autor denomina como uma ampliação do que havia postulado sobre pulsões sexuais e pulsões do Eu. Para explicitar o papel desta conceituação dualista, Freud utilizou, tanto no texto em pauta como em textos subseqüentes, a teoria do plasma germinal de Weismann⁵⁶:

O indivíduo leva de fato uma dupla existência: uma em que persegue seus próprios fins e outra em que é um elo de uma corrente, à qual serve involuntariamente e, às vezes, até contra a sua vontade. Ele imagina que a sexualidade seja uma de suas metas pessoais, mas, de outro ponto de vista, podemos considerar o indivíduo como apenas um apêndice de seu próprio plasma germinal, plasma a cuja disposição ele coloca suas energias em troca de um prêmio de prazer. Ele, o indivíduo, é o veículo mortal de uma substância, talvez imortal, em uma posição análoga à do filho primogênito que, ao herdar do pai uma propriedade inalienável, se torna apenas o proprietário temporário dentro de uma instituição jurídica, a herança por primogenitura, que continua a sobreviver a ele de geração a geração. A diferenciação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo.⁵⁷

⁵⁶ Teoria abordada mais extensamente no cap. VI de *Além do Princípio do Prazer* (1920), (Freud, 2006b). Lacan descreve brevemente a teoria de Weismann: “Essa teoria, que não está definitivamente provada, coloca a existência de uma substância imortal das células sexuais. Elas constituiriam uma linhagem sexual única por reprodução contínua. O plasma germinal seria o que perpetua a espécie, e perdura de um indivíduo para outro. Ao contrário, o plasma somático seria como um parasita individual que, do ponto de vista da reprodução da espécie, teria crescido lateralmente com o único fim de veicular o plasma germinal eterno”. (1986, p.142).

⁵⁷ Freud, 2004b, p.101.

Sem constituírem fases superpostas ou substituídas por um desenvolvimento linear, as concepções dualistas empregadas por Freud representam fontes de energias que se contrapõem e se complementam na constituição do psiquismo humano.

A partir de considerações acerca dos casos de esquizofrenia, dos rituais dos povos “primitivos” e da vida psíquica infantil, em *À guisa de introdução ao narcisismo*, Freud trabalhou com a dupla libido do Eu e libido objetal para o refinamento da noção de narcisismo que, então, passou a fazer par, como oposto e complementar, ao auto-erotismo. Estas duas últimas noções conformaram elementos importantes à construção egóica no que dizem respeito ao movimento pulsional (anárquico ou organizado).

Em *À guisa de introdução ao narcisismo*, o par libido do Eu e libido objetal substituiu parcialmente a primeira teoria das pulsões, segundo a qual se contrapunham e complementavam as pulsões sexuais e pulsões do Eu. Mais tarde, em *Além do princípio do prazer*⁵⁸ (1920), seguindo o mesmo raciocínio dualista, a oposição construída foi entre Eros e Thânatos.

Na segunda parte do texto sobre o narcisismo, Freud abordou três caminhos de observação: a doença orgânica, a hipocondria e a vida amorosa.

Para Freud, assim como o estado de sono, a doença orgânica altera todo o direcionamento libidinal para o Eu. No estado do sono, há um recolhimento da libido com a finalidade de descanso, e o sonho tem a função primeira de satisfazer o desejo de dormir. Na doença orgânica também há um deslocamento de investimentos libidinais de objetos externos para o Eu, ou mais propriamente, para o lugar corporal (orgânico) específico de dor. Para elucidar o processo que se percebe na hipocondria, Freud recorreu aos conceitos de erogeneidade e zonas erógenas, desenvolvidos em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*⁵⁹ (1905):

Poderíamos (...) designar como *erogeneidade* a atividade que emana de uma parte do corpo e envia estímulos sexualmente excitantes em direção à vida

⁵⁸ Freud, 2006b.

⁵⁹ Freud, 1996c.

psíquica. Aliás, a teoria sexual há muito nos familiarizou com a concepção de que certas localizações do corpo – as zonas *erógenas* – podem substituir os órgãos genitais e comportar-se de maneira análoga a eles. Agora, basta que arrisquemos apenas mais um passo: poderemos considerar que a erogeneidade é uma faculdade geral de todos os órgãos e, portanto, nos referir a um aumento ou redução da erogeneidade em determinada parte do corpo. Em paralelo a cada uma dessas alterações da erogeneidade nos órgãos, poderia então estar ocorrendo uma alteração do investimento da libido do Eu.⁶⁰

Assim como na doença orgânica, na hipocondria há um direcionamento dos investimentos libidinais ao Eu. No entanto, na doença orgânica o redirecionamento libidinal ocorre em consequência da dor orgânica, enquanto na hipocondria o processo ocorre em função de maior ou menor erogeneização de determinado órgão.

Analogamente aos processos descritos a respeito da formação de quadros neuróticos⁶¹, nos quais há um represamento da libido objetual⁶², Freud postulou, para o caso de hipocondria, um represamento da libido do Eu. Tal represamento é sentido como desprazer, na medida em que denota excesso de tensão⁶³. Nas palavras de Freud: “o desprazer é sempre a expressão de maior tensão, sendo, portanto, uma quantidade de um processo calcado sobre a matéria que aqui, como em outros casos, se transforma em qualidade psíquica do desprazer”⁶⁴.

O mesmo raciocínio em torno de excesso de tensão que foi usado na aceção de represamento pode ser verificado no questionamento seguinte de Freud:

(...) podemos arriscar-nos a indagar porque a vida psíquica se vê forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos. Mais uma vez a resposta que decorre de nossa linha de raciocínio seria a de que essa necessidade entrará em cena quando o investimento de libido no Eu ultrapassar determinada quantidade. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em

⁶⁰ Freud, 2004b, p.105.

⁶¹ Neste momento tratados como neuroses de transferência em diferenciação aos quadros de neuroses narcísicas.

⁶² Conforme *Tipos de desencadeamento da neurose* (1912), Freud, 1996f.

⁶³ Desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) Freud propõe a tendência do aparelho psíquico em manter um nível de intensidade constante, sendo o excesso de tensão deslocado em sua função, 1996a.

⁶⁴ Freud, 2004b, p.105.

consequência de impedimentos, não pudermos amar.⁶⁵

Ainda de acordo com o trecho citado, podemos pensar a capacidade de amar como a possibilidade de estabelecimento da relação de objeto, relação que tipifica a posição de sujeito. A impossibilidade de amar, nestes termos, indicaria a ausência da relação com o objeto, ou a ausência de posicionamento do sujeito, tal como concebido pela psicanálise.

Da vida amorosa dos seres humanos Freud retirou sua terceira fonte de observação que o conduziu à elaboração acerca da escolha objetal. Nessa direção, denominou escolha por veiculação sustentada o tipo de escolha cuja fonte são pulsões sexuais que se apóiam em pulsões de auto-conservação. Uma imagem útil, aqui, seria a escolha objetal vinculada à figura do cuidador que supriu as necessidades básicas do bebê. A um outro tipo de escolha, Freud denominou escolha de objeto narcísico. Neste tipo de escolha, a busca se faz pautada na própria imagem. Com estes dois caminhos, Freud afirmou que “o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida, e com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto”⁶⁶.

Como observação que possa sustentar a idéia do narcisismo primário, definido como passagem obrigatória a toda constituição psíquica, Freud propôs que a revivescência experienciada pelos pais diante de seus filhos fosse tomada como projeções de seus próprios narcisismos outrora abandonados. Assim, proteção e as expectativas sobre a criança, por parte dos pais, falam a favor de um narcisismo renascido da escolha narcísica.

Freud subdividiu ainda o tipo de escolha narcísico em: o que se é; o que se foi; o que se gostaria de ser; a pessoa que outrora fez parte de nosso próprio si-mesmo. Quanto ao tipo de escolha por veiculação sustentada, dividiu-os em: a mulher que nutre; o homem protetor.

O tipo de escolha objetal teve uma influência direta na elaboração do conceito ideal de Eu, que mais tarde passou a ser denominado supereu. Especialmente significativo nessa direção foi o tipo de escolha narcísico no qual se ama o que se gostaria de ser.

⁶⁵ Freud, 2004b, pp.105/06.

⁶⁶ Idem, p.108.

Nesta segunda parte do texto, Freud focalizou o caminho do redirecionamento libidinal do Eu aos objetos. De acordo com a argumentação apresentada, o adoecimento, a hipocondria e a vida amorosa demonstram que o represamento libidinal acarreta em passagem do narcisismo à escolha de objeto. Foi no âmbito desta escolha de objeto que Freud encontrou novo elemento de sustentação à elaboração do ideal de Eu. No tipo de escolha objetal narcísico, uma subdivisão descrita por Freud sublinha “o que se gostaria de ser”, ou seja, a escolha que sustenta a noção de idealização.

A terceira parte de *À guisa de introdução ao narcisismo* está centrada na formação do ideal de Eu.

O ponto de argumentação é que o narcisismo infantil, talvez uma exacerbação da libido do Eu, perde força na vida adulta. Na investigação acerca do caminho percorrido por esta libido, uma vez não sendo admitida como via única a sua transformação em libido voltada ao objeto, Freud recorreu à teorização sobre o recalque⁶⁷.

Sabemos que, quando as moções pulsionais libidinais entram em conflito com as concepções [*Vorstellungen*] culturais e éticas do indivíduo, o destino das moções será o recalque patogênico. Todavia, não estamos com isso querendo dizer que na condição do recalque o sujeito passa a ter um conhecimento meramente intelectual sobre a existência dessas concepções [*Vorstellungen*], ele continua a considerá-las parâmetros fundamentais para si próprio e se submete de fato às exigências que derivam dessas concepções culturais e éticas. Já dissemos que o recalque ocorre a partir do Eu, mas poderíamos agora ser mais precisos: ele parte da avaliação que o Eu faz de si mesmo. As mesmas impressões, vivências, impulsos e moções de desejo que uma pessoa consegue tolerar em si própria, ou que ao menos consegue processar conscientemente, outra irá rechaçar com indignação, ou até mesmo eliminar antes que venham a se tornar conscientes. A diferença entre ambos os indivíduos pode ser facilmente expressa em termos que não só permitam explicá-la pela teoria da libido, como também nos possibilitem discriminar qual é a condição para que ocorra o recalque. Podemos dizer que um sujeito erigiu em si um *ideal*, pelo qual mede seu Eu atual, enquanto na outra pessoa esse ideal não se formou. Assim, a condição para o recalque é essa formação de ideal por parte do Eu.⁶⁸

⁶⁷ Conforme Laplanche e Pontalis, 1998, p.430; Freud, 2004c.

⁶⁸ Freud, 2004b, p.112.

Ao longo de sua obra, Freud tratou da relação entre a internalização de exigências colocadas no plano cultural e as escolhas relativas ao processo de constituição do sujeito. Todavia, sua abordagem revela um movimento oscilatório no que tange ao peso que confere a uma ou a outra destas duas esferas no processo da constituição psíquica. Neste sentido, percebemos um ponto de tensão advindo justamente desta oscilação em seu posicionamento. No trecho citado, a internalização de exigências do plano cultural ganha destaque, sobrepujando a leitura relativa às escolhas do sujeito, pensado aqui no sujeito do inconsciente, diferente, portanto, do sujeito definido como ser social. O que merece ser sublinhado, no entanto, é que mesmo que no caminho interpretativo seja privilegiada a escolha do sujeito, o plano cultural pode ser tomado em consideração no entendimento dos processos constitutivos do psiquismo, sem que se desconsidere a concepção primeira.

Seguindo a argumentação de Freud, vemos que a formação do ideal é condição para o recalque. E o ideal é para onde se dirige o amor, anteriormente voltado para si mesmo, ou seja, “o amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância”.⁶⁹ Assim, o que havia sido descrito como o narcisismo infantil desloca-se para a constituição do ideal. Neste movimento há a projeção da completude e da perfeição imaginadas na infância nesta outra instância (ainda não denominada como instância), que o autor cunha como ideal de Eu⁷⁰. Para Freud, neste momento, a formação do ideal diz respeito à necessidade do ser humano em recuperar uma condição de satisfação à qual não consegue renunciar diante de exigências culturais.

Nomeando como idealização o processo de formação do ideal, Freud o diferenciou da sublimação, diferença importante a ser feita, uma vez que em ambos os processos há o deslocamento do interesse libidinal. Nesta direção, a sublimação é situada como “... um processo que ocorre na libido objetal e consiste no fato de a pulsão se lançar em direção a outra meta, situada em um ponto distante da satisfação sexual; a ênfase recai sobre o

⁶⁹ Freud, 2004b, p.112.

⁷⁰ Lacan, partindo do parágrafo em questão do texto freudiano, operou a distinção entre eu ideal e ideal de eu como conceitos. Para esta elaboração utiliza-se de sua teorização a respeito do estágio do espelho (1986, p.56). Esta diferenciação influenciará grande parte dos escritos em psicanálise posteriores. No presente estudo, interessa-nos especialmente a questão do ideal do Eu em sua influência na construção do supereu. Freud, sem ater-se à mesma diferenciação pormenorizada, dá a entender a existência de duas funções, sem precisá-las como conceitos. O Eu ideal diz de um narcisismo ilustrado pela condição infantil de completude imaginária. Enquanto o ideal de Eu nos dá pistas, desde o texto em questão, de uma projeção idealizada que impulsionará o movimento do desejo.

afastamento e desvio do que é sexual.”⁷¹ Trata-se, portanto, de um deslocamento pulsional. Por seu turno, a idealização é qualificada como “... um processo que ocorre com o objeto e por meio do qual o objeto é psiquicamente engrandecido e exaltado, sem sofrer alteração em sua natureza. A idealização pode ocorrer tanto no campo da libido do Eu quanto no da libido objetal.”⁷² Trata-se, então, da valoração aumentada do objeto. Assim, além da diferenciação exposta pelo direcionamento do movimento pulsional, o afastamento do que é sexual no processo sublimatório e a não ocorrência deste afastamento para a constituição da idealização conformam um importante elemento distintivo, a ser considerado, portanto, na análise da constituição do ideal.

É importante também observar que, embora a constituição do ideal exija a sublimação pulsional, o oposto não necessariamente ocorre. O recalque é novamente evocado para evidenciar esta diferenciação: “a formação de ideal eleva o nível das exigências do Eu e é o mais forte favorecedor do recalque; a sublimação, por sua vez, oferece uma saída para cumprir essas exigências sem envolver o recalque”⁷³.

Feita a distinção entre sublimação e identificação, Freud esboçou a questão do ideal de Eu como conceito, numa aproximação entre observações clínicas e cotidianas. No desenvolvimento deste caminho argumentativo, vemos novamente que a teoria do método embasa a teoria de constituição do sujeito. Neste sentido, as observações clínicas de Freud levaram-no à suposição de uma instância incumbida da vigilância acerca da consecução da satisfação narcísica. Nas palavras de Freud: “[n]ão seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial que, atuando a partir do ideal de Eu, se incumbisse da tarefa de zelar pela satisfação narcísica e que, com esse propósito, observasse o Eu atual de maneira ininterrupta, medindo-o por esse ideal.”⁷⁴ Algumas evidências da forma de apresentação desta outra instância psíquica seriam a consciência moral – componente do julgamento do ser humano - e o delírio de estar sendo observado, freqüentemente relatado na prática clínica. Para Freud, um poder observador e crítico atua permanentemente em nossos psiquismos, e por vezes apresenta-se de forma regressiva, resultando em delírios de perseguição.

Na verdade foi a influência crítica dos pais que levou o doente a formar seu

⁷¹ Freud, 2004b, p.112.

⁷² Idem, pp.112/13.

⁷³ Freud, 2004b, p.113.

⁷⁴ Idem, p.113.

ideal de Eu, que lhe é transmitido pela voz e tutelado pela consciência moral; mais tarde somam-se a esse ideal as influências dos educadores, dos professores, bem como de uma miríade incontável e indefinível de todas as outras pessoas do meio (os outros, a opinião pública).⁷⁵

Uma leitura possível do uso de Freud das figuras dos pais e educadores na elaboração do conceito ideal de Eu seria a do quadro cultural no qual nos constituímos sendo evocado como cenário onde se constitui o psiquismo humano. Aqui percebemos o duplo movimento de explicitação do conceito por meio da ilustração do quadro social, e da possibilidade de ampliação do uso do conceito à análise do movimento do grupo social.

Outra leitura possível do texto de Freud é a que focaliza a influência literal dos pais – tidos como representantes da cultura e, portanto, veiculadores de valores morais – na constituição psíquica. Como aludido anteriormente, o peso conferido por Freud ao material prescritivo que advém do mundo social na constituição do sujeito oscila. Concomitantemente, tal oscilação se aplica ao uso e à função das figuras de autoridade.

A possibilidade de operarmos com ambas as leituras acerca do texto freudiano proporciona a abertura para interpretações no âmbito clínico. Todavia, tal possibilidade de procedimento não pode obliterar a existência de um posicionamento ambíguo de Freud frente ao peso dado à cultura na constituição psíquica. Conforme aludido anteriormente, o estatuto da cultura configura uma zona de tensão na construção teórica de Freud que, por hora, cabe tão somente explorar pontualmente.

O desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal de Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal.⁷⁶

A citação acima expressa um dos pólos da já aludida oscilação por parte de Freud. Nela, o ideal de Eu, imposto a partir de fora, sugere uma indefinição, na medida que ‘fora’, neste contexto, pode ser lido como representante de um contexto exterior ao sujeito, ou como um

⁷⁵ Ibidem, p.114.

⁷⁶ Ibidem, p.117.

lugar pictórico exterior ao Eu como instância psíquica.

Quanto à questão do estatuto da teoria do método como base de elaboração da teoria de constituição do sujeito, tal estatuto se evidencia pelo fato de Freud utilizar, também neste texto, os conteúdos de suas observações clínicas e cotidianas para construir o seu aporte em relação à dinâmica do ideal de Eu. A elaboração acerca da escolha objetal narcísica, neste contexto, exemplifica este modo de construção teórica.

Onde houver obstáculos reais à satisfação narcísica, o ideal sexual poderá ser utilizado como satisfação substitutiva. Nossa forma de amar seguirá então o modelo de escolha objetal narcísica: amaremos aquilo que fomos e deixamos de ser ou aquilo que possui qualidades que nunca teremos. Uma fórmula paralela à anterior seria: será amado aquilo que possui uma qualidade que falta ao Eu para chegar ao ideal.⁷⁷

A possibilidade de amar, como possibilidade de posicionamento do sujeito na relação com o objeto, tipifica, agora, a escolha objetal. Freud traça, então, no texto, o caminho da questão narcísica à escolha objetal, e desta à formação do ideal.

O ideal de Eu abre uma importante via para a compreensão da psicologia das massas. Esse ideal tem, além de sua parcela individual, uma parcela social, o ideal comum de uma família, de uma classe e de uma nação. Esse ideal enlaçou [*gebunden*], além da libido narcísica, uma grande quantidade da libido homossexual da pessoa, que por essa via retornou ao Eu. Entretanto, a insatisfação resultante da não-realização desse ideal libera de novo essa libido homossexual, que se transforma então em consciência culpada (medo social) [*soziale Angst*]. A consciência culpada era originalmente medo do castigo dos pais, melhor dizendo, medo da perda de seu amor. Mais tarde, os pais serão substituídos por um número indefinido de outros companheiros.⁷⁸

Como via para compreensão da psicologia das massas, o ideal de Eu expõe sua função na inserção do sujeito no grupo social. Por outra via de compreensão, o medo da perda do amor dos cuidadores aparece como gerador do ideal. Freud buscou aliar ambas as compreensões,

⁷⁷ Freud, 2004b, p.118.

⁷⁸ Idem, p.119.

trazendo elementos da teoria do método e da teoria da constituição do sujeito, para a elaboração acerca do ideal de Eu.

Entre as evidências clínicas descritas por Freud acerca da instância crítica observadora, a consciência moral destaca-se e fornece embasamento à construção do ideal de Eu como conceito.

No trecho citado, a consciência culpada, originada na perda do amor dos pais, embasa a consciência moral como função superegóica. Os valores morais, advindos da introjeção de valores associados aos complexos parentais, incidem no funcionamento psíquico como elementos constitutivos do ideal de Eu. Podemos ainda associar a estes elementos a incidência da instância superegóica de forma contundente, conforme abordado na seqüência deste capítulo, bem como nos capítulos posteriores deste trabalho.

SOBRE A CISÃO DO EU NA CONSTITUIÇÃO DO IDEAL

No texto *O Estranho*⁷⁹ (1919), Freud partiu da análise etimológica da palavra 'estrangeiro' para a consecução de desdobramentos subseqüentes que resultaram em elaborações que sustentam ou originam diversos conceitos psicanalíticos.

Num momento de transição entre a retomada de sua obra e a formação de seu pensamento a respeito da metapsicologia, que se transformaria no sistema estrutural, este texto nos fornece ligações no pensamento freudiano passíveis de nos embasar em diversos aspectos teóricos.

No contexto histórico do término da Primeira Guerra Mundial, Freud interessava-se especialmente por estudos que pudessem elucidar a natureza da agressividade humana, e tal circunscrição o levou a elaborações a respeito da auto-punição e da melancolia. A partir daí, surgiram textos que exploraram este viés da clínica, exploração esta que, posteriormente, no âmbito dos textos metapsicológicos, resultou na elaboração de conceitos como o de supereu.

Nesse estudo sobre o estranho, diversos são os temas que aparecem de forma germinal. Conceitos que se tornaram célebres em nossos dias, como a compulsão à repetição, a onipotência de pensamento e o retorno do recaiado, têm, neste texto, vários encadeamentos

⁷⁹ Freud, 1996k.

que contribuem para as formulações de Freud. Para os propósitos deste trabalho, no entanto, importa que a abordagem do estudo de Freud sobre o estranho fique limitada apenas à sua conexão com a questão da cisão do Eu.

O Estranho é composto por três partes. Na primeira parte, fica, de pronto, enunciado que:

O tema do ‘estranho’ (...) Relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror; certamente, também, a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral.⁸⁰

Incluindo o tema do estranho no âmbito da estética, definida como “a teoria das qualidades do sentir”⁸¹, Freud considerou estar frente a um campo negligenciado pela literatura especializada à época. Os tratados de estética, segundo o autor, privilegiam grandemente o belo e sublime em seu detrimento.⁸²

Para a investigação do tema em relação à psicanálise, Freud propôs dois caminhos: o estudo do significado semântico de estranho em sua história, e a reunião de impressões despertadas pelo sentimento de estranheza. Ambos os rumos, segundo Freud, conduzem a uma mesma conclusão: “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”.⁸³

A abordagem de tal conclusão se inicia por uma investigação lingüística à qual se segue o exame das suas impressões, conforme mencionado. Partindo de uma primeira definição, que marca a oposição entre *unheimlich* e *heimlich*, Freud equacionou o estranho como assustador por causa de seu traço de não familiaridade, ou seja, por causa de seu traço de novidade. Insatisfeito com a idéia de que toda novidade seja percebida como assustadora ou estranha, e

⁸⁰ Freud, 1996k, p.237.

⁸¹ Idem, p.237.

⁸² O campo de trabalho que relaciona psicanálise e estética é bastante amplo. Em relação ao texto analisado, como a estética comparece somente como ponto de partida, talvez uma breve citação de Kaufmann e Freud seja suficiente para localização do autor em relação a este campo: “Do psicanalista, o esteta aprende inicialmente a prática dos desvios, o gosto pelos meandros, derivações e sinuosidades. Na ordem do pensamento, a linha reta raramente é o melhor caminho entre dois pontos. No tema dos três cofrinhos, Freud propõe o desvio como método de pesquisa: ‘Basta termos a coragem de prosseguir nessa direção para entrarmos num caminho que, embora a princípio nos faça deparar com o imprevisível e o incompreensível, talvez nos leve, através de desvios, a algum objetivo.’” (1996, p.637)

⁸³ Freud, 1996k, p.238.

não encontrando melhor definição em dicionários de outras línguas, Freud procedeu a uma incursão bastante extensa nos dicionários alemães⁸⁴. Englobando todas as nuances da palavra em sua etimologia, concluiu:

heimlich é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto, *unheimlich*. *Unheimlich* é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *heimlich*. Tenhamos em mente essa descoberta, embora não possamos ainda compreendê-la corretamente, lado a lado com a definição de Schelling⁸⁵ do *unheimlich*. Se continuarmos a examinar exemplos individuais de estranheza, essas sugestões tornar-se-ão inteligíveis a nós.⁸⁶

Na segunda parte do texto, para explicitar o segundo caminho de investigação acerca do estranho – a avaliação de impressões causadas por situações que despertam o sentimento de estranheza – Freud se concentrou, inicialmente, na análise de um texto de E.T.A. Hoffmann, intitulado *O Homem da Areia*. O mote do texto, causador da sensação de estranheza, segundo Freud, circunscreve-se em torno ao fato de o personagem arrancar os olhos das crianças. O ato executado pelo personagem aterrorizador foi examinado a partir da perspectiva oferecida pela psicanálise, com o que foram desenvolvidos os elementos que delineavam a concepção do estranho, conforme definição concluída por Freud na primeira parte do estudo.

O conto fantástico inicia-se com recordações da infância de Nataniel. Quando pequeno, para que fosse dormir, o personagem escutava da mãe a ameaça de que o Homem da Areia estava chegando, o que lhe era confirmado ao ouvir os passos de um visitante que ocupava seu pai todas as noites. A babá, reforçando a ameaça materna, enriquecia a descrição da figura temida:

É um homem perverso que chega quando as crianças não vão para a cama, e joga punhados de areia nos olhos delas, de modo que estes saltam sangrando da cabeça. Ele coloca então os olhos num saco e os leva para a meia-lua, para alimentar os seus filhos. Eles estão acomodados lá em cima, no ninho, e seus

⁸⁴ As extensas incursões de Freud (que incluem um anexo ao texto original) não foram incluídas neste trabalho porque o enfoque aqui empreendido não privilegia desenvolvimentos decorrentes da dimensão semântica. Os autores citados por Freud para a conclusão que se seguirá são: Daniel Sanders (*Wortebuch der Deutschen Sprache*, 1860), Schelling, Grimm (1877).

⁸⁵ “Segundo Schelling, *unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz.” (Freud, 1996k, p.243)

⁸⁶ Freud, 1996k, p.244.

bicos são curvos como bicos de coruja, e eles os usam para mordiscar os olhos dos meninos e das meninas desobedientes.⁸⁷

Nataniel decide descobrir a aparência do Homem da Areia. À noite, esconde-se no escritório do pai e reconhece, na figura do advogado Copélio, uma pessoa repulsiva e amedrontadora: o personagem da ameaça infantil. Freud observa: “[n]o que diz respeito ao resto da cena, Hoffmann já nos deixa em dúvida se o que estamos testemunhando é o primeiro delírio do apavorado menino, ou uma sucessão de acontecimentos que devem ser considerados, na história, como sendo reais.”⁸⁸ Copélio, trabalhando com o pai de Nataniel num braseiro incandescente, diz: ‘Aqui os olhos! Aqui os olhos!’. Assustado, o menino grita e é ameaçado pelo advogado que está preste a atirar brasas em seus olhos. O pai salva-lhe os olhos implorando ao Homem da Areia que solte Nataniel. O menino desfalece, vindo a adoecer. Um ano após o ocorrido, o pai de Nataniel morre numa explosão em seu escritório, durante uma visita de Copélio, que desaparece sem deixar vestígios.

Nataniel, agora um estudante, crê ter reconhecido esse fantasma de horror da sua infância num oculista itinerante, um italiano chamado Giuseppe Coppola, que na cidade universitária, se oferece para vender-lhe barômetros. Quando Nataniel recusa, o homem prossegue: ‘Não quer barômetros? Não quer barômetros? Tenho também ótimos olhos, ótimos olhos!’ O terror do estudante atenua-se quando descobre que os olhos oferecidos são apenas inofensivos óculos, e compra um pequeno telescópio de Coppola. Com a ajuda do instrumento, ele observa a casa em frente, do professor Spalanzani, e, ali, espia a bela, mas estranhamente silenciosa e imóvel, filha de Spalanzani, Olímpia. Logo se apaixona por ela tão violentamente que, por sua causa, esquece a moça talentosa e sensível de quem está noivo. Mas Olímpia é um autômato, cujo mecanismo foi feito por Spalanzani e cujos olhos foram colocados por Coppola, o Homem da Areia. O estudante surpreende os dois Mestres discutindo quanto ao seu trabalho manual. O oculista leva embora a boneca de madeira, sem os olhos; e o mecânico, Spalanzani, apanha no chão os olhos sangrentos de Olímpia e os arremessa ao peito de Nataniel, dizendo que Coppola os havia roubado do estudante. Nataniel sucumbe a um novo ataque

⁸⁷ Freud, 1996k, p.246.

⁸⁸ Idem, p.246.

de loucura e, no seu delírio, a recordação da morte do pai mistura-se a essa nova experiência. ‘Apressa-te! Apressa-te! Anel de fogo!’ grita ele. ‘Gira, anel de fogo – Hurrah! Apressa-te, boneca de pau! Linda boneca de pau, gira -.’ Cai então sobre o professor, o ‘pai’ de Olímpia, e tenta estrangulá-lo.⁸⁹

Recuperado da enfermidade, Nataniel passeia com sua noiva, Clara, e o irmão dela. O casal sobe numa torre e, lá de cima, Nataniel avista Copélio na rua, por meio do telescópio de Coppola, entrando em nova crise. “Gritando ‘Gira, boneca de pau!’, tenta jogar a garota da torre. O irmão da moça, levado pelos gritos desta, salva-a e apressa-se em descer com ela em segurança. Lá em cima, na torre, o louco corre em círculos berrando ‘Gira, anel de fogo!’- e nós sabemos a origem das palavras.”⁹⁰ Copélio ri e diz às pessoas que se preparam para subir que esperem, pois o rapaz descera por si. Nataniel fica imóvel, mas avistando novamente Copélio, grita: ‘Sim! Ótimos olhos – ótimos olhos!’, e lança-se despedaçando seu crânio sobre as pedras da rua. O Homem da Areia desaparece na multidão.

A sensação de estranheza neste conto, segundo Freud, está relacionada ao medo infantil de perda dos olhos. Medo ligado, segundo a experiência psicanalítica, ao complexo de castração.

O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos ensinou-nos que a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego, é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado. O autocegamento do criminoso mítico, Édipo, era simplesmente uma forma atenuada do castigo da castração – o único castigo que era adequado a ele pela *lex tallionis*.⁹¹

Na aproximação entre os personagens e as situações vividas no conto, por um lado, e as elaborações teóricas a respeito da castração, por outro, Freud encontrou diversos elementos que confirmam sua hipótese. A ligação entre a ansiedade de Nataniel e a morte do pai (é um dos elementos que,) ligação associada ao Homem da Areia como aquele que opera a castração, evidencia sua interpretação. Segundo Freud, “as figuras do pai e de Copélio representam os dois opostos em que a imagem paterna é dividida pela sua ambivalência;

⁸⁹ Freud, 1996k, pp.246-47.

⁹⁰ Idem, p.247.

⁹¹ Freud, 1996k, pp.248-49.

enquanto um ameaça cegá-lo – isto é, castrá-lo - , o outro, o pai ‘bom’, intercede pela sua visão.”⁹² Na fragmentação do representante paterno, o desejo de morte do pai ‘mau’ é recalcado, sendo representado pela morte do pai ‘bom’, cuja responsabilidade é atribuída a Copélio.

Mais tarde, a mesma lógica de personificação da ambivalência em relação ao pai foi encontrada nas figuras do professor Spalanzani, associado ao pai, e do oculista Coppola, no lugar de Copélio. Esta nova dupla de pais dá vida à boneca Olímpia, por quem Nataniel se apaixona. Freud interpretou esta situação de apaixonamento como uma identificação narcísica de Nataniel.

Olímpia é como se fosse um complexo dissociado de Nataniel que o confronta como pessoa, e a escravização de Nataniel a esse complexo expressa-se no seu amor obsessivo e sem sentido por Olímpia. Podemos, com razão, chamar de narcísico um amor dessa natureza, e podemos compreender por que alguém que se tornou vítima dele deva renunciar ao verdadeiro objeto externo do seu amor. A verdade psicológica da situação, em que o jovem, fixado no pai pelo seu complexo de castração, torna-se incapaz de amar uma mulher, é amplamente provada por numerosas análises de pacientes cuja história, embora menos fantástica, dificilmente é menos trágica do que a do estudante Nataniel.⁹³

Uma outra possibilidade interpretativa em relação à sensação de estranheza criada pelo conto também se associa a um fator infantil. A hipótese da incerteza intelectual, lançada por Jentsch (1906)⁹⁴, quanto a um objeto ter ou não vida, está presente na figura de Olímpia.

Curiosamente, porém, ainda que a história do Homem da Areia aborde o despertar de um medo da primitiva infância, a idéia de uma ‘boneca viva’ não provoca absolutamente o medo; as crianças não temem que as suas bonecas adquiram vida, podem até desejá-lo. A fonte de sentimentos de estranheza não seria, nesse caso, portanto, um medo infantil; mas antes, seria um desejo ou até mesmo simplesmente uma crença infantil.⁹⁵

⁹² Idem, nota 1, pp. 249-50.

⁹³ Ibidem, nota 1, p.250.

⁹⁴ Referência citada por Freud, 1996k, p. 251.

⁹⁵ Freud, 1996k, p.251.

O desejo e a crença infantis, associados ao sentimento de estranheza, começam a encaminhar o estudo do estranho a seu oposto, em concordância com a definição etimológica encontrada por Freud.

Passando à análise de um outro conto de Hoffmann, *O Elixir do Diabo*, que, segundo Freud é o “mestre incomparável do estranho na literatura”⁹⁶, outros aspectos do tema foram explorados. Sem sumarizar o texto, “uma história por demais obscura e intrincada”⁹⁷, Freud percebeu que todos os temas de estranheza aí relacionavam-se ao fenômeno do ‘duplo’. Considerando os graus de desenvolvimento deste fenômeno, Freud os enumerou como: duplicação, divisão e intercâmbio do eu, assim como o retorno constante da mesma coisa. Ou seja, movimentos percebidos na semelhança dos personagens; na identificação com o outro, gerando dúvida sobre si mesmo; nos processos mentais que saltam de um para outro personagem; e na repetição dos mesmos aspectos através das gerações, respectivamente.

Freud tomou de empréstimo a idéia de Otto Rank (1914)⁹⁸ de um ‘duplo’ como segurança contra a destruição do Eu, “uma ‘enérgica negação do poder da morte’ (...), provavelmente, a alma ‘imortal’ foi o primeiro ‘duplo’ do corpo.”⁹⁹ Tal idéia pode também ser inferida, por exemplo, do desejo que os egípcios antigos expressavam com a ‘duplicação’ da imagem do corpo em materiais duradouros. Segundo Freud, trata-se de uma idéia que brota “do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo.”¹⁰⁰

Mas, a representação do duplo não é encontrada apenas no narcisismo primário. Segundo Freud, com o desenvolvimento do Eu, tem origem uma instância crítica e de censura que percebemos como ‘consciência moral’. Os delírios de observação são uma ilustração deste movimento em sua condição exacerbada. O fato de existir uma instância capaz de tratar o Eu como objeto, como escreveu Freud, “torna possível investir a velha idéia de ‘duplo’ de um novo significado e atribuir-lhe uma série de coisas – sobretudo aquelas coisas que, para a

⁹⁶ Idem, p.251.

⁹⁷ Ibidem, p.251.

⁹⁸ Referência citada por Freud, 1996k, p.252.

⁹⁹ Freud, 1996k, p.252.

¹⁰⁰ Idem, p.252.

autocrítica, parecem pertencer ao antigo narcisismo superado dos primeiros anos.”¹⁰¹

De acordo com Freud, o duplo não desaparece após a passagem pelo narcisismo primário, que o limitaria a um período em que o investimento libidinal da criança volta-se totalmente a si mesma. Ao inferir que o duplo não é reconhecível somente neste estágio de constituição psíquica, Freud o tomou como algo que, em certa medida, permanece e, ao sustentar-se na mesma condição em que se encontrava no narcisismo primário, torna-se gerador de angústia e sofrimento, como no caso de Nataniel.

A apresentação, aqui, do resumo deste texto de Freud teve como objetivos focalizar a construção do supereu e servir como ilustração dos conceitos definidos anteriormente em sua obra. Ambivalência e identificação narcísica são, por assim dizer, personificados no texto ficcional, tomado aqui como narrativa de um caso clínico. E a cisão do Eu – decorrente da ambivalência – fica progressivamente delineada como elemento importante para a constituição da instância crítica.

Em *Psicologia das massas*¹⁰² (1921), ao discorrer sobre o tema da identificação, Freud sintetizou as elaborações expostas em *Luto e melancolia*¹⁰³ (1917) e *À guisa de introdução ao narcisismo*¹⁰⁴, sendo que, nesse processo, retomou o papel desempenhado pela cisão do Eu na constituição do ideal de Eu.

Em ocasiões anteriores, fomos levados a adotar a hipótese de que em nosso Eu se desenvolve uma instância assim, que se separa do resto do Eu e pode entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos “ideal de Eu” e lhe atribuímos as funções de observação de si, a consciência moral, a censura onírica e a principal influência do recalque. Dissemos que ele era a herança do narcisismo primário, no qual o Eu infantil se satisfazia a si mesmo; gradualmente toma, das influências do meio, as exigências que se impõem ao Eu, que nem sempre podem ser cumpridas, de maneira que o ser humano, toda vez que não pode satisfazer-se a si em seu Eu, pode encontrar satisfação no ideal de Eu, diferenciado do Eu.¹⁰⁵

¹⁰¹ Ibidem, p.253.

¹⁰² Freud, ESB 1996m, EA 1993a.

¹⁰³ Freud, 2006a.

¹⁰⁴ Freud, 2004b.

¹⁰⁵ Freud, ESB 1996m, p.119; EA 1993a, p.103.

O ideal de Eu, separado do Eu pelo processo de cisão, apresenta-se como instância censora em sua relação com o recalque, e como fonte de satisfação em sua relação com o narcisismo primário¹⁰⁶. Ambas as funções, possibilitadas pela cisão, apresentam-se como elementos fundamentais à constituição psíquica.

¹⁰⁶ Esta segunda função, ligada ao narcisismo primário, foi posteriormente diferenciada conceitualmente como Eu ideal.

ANÁLISE

A remissão, aqui, a este conjunto dos textos de Freud tem como objetivo trazer elementos para um diálogo com o material narrativo da crônica, especificamente no que tange à questão da elaboração da constituição do ideal de Eu de seu personagem principal. Ou seja, o horizonte pretendido é o de proceder a uma leitura psicanalítica do personagem da crônica, de forma a evidenciar os processos psíquicos de Lourenço e sua relação com a instância superegóica, que recorrentemente comparece em suas evocações.

O movimento pulsional descrito nos textos psicanalíticos passa de um momento anárquico ao direcionamento libidinal em seu curso para formação das instâncias psíquicas e seus movimentos possibilitadores da constituição desejante.

O cheiro do ralo, entendido pelo personagem como advindo de seus processos internos por meio da seqüência bunda – merda – cheiro do ralo, traz a relação entre Lourenço e a bunda como um processo identificatório, à medida em que o elemento destacado do corpo torna-se guia de sua atenção, objeto alvo do investimento libidinal.

A imagem da bunda que guia a atenção de Lourenço nos remete à imagem do movimento pulsional passando de um momento desordenado ao direcionamento ao objeto. O autoerotismo, como representante deste momento pulsional desordenado, passa a dar lugar ao direcionamento pulsional com a busca pelo objeto. O princípio de realidade, aqui, opera como meio pelo qual este deslocamento fica possibilitado.

O cheiro do ralo entra na cadeia associativa de Lourenço por meio da fala de um outro, de um de seus clientes que redireciona sua atenção à busca de entendimento acerca do elemento que o incomoda.

Ele entra.

Coloca o violino em minha mesa. Não fala nada. Nem boa tarde. Fico em silêncio. Afinal o interesse é dele. Então ele fala, quanto? Chuto, tanto. Ele coça a barba. Esse violino deve ter história, chuto. Ele me olha. Seu olhar me incomoda. Ele pega o violino e sai.

Mas antes de fechar a porta, solta:
Aqui cheira a merda.
É o ralo.
Não. Não é não.
Claro que é. O cheiro vem do ralo.
Ele entra e fecha a porta.
O cheiro vem de você.
Olha lá. Levanto e caminho até o banheirinho.
Olha lá, o cheiro vem do ralinho.
Ele ri coçando a barba.
Quem usa esse banheiro?
Eu.
Quem mais?
Só eu.
Ele continua com o sorriso no rosto, solta:
*E então, de onde vem o cheiro?*¹⁰⁷

Sem apresentar qualquer empatia em relação a seu interlocutor, o que ecoa em Lourenço é a lógica proferida pela fala do outro. Mundo interno e mundo externo fundem-se numa operação de continuidade. O cheiro que incomoda o personagem principal é o produto de si mesmo, resultado de um processo contínuo, sem barreiras entre seu corpo e o lugar que habita. O cheiro e Lourenço apresentam-se como partes de um só elemento, aqui apresentados em resposta à indagação de um outro.

Nos processos psíquicos de Lourenço os elementos se condensam, restos diurnos formam um sistema, encadeiam-se numa lógica que busca a compreensão de seu sofrimento. É o cheiro do ralo o desencadeador de todo o processo.

Sinto um calafrio nas costas. Parece que o calor de meu corpo se esvai.
Deve ser por causa do ralo. Uma vez eu li a respeito. Me parece que foi numa revista. Sei que não foi a dos Astros. Sei que falava da merda. Do cheiro da merda afetar os sentidos. É isso. De tanto inalar a merda meu cérebro se confundiu. Era disso que tratava a matéria.
O cheiro da merda pode lesar o cérebro.

¹⁰⁷ Mutarelli, 2002, pp.16-7.

Preciso mandar quebrar todo o banheirinho. Preciso arrumar o sifão. Nunca confie nos seus pensamentos depois das três da manhã. Meu pai costumava dizer. É isso. Eu sei. É a porra do cheiro. Isso que está me deixando cansado. Doente, talvez. É isso. Só pode ser.

Bosch pintava um monte de coisas entrando e saindo do cu. Eu lembro. Eu vi nos quadros do Bosch.

Eu sei.

Porque na idade média o cu representava o inferno. É isso. Eu sei que é. E o ralo é o cu do mundo.

O cheiro que aspiro vem do inferno.

O vulto é o cheiro também.

Porra eu estou assustado.

Noto minhas mãos tremer.

Que merda que é isso agora. Pego o whisky. Tomo no gargalo.

É preciso acalmar. Vão se foder. Eu sou mais eu. Eu lembro do que Strindberg falou no inferno. Eu sei o que Freud falou sobre o medo. Sei o que falou dos fantasmas. Os fantasmas são a culpa. Mas eu desconheço esse sentimento. Eu não gosto de ninguém, nunca gostei.

Isso não é a porra do “conto de natal”.

Ninguém vai me atormentar.

É tudo culpa do cheiro do ralo. Amanhã mesmo vou mandar cimentar.¹⁰⁸

A leitura do trecho descrito por Lourenço, no qual o personagem parte do cheiro do ralo para chegar a um entendimento acerca de seu sofrimento, nos remete ao processo, descrito por Freud, da livre associação como método de trabalho analítico. No processo descrito, o personagem busca elementos externos, ligando-os como numa cadeia associativa e encontra uma lógica em sua construção.

Conforme já aludido, Lourenço nos apresenta um mundo externo contíguo a seu ser, fazendo-o por vezes elemento construtor de sua realidade psíquica. A eleição dos objetos do mundo externo que constroem suas associações, no entanto, nos fazem pensar nos modos de subjetivação nos quais prevalecem a parcialidade em detrimento da *experiência* e do *processo* constitutivo do mundo interno. Nesta espécie de operação metonímica, as associações do personagem ilustram a valoração do objeto de forma aumentada, fazendo-a superar a

¹⁰⁸ Mutarelli, 2002, p.29.

instauração de valores coletivos necessários à constituição psíquica. Valores coletivos, aqui, nos remetem aos processos instaurados, por exemplo, pela triangulação edípica como elemento fundamental para a construção do psiquismo.

Os conceitos postulados por Freud para apreensão do movimento psíquico, uma vez conectados na análise do personagem fictício, nos trazem processos que sugerem um deslocamento pulsional calcado na parcialidade do objeto valorizado. O interesse de Lourenço pela bunda mimetiza o movimento pulsional não necessariamente desviado do interesse sexual, mas concentrado no objeto idealizado. Podemos, então, pensar na influência, sobre os processos psíquicos, da valorização do objeto parcial que, nesta condição, conduz a um processo de idealização no qual opera um fraco processo sublimatório, expondo uma fixação libidinal que impede, em alguma medida, o movimento pulsional. Sublimação e fixação libidinal são temas explorados em outro momento desta dissertação.

A cena que começa com um calafrio nas costas de Lourenço desenrola-se numa associação de idéias calcadas em figuras de autoridade em busca de compreensão de suas sensações. A fala do pai, os quadros de Bosch, as palavras de Strindberg e Freud formam a cadeia associativa que levam o personagem a acreditar no cheiro como culpado por seu medo que acarreta em calafrios. A culpa depositada no cheiro precisa ser encoberta, o que configura uma tentativa de barrar o movimento pulsional desordenado, gerador de sensações angustiantes e perturbadoras. A constituição do ideal, conforme depreendido das elaborações expressas pelo personagem, deposita um peso acentuado nas figuras de autoridade. Podemos pensar na seqüência de ‘pais’ evocados nesta cena como uma tentativa de construção do ideal possibilitador do movimento desejante. Neste sentido, a fragmentação exposta pela cadeia associativa do personagem esboça uma de suas conseqüências, qual seja, o peso da função do ‘pai’ na constituição do ideal de Eu.

Como conseqüência das associações do personagem, lemos o encobrimento do buraco pelo qual o cheiro exala como tentativa de Lourenço em barrar o movimento caótico de seus pensamentos. Na cena em que o cheiro manifesta-se em sua plenitude, inundando o banheirinho com água fétida, Lourenço dita a solução ao encanador: tampar o ralo com cimento.

Se fizer assim, depois vai ter que pagar o prejuízo dos outros.

Porque, assim como o senhor quer, a merda vai voltar.

Aqui ela não volta.

Aqui não! Mas vai vazar em tudo o que é andar.

*Mas aí o problema é deles.*¹⁰⁹

O cimento encobriria o buraco que expõe sua verdade.

O encanador faz Lourenço se deparar com sua falsa solução. Mas, para Lourenço a solução não é falsa. Em seu desespero, a única possibilidade é despejar o mau objeto no outro. Podemos ler a cena descrita como imagem do transbordamento citado no texto de Freud. Neste sentido, um excesso pulsional busca caminho alternativo transformando-se neste movimento. Aqui, o transbordamento, portando apenas o mau objeto, engloba as noções de ambivalência e cisão exemplificadas em *O Estranho*. Em seus processos caóticos, Lourenço mistura-se ao meio tornando-se elemento projetado nos componentes do ambiente.

Os ralos, e todos esses canos, parecem ser apenas um lugar para onde os dejetos e a água vão. Mas não são. Esses buracos são na verdade outra coisa.

Ah é? E o que são?

*São portais. São os portais do inferno. E é por eles que nos observam.*¹¹⁰

Os buracos, nomeados por Lourenço como portais do inferno, são os meios pelos quais o personagem é observado (controlado?). O agente crítico observador, esboçado no texto psicanalítico, recebe aqui ilustração nas associações do personagem fictício. A separação entre o Eu e a instância crítica adquire visibilidade quando Lourenço concebe – e nomeia – os ralos como como portais através dos quais ele é observado.

O delírio de estar sendo observado, um dos pontos de partida da elaboração de Freud a respeito do narcisismo, auxilia-nos, aqui, na visualização do processo de constituição do ideal. Neste processo, a cisão do Eu possibilita a construção da instância crítica, como abordado na remissão teórica da parte inicial deste capítulo. A contundência da imagem trazida pelo personagem remete-nos à força, descrita por Freud, que opera na instância

¹⁰⁹ Mutarelli, 2002, p.64.

¹¹⁰ Idem, p.64.

psíquica em construção.

Se o que eles querem é me observar.

Se o que eles querem é enlamear minha mente.

Se o que eles querem é me deixar doente.

Eu mesmo tapo o portal.

Pego o telefone e encomendo vários metros de areia e sacos de cimento.

E não esqueçam de mandar as pedrinhas. É isso mesmo, cascalho.¹¹¹

Os portais têm um querer, eles querem observar, enlamear, deixar Lourenço doente. Um poder observador, invasor e controlador projeta-se no buraco e perturba seus pensamentos. Cabe a Lourenço barrar este poder com areia, cimento, cascalho. Uma instância imperativa invade seus sentidos, não lhe deixando outra possibilidade senão o encobrimento total.

O poder observador e controlador expresso por Lourenço sugere a leitura, em alguma medida, ‘religiosa’ da fonte deste poder. Nos capítulos seguintes, é abordada a evocação de um elemento parcial, o olho, para ocupar o lugar de um substituto superegótico. Na passagem aqui descrita da crônica, no entanto, já se esboçam associações do personagem que embasam a hipótese da evocação de uma figura metafísica – um Deus que tudo vê – para preencher o lugar de uma instância a ser delineada como parte de sua configuração psíquica.

A imagem de Lourenço nomeando os ralos como portais do inferno pelos quais o observam nos auxilia na visualização de uma instância crítica separada do Eu, instância esta cuja constituição ocorre de forma contundente. Pensamos, aqui, na contundência do processo de cisão do Eu como representante das possibilidades constitutivas das instâncias psíquicas como se apresentam para o personagem.

Outro elemento importante à análise do personagem fictício que pode ser lido à luz dos textos freudianos aqui utilizados é a relação possível que Lourenço estabelece com a noiva. A cena em que o noivado é desfeito fornece elementos para pensarmos a possibilidade de estabelecimento da relação objetal.

Ela perguntou se eu não ia comer a salada. Disse que estava sem fome.

¹¹¹ Mutarelli, 2002, p.64.

Ela falou que já estava na gráfica. Os convites. Ela falou que me amava. Ela falou que ao meu lado seria feliz.

Eu falei que só os ingênuos acreditavam em felicidade.

Ela cobriu o rosto tentando chorar. Estúpido! Insensível!

É isso o que você é. Insensível.

Levantou-se da mesa. Enchi minha taça de vinho.

Desculpa. Ela falou.

Desculpar o quê? É que eu fiquei nervosa. Não quero estragar essa noite. É que, às vezes, você finge ser tão insensível. Falta só um mês.

Falei que eu não queria casar.

Ela fez uma cara engraçada.

Ela bateu na minha cara.¹¹²

O personagem termina o noivado sem nem mesmo saber como entrou nele. A noiva se declara e planeja uma vida em comum com ele, fala suficiente para desencadear a fuga ou recuo de Lourenço para dar continuidade à sua vida da forma como vinha sendo vivida.

No processo analítico, a relação com o objeto de amor oferece pistas acerca da saída da condição instalada pelo complexo de Édipo. Em *À guisa de introdução ao narcisismo*¹¹³, Freud aborda a possibilidade de amar como a possibilidade de estabelecimento da relação objetal, que podemos ler como a possibilidade de posicionamento do sujeito.

A relação amorosa apresentada por Lourenço como situação de tensão, cobrança e fuga traz elementos para repensarmos o estabelecimento da relação objetal. No contato com sua noiva, a relação possível ao personagem ilustra um tipo de relação na qual se privilegiam satisfações individuais, em detrimento da composição possibilitada por uma relação conjugal. Tal situação remete a uma condição narcísica, na qual o investimento libidinal direciona-se ao Eu. Em outro momento da dissertação são retomadas as elaborações de Freud acerca do investimento objetal que retorna ao Eu, num movimento regressivo da libido. Esta condição pode ser também estendida ao exposto no trecho citado da crônica.

Esta primeira parte da leitura analítica do personagem da crônica *O cheiro do ralo*¹¹⁴

¹¹² Idem, p.12.

¹¹³ Freud, 2004b.

¹¹⁴ Mutarelli, 2002.

ênfatiou os processos constitutivos do ideal de Eu numa condição exacerbada da ambivalência em relação ao pai, assim como da cisão do Eu e da função superegóica incidindo como imperativo. O uso que Freud fazia de condições consideradas patológicas, como pontos de partida de elaborações teóricas, em sua ilustração do exagero em determinados movimentos psíquicos, pode ser levado à leitura, na crônica, dos processos que representam elementos das associações descritas pelo discurso de Lourenço.

Na crônica, a função de observador crítico atribuída ao ralo ilustra a parcialidade na relação de objeto que opera na construção psíquica de Lourenço, explicitando seu mecanismo projetivo. Neste processo constitutivo, a contundência da ambivalência em relação ao pai e da cisão do Eu, elementos analisados por Freud em *O Estranho*¹¹⁵, remetem o personagem à paralisação e ao recuo do investimento em si mesmo. Na expressão de processos semelhantes aos apresentados por Nataniel, o personagem de *O cheiro do ralo*¹¹⁶ faz pensar na influência da relação objetal parcializada sobre as saídas encontradas pelo sujeito.

Como ilustração do processo de constituição superegóica, o movimento apresentado por Lourenço sugere a busca de construção do ideal calcada em elementos destacados em suas funções. O peso da função de observador crítico invasor apresenta-se de forma contundente e devastadora quando de sua fragmentação no processo de constituição das instâncias psíquicas.

No enfoque do personagem através da perspectiva oferecida pela psicanálise, podemos ver a fragmentação dos processos psíquicos como consequência da valorização da relação objetal parcial. Neste quadro, a contundência de alguns aspectos constitutivos do supereu revelam-se igualmente de forma fragmentária e exacerbada.

¹¹⁵ Freud, 1996k, 1993c.

¹¹⁶ Mutarelli, 2002.

SUPEREU – PARTE I

SUPEREU COMO HERDEIRO DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Os estudos sobre a histeria levaram Freud a formular a hipótese do recalque, conquanto mecanismo de defesa, como função psíquica, fato que o conduziu à hipótese tópica de um esquema psíquico dividido em duas partes: uma recalcada e uma recalcadora. Naquele momento, ainda se equiparava recalque com o inconsciente e instância recalcadora com o consciente.

O uso do termo ‘inconsciente’ logo recebeu um duplo sentido: um sentido descritivo, pelo qual era atribuída uma qualidade ao estado psíquico; e um sentido dinâmico, que especificava uma função psíquica. Tal distinção foi explicitada por Freud em *A Interpretação dos sonhos*¹¹⁷ e, posteriormente, em *Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise*¹¹⁸, de 1912. Naquela época, a noção de sistemas ou instâncias psíquicas ainda não era clara, mas já apontava para uma divisão do aparato psíquico baseada não somente em funções, mas em partes, às quais se poderiam atribuir características e modos de operação diferenciados.

Em *O Eu e o Id*¹¹⁹ (1923), Freud definiu as instâncias id, Eu e supereu, partindo da distinção entre o sistema perceptivo consciente e o inconsciente. O processo do pensamento, em pauta, já apresentado em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, ilustra a dinâmica das instâncias psíquicas.

Partindo da concepção da sensação de prazer como a redução de investimento energético e a de desprazer como elevação que se dirige à descarga, Freud inferiu uma lógica dos movimentos pulsionais dotada de um direcionamento próprio, conforme segue. Os conteúdos passíveis de se tornarem conscientes têm a característica do prazer e, nesta lógica,

¹¹⁷ Freud, 1996b.

¹¹⁸ Freud, 1996e.

¹¹⁹ Freud, EA 1993b, ESB 1996o.

o desprazer torna-se “um ‘algo’ quantitativo-qualitativo no curso dos eventos mentais.”¹²⁰ Assim, a instituição de um ‘algo’ inominável que pode suplantar o princípio de prazer resultou do que o autor produziu acerca de observações clínicas que o levaram à formulação da compulsão à repetição.

A hipótese de Freud, naquele momento, era a de que os conteúdos inconscientes poderiam tornar-se pré-conscientes, sendo que alguns chegariam à consciência. As ligações, neste esquema, se fariam por meio de vinculações de resíduos de lembranças, então descritos como representações verbais.

O papel das representações-palavra¹²¹ torna-se perfeitamente claro. Por sua mediação, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. É como se evidenciasse a hipótese: “Todo saber provém da percepção externa”. Quando um sobre-investimento do pensar se efetiva, os pensamentos são percebidos real e efetivamente – como se viessem de fora -, e conseqüentemente são considerados verdadeiros.¹²²

Uma imagem, já utilizada anteriormente, parece esclarecedora deste ponto. O cuidador, ao inferir sentido ao balbúcio do infante, confere aos sons o *status* de signos, com o que tais sons-signos passam a ser vinculados aos conteúdos inferidos, e, nessa condição, são produzidos posteriormente na fala como instrumento de comunicação.

É da relação entre percepção externa e interna e do sistema perceptivo-consciente que se reformula a noção de Eu. A instância egóica inicia-se no sistema perceptivo e passa a abranger o pré-consciente, mas, conforme já postulado, constitui-se também de material inconsciente.

Freud tomou de empréstimo a definição de Groddeck¹²³ para explicitar a diferenciação entre

¹²⁰ Freud, EA 1993b, p.24; ESB 1996o, p.36.

¹²¹ Segundo Garcia-Roza, 2002b: “A *representação-palavra* é entendida como uma representação complexa, formada de representações simples diversas: imagem acústica da palavra, imagem motora, imagem da leitura e imagem da escrita. Este conjunto forma um complexo representativo fechado, que é a *Wortvorstellung*. O fundamental, para Freud, é que a representação-palavra não se forma senão numa relação entre o aparelho de linguagem e um outro aparelho de linguagem.” p. 244.

¹²² Freud, EA 1993b, p.25; ESB 1996o, p.37.

¹²³ Georg Groddeck (1923) – referência indicada por Freud, que remete o uso do termo *id* a Nietzsche quando se refere a tudo o que é impessoal e responde à necessidade da natureza e do ser. (Freud, EA 1993b, p.25;

as instâncias. Groddeck afirmara que o que chamamos Eu comporta-se na vida de maneira essencialmente passiva, isto é, ‘somos vividos por forças desconhecidas e incontroláveis’. Freud propôs chamar “Eu à entidade que tem seu ponto de partida no sistema perceptivo e que é, em primeiro lugar, pré-consciente, reservando ao mesmo tempo a denominação id a todos os outros elementos psíquicos nos quais o Eu se prolonga, comportando-se de maneira inconsciente.”¹²⁴

Mas a gradação dentro do Eu, já proposta por Freud, trazia complicações a esta definição, o que acarretou, então, que Freud partisse da questão da identificação para chegar ao ideal de Eu que, por fim, foi denominado supereu.

Partindo da elaboração exposta em *Luto e Melancolia*¹²⁵ (1917) acerca da substituição de um investimento de objeto pela identificação, Freud, em *O Eu e o id*¹²⁶ estruturou a participação desta substituição na construção do Eu.

De acordo com a descrição acerca do processo melancólico, ao abandono do objeto pôde seguir-se a instalação do objeto no Eu, ou introjeção do objeto. Freud referiu-se a este trajeto como um processo identificatório, no qual se processa uma modificação no Eu.

Novamente utilizando uma condição exacerbada como ilustração do processo de constituição psíquica, para Freud o que ocorre no processo melancólico, “é um processo muito freqüente, sobretudo em fases primitivas do desenvolvimento, e pode dar lugar a esta concepção: o caráter do Eu é um depósito dos investimentos de objeto abandonados, que contém a história destas escolhas de objeto.”¹²⁷

Nesse processo, um aumento considerável de identificações objetais do Eu poderia acarretar uma ruptura do Eu, o que Freud ilustrou com a condição patológica das personalidades múltiplas, processo no qual as diferentes identificações se sucedem na consciência. Na situação de não exacerbação desta condição é o conflito que se expressa em função das diferentes identificações e da conseqüente cisão do Eu.

ESB 1996o, p.37.)

¹²⁴ Freud, EA 1993b, p.25; ESB 1996o, p.37.

¹²⁵ Freud, 2006a.

¹²⁶ Freud, EA 1993b, ESB 1996o.

¹²⁷ Freud, EA 1993b, p.31; ESB 1996o, p.42.

Há ainda um elemento complicador para a explicitação dos processos identificatórios e de investimento de objeto. Trata-se da questão edípica e seus diferentes desfechos na constituição psíquica de cada ser. Segundo Freud, a identificação com os pais em suas pré-histórias pessoais,

À primeira vista, não parece resultado nem desenlace de um investimento de objeto: é uma identificação direta e imediata (não mediada), e mais primitiva que qualquer investimento de objeto. Mas, as escolhas objetais que correspondem aos primeiros períodos sexuais e relacionam-se aos pais parecem ter seu desenlace, se o ciclo é normal, em uma identificação desse tipo, reforçando desse modo a identificação primária.¹²⁸

De forma bastante simplificada, no caso de meninos, tem lugar um investimento objetal direcionado à mãe – investimento objetal anaclítico¹²⁹ originado na relação com o seio materno - , e, ao mesmo tempo, ocorre uma identificação ao pai. Durante algum tempo ambos os processos coexistem mas, em algum momento, os desejos sexuais em relação à mãe tornam-se mais intensos e o pai é tomado como obstáculo, de onde se origina o complexo de Édipo. A identificação com o pai reveste-se, então, de hostilidade, dado o desejo do menino de livrar-se do pai e tomar seu lugar junto à mãe. A relação com o pai torna-se, portanto, ambivalente e, juntamente com a relação objetal afetuosa com a mãe, forma o que Freud definiu como o complexo de Édipo simples positivo no menino. Tal enquadramento se desdobra num momento subsequente cunhado por Freud como a demolição do complexo de Édipo.

Com a demolição do complexo de Édipo, deve ser abandonado o investimento objetal em relação à mãe. Podem ocorrer duas diferentes substituições: uma identificação com a mãe ou uma intensificação da identificação com o pai. Estamos acostumados a considerar este último desenlace como o mais normal; ele permite que a relação afetuosa com a mãe seja, em certa medida,

¹²⁸ Freud, EA 1993b, p.32; ESB 1996o, p.44.

¹²⁹ Cf. Laplanche e Pontalis 1986, anáclise é um “[t]ermo introduzido por Freud para designar a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação: as pulsões sexuais, que só secundariamente se tornam independentes, apoiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. Em consequência, falar-se-á também de apoio ou anáclise para designar o fato de o indivíduo se apoiar sobre o objeto das pulsões de autoconservação na sua escolha de um objeto de amor; é a isso que Freud chama o tipo de escolha de objeto por apoio, ou anaclítica.”p.66:

mantida.¹³⁰

A idéia da substituição do investimento objetal em relação à mãe, possibilitada através da identificação à mãe ou ao pai, logo foi relativizada por Freud.

A saída e o desenlace da situação do Édipo em identificação ao pai ou à mãe parece depender (...) da intensidade relativa das duas disposições sexuais. Este é um dos modos nos quais a bissexualidade intervém nos destinos do complexo de Édipo. O outro é, no entanto, mais significativo, a saber: tem-se a impressão de que o complexo de Édipo simples não é, de modo algum, o mais freqüente, mas que corresponde a uma simplificação ou esquematização que muitas vezes se justifica suficientemente na prática.¹³¹

Em Freud, um complexo de Édipo mais completo, dúplice, ou seja, positivo e negativo depende da bissexualidade da criança. Uma bissexualidade originária é tida como elemento fundador da ambivalência percebida na criança em relação aos pais, e, ao mesmo tempo, elemento complicador da inteligibilidade das escolhas objetais primitivas e das identificações.

Freud presumiu, especialmente no que concerne aos neuróticos, a existência do complexo de Édipo completo. No desaparecimento do complexo de Édipo, seriam produzidas uma identificação paterna e uma identificação materna.

A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis mutandis*, quanto à identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais.¹³²

A relativização das identificações e escolhas objetais em cada ser, então, dependem de disposições sexuais individuais.

¹³⁰ Freud, Sigmund, ESB 1996o, p.45; EA 1993b, p.34.

¹³¹ Freud, EA 1993b, p.34; ESB 1996o, p.45.

¹³² Freud, EA 1993b, p.35; ESB 1996o, p.46.

Assim, como resultado mais universal da fase sexual governada pelo complexo de Édipo, pode-se supor uma sedimentação no Eu, que consiste no estabelecimento destas duas identificações, unificadas de alguma maneira entre si. Esta alteração do Eu recebe sua posição especial: ela se confronta com os outros conteúdos do Eu como ideal do Eu ou supereu.¹³³

Ideal de Eu e supereu, aqui utilizados como sinônimos, progressivamente delineiam a terceira instância psíquica na conceituação freudiana, ainda como parte do Eu.

A conceituação da identificação em Freud passou por mudanças desde os textos acerca das teorias sexuais infantis. Uma alteração importante nessa conceituação foi a passagem do entendimento da identificação como substituição do investimento objetal para seu entendimento como processo identificatório, no qual o recalçamento do complexo de Édipo aparece como desinvestimento objetal.

Em *Psicologia das massas*¹³⁴ (1921), mais especificamente no capítulo intitulado “A identificação”, Freud definiu identificação como sendo “a forma mais originária de ligação afetiva com um objeto”¹³⁵, pontuando, no entanto, que o menino identifica-se com o pai como ideal de Eu ao mesmo tempo em que a mãe é investida como objeto sexual. Da confluência destes dois processos resulta o Complexo de Édipo. Ainda no mesmo capítulo, a identificação “passa a substituir uma ligação libidinal de objeto por via regressiva, mediante introjeção de objeto no Eu”¹³⁶, formando, assim, o traço identificatório que se expressará na clínica enquanto sintoma.

Nesse momento da obra freudiana, é possível entender uma indiferenciação entre o campo dos investimentos e o registro das identificações que, tomados como formulações intercambiáveis, deixam de se fazer perceber em suas trocas na composição psíquica. Essa indiferenciação foi melhor trabalhada em *O desaparecimento do complexo de Édipo*¹³⁷ (1924). Em relação à saída do Édipo, Freud acrescentou:

¹³³ Freud, EA 1993b, pp.35-6; ESB 1996o, pp.46-7.

¹³⁴ Freud, EA 1993a, ESB 1996m.

¹³⁵ Freud, EA 1993a, p.100; ESB 1996m, p.117.

¹³⁶ Freud, EA 1993a, p.100; ESB 1996m, p.117.

¹³⁷ Freud, 2000.

O complexo de Édipo ofereceu ao menino duas possibilidades de satisfação, uma ativa e uma passiva. Ele pôde, masculinamente, colocar-se no lugar do pai e tal como este relacionar-se com a mãe, caso em que o pai logo foi visto como empecilho, ou quis substituir a mãe e se fazer amar pelo pai, caso em que a mãe se tornou supérflua.¹³⁸

Ao final desse processo, o recalçamento do complexo de Édipo aparece como parte do processo identificatório no qual a criança desinveste as imagens parentais para identificar-se aos ideais na constituição de seu próprio lugar, diferente dos lugares dos pais.

Os investimentos objetais são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu, forma ali o âmago do supereu, que toma ao pai a severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim garante o Eu contra o retorno do investimento libidinal de objeto. As tendências libidinais próprias do complexo de Édipo são dessexualizadas e sublimadas em parte, o que provavelmente ocorre em toda transformação em identificação, e em parte inibidas na meta e mudadas em impulsos ternos. Todo o processo, por um lado, salvou o genital, afastou dele o perigo da perda, e, por outro lado, paralisou-o, suspendeu sua função. Com ele tem início o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança.¹³⁹

Mas, além de se constituir de resíduos das escolhas objetais, o supereu também representa reação contrária a estas escolhas, pois que uma das funções do supereu é recalçar o complexo de Édipo.

O supereu conservará o caráter do pai, e quanto mais intenso for o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque (por influência da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar, da leitura), mais severo será posteriormente o império do supereu como consciência moral¹⁴⁰

Nesse sentido, Freud situou o supereu como herdeiro do complexo de Édipo. A formação de um ideal dentro do Eu que domina o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, faz com que o Eu se sujeite ao id. Sujeição ao id, nesses termos, remete a um supereu que, como

¹³⁸ Freud, 2000, p.485.

¹³⁹ Freud, 2000, p.486.

¹⁴⁰ Freud, EA 1993b, p.36; ESB 1996o, p.47.

representante do mundo interno, contrapõe-se ao Eu na constituição psíquica.

ORGANIZAÇÃO ANAL-SÁDICA E FIXAÇÃO LIBIDINAL

No texto *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose*¹⁴¹ (1913), duas questões bastante relevantes para nossa discussão são explicitadas.

A primeira delas diz respeito à escolha da neurose. Em textos anteriores, Freud partira de considerações cronológicas, com base em suas observações clínicas, para relacionar a passividade à predisposição ao quadro de histeria e a atividade ao de neurose obsessiva. Com a introdução da noção de recalque, é possível ver que tal noção se alia à gênese traumática para, juntos, redefinirem a escolha pela histeria, neurose obsessiva ou paranóia. Aliando-se estas concepções a seus estudos acerca da sexualidade infantil e da constituição narcísica do psiquismo, Freud retomou suas formulações à luz das noções de auto-erotismo, identificação e cisão. Nesta releitura, histeria e neurose obsessiva ligam-se ao auto-erotismo em sua auto-referência como sintoma primordial, enquanto a paranóia expressa a cisão do Eu e seu depósito no exterior de elementos persecutórios.

Dessa primeira problemática, a fixação libidinal foi repensada em *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose*. O desenvolvimento sexual sugere a sucessão de pontos de fixação aos quais o sujeito regride quando do surgimento de sintomas graves em períodos de crise.

A segunda questão relevante no texto de Freud refere-se às organizações pré-genitais da libido. A elaboração acerca dos estádios de desenvolvimento sexual levou o autor a inferir a prevalência de um deles na apresentação de quadros patológicos.

No artigo de 1913¹⁴², Freud examinou mais detidamente o estágio anal-sádico. Pela ordem das publicações freudianas, podemos supor a seguinte seqüência de elaboração acerca da organização libidinal: o estágio auto-erótico, formulado em seus *Três ensaios*¹⁴³ (1905); o estágio narcísico, delineado em revisão do mesmo texto (1911); o estágio anal-sádico,

¹⁴¹ Freud, ESB 1996h, EA 1993c.

¹⁴² Freud, 1996h, 1993c.

¹⁴³ Freud, 1996c.

definido em *A disposição à neurose obsessiva*¹⁴⁴ (1913); o estágio oral, em nova revisão aos *Três ensaios* (1915); e o estágio fálico, elaborado em *A organização genital infantil*¹⁴⁵ (1923).

Partindo de observações clínicas de estados exacerbados de determinadas disposições psíquicas, Freud delineou os modos de constituição do aparelho psíquico. A questão da escolha da neurose, em sua apresentação sintomática – segundo a nosografia freudiana – quando do tratamento analítico, fez com que o autor explorasse os fatores disposicionais do aparelho psíquico em busca de elucidação dos quadros clínicos, ao mesmo tempo em que buscava traçar elementos constitucionais do funcionamento psíquico.

Nesse momento, a impossibilidade de inclusão rígida em um quadro nosológico – que delimitasse neurose obsessiva, histeria e paranóia – conduziu Freud na direção de uma reelaboração acerca da fixação libidinal em seu papel de traço formador do psiquismo. Transpondo novamente a elaboração dos quadros patológicos ao funcionamento do psiquismo ‘normal’, Freud retomou a questão da fixação disposicional do aparelho psíquico levando em conta, então, a possibilidade de inibições e fixações, delimitadores da escolha neurótica, que remontam a um momento bastante primitivo de constituição psíquica.

Um caso clínico foi utilizado para ilustrar esta reelaboração. Uma moça apresenta sintomas histéricos diante da frustração de seu desejo de ter um filho, frustração esta devida à impossibilidade do marido em satisfazer tal anseio. Sua análise segue no sentido de associar seu adoecimento a este desejo e às fantasias a ele ligadas. No momento em que o marido fracassa em uma relação sexual e, em seguida, viaja, deixando-a só, as significações da analisanda tomam um outro rumo. Convencida da impotência permanente do marido, e, portanto, da frustração de seu desejo, a moça desencadeia sintomas obsessivos,

O conteúdo de sua neurose obsessiva era uma compulsão por lavagem e limpeza escrupulosas, bem como medidas protetoras extremamente enérgicas contra danos graves que pensava que outras pessoas tinham razão para temer dela – isto é, formações reativas contra seus próprios impulsos *anal-eróticos* e *sádicos*. Sua necessidade sexual foi obrigada a encontrar expressão nestas

¹⁴⁴ Freud, 1996h, 1993c.

¹⁴⁵ Freud, 1996n.

formas, após sua vida genital ter perdido todo o valor devido à impotência do único homem que lhe poderia importar.¹⁴⁶

Para a interpretação do caso aqui apenas brevemente resumido, Freud retomou seu quadro de desenvolvimento libidinal. Uma fase auto-erótica – em que o direcionamento das pulsões para o próprio corpo segue-se à posterior organização pulsional que definirá a escolha de objeto – precede a fase narcísica, na qual o objeto alvo coincide com o Eu. No momento de elaboração deste fragmento de caso clínico, faz-se necessária a inserção de uma fase na qual a primazia dos genitais – guia das duas fases anteriormente descritas – ainda não se apresenta como tal. Nas palavras de Freud:

Pelo contrário, as pulsões parciais que governam esta *organização pré-genital* da vida sexual são anal-eróticas e sádicas.¹⁴⁷

A vida sexual da paciente começou, em sua mais remota infância, com fantasias de espancamento. Após estas haverem sido suprimidas, estabeleceu-se um período de latência inusitadamente longo, durante o qual passou por um período de crescimento moral exaltado, sem qualquer despertar das sensações sexuais femininas. O casamento, que se realizou muito cedo, iniciou uma época de atividade sexual normal. Este período, durante o qual ela foi esposa feliz, continuou por vários anos, até que sua primeira grande frustração provocou a neurose histérica. Quando isto foi seguido pela perda de valor de sua vida genital, a vida sexual, como já disse, retornou ao estágio infantil do sadismo.¹⁴⁸

Aliando a esta nova elaboração a dupla ativo/passivo que, inicialmente, embasava suas teorias acerca da sexualidade, Freud relacionou, então, a atividade à pulsão de domínio - sadismo - e a passividade à tendência ao erotismo anal “cuja zona erógena corresponde à antiga e indiferenciada cloaca”.¹⁴⁹ Ambos os pólos passaram, então, a estar marcadamente presentes na elaboração desta fase pré-genital da libido sexual. A inserção de uma fase de desenvolvimento libidinal anterior à primazia dos genitais implicou, portanto, a ampliação da noção de sexualidade e trouxe novos elementos à leitura do psiquismo em sua conexão com a

¹⁴⁶ Freud, ESB 1996h, p.344; EA 1993c, p.340. (cotejo e tradução da autora).

¹⁴⁷ Idem, ESB 1996h, p.345; EA 1993c, p.341. (grifos do autor)

¹⁴⁸ Ibidem, ESB 1996h, p.345; EA 1993c, pp.341-42.

¹⁴⁹ Freud, ESB 1996h, p.346; EA 1993c, p.342.

sexualidade infantil.

Isto significa dizer que “[a] psicanálise requer absolutamente admitir o reconhecimento das pulsões sexuais parciais, das zonas erógenas e da extensão, assim gerada, do conceito de ‘função sexual’, em oposição à ‘função genital’, mais restrita”.¹⁵⁰ Com a ampliação da noção de sexual, ficam concomitantemente ampliadas as possibilidades de apreensão do que coletiviza e individualiza o humano. Abre-se, assim também, a possibilidade clínica de um amplo espaço de criação e revisitação.

O quadro de neurose obsessiva apresenta-se como lugar onde se pode melhor observar a primazia do sadismo e do erotismo anal, e, por essa razão, elucida a construção freudiana a respeito deste ponto de fixação libidinal anterior à primazia genital.

Em particular, ficamos sempre com a impressão de que a pulsão de saber pode realmente tomar o lugar do sadismo no mecanismo da neurose obsessiva. Na verdade, ela é, no fundo, uma ramificação sublimada da pulsão de domínio, exaltada em algo intelectual, e seu repúdio sob a forma de dúvida desempenha grande papel no quadro da neurose obsessiva.¹⁵¹

Em seus desdobramentos, a neurose obsessiva exhibe um movimento pulsional em que o controle de objetos, ainda indiferenciados do Eu, retomam uma condição sádica de fixação libidinal. O erotismo anal, aqui, ilustra ainda a dificuldade de contato com o mundo externo, na retenção de objetos que estabeleceriam o contato primordial – vale lembrar, neste ponto, a elaboração de Freud acerca das fezes do bebê enquanto dádivas entregues ao outro como primeira produção própria¹⁵².

Os pontos de fixação libidinal indicam momentos nodais na constituição psíquica. Chamamos, aqui, momentos nodais aos conjuntos de elementos que formam traços primordiais que caracterizam as escolhas do sujeito. A importância da elaboração acerca da fixação libidinal para a análise do personagem de *O cheiro do ralo* expressa-se pela possível diferenciação de elementos que compõem a constituição superegóica daqueles que

¹⁵⁰ Idem, ESB 1996h, p.346; EA 1993c, p.343.

¹⁵¹ Ibidem, ESB 1996h, p.348; EA 1993c, p.344.

¹⁵² Conforme exposição nos *Três Ensaio*s, 1996c, e retomada na conferência XXXII das *Conferências Introdutórias*, 1996s.

obscurecem o rastreamento dessa composição.

SUPEREU E ORGANIZAÇÃO PRÉ-GENITAL

Como é que o supereu se manifesta essencialmente como sentimento de culpa (ou melhor, como crítica – pois o sentimento de culpa é a percepção no Eu que responde a essa crítica) e, além disso, desenvolve tão extraordinária rigidez e severidade para com o Eu?¹⁵³

Para responder a esta questão, Freud retomou a expressão sintomática da proposição nos casos de melancolia e neurose obsessiva. Na melancolia, o supereu dirige-se ao Eu de maneira impiedosa, como que se apossando de todo o sadismo e dirigindo-o ao Eu. Aqui, o autor supõe um supereu guiado pela pulsão de morte, como podemos ver em *Luto e melancolia*.¹⁵⁴

Na neurose obsessiva, uma situação semelhante à aflição se observa, mas, segundo Freud, de maneira menos manifesta.

Na neurose obsessiva, uma regressão à organização pré-genital tornou possível os impulsos de amor transformarem-se em impulsos de agressão contra o objeto. A pulsão de destruição foi liberada e busca destruir o objeto ou, ao menos, parece ter este propósito. O Eu não acolhe estas tendências, volta-se contra elas com formações reativas e medidas precautórias; elas permanecem, então, no id. Mas o supereu se comporta como se o Eu fosse responsável por elas, e ao mesmo tempo nos mostra, pela seriedade com que persegue estes propósitos aniquiladores, que não se trata de uma aparência provocada pela regressão, mas de uma efetiva substituição do amor pelo ódio. Impotente em ambas as direções, o Eu se defende, em vão, das insinuações do id assassino e das censuras da consciência moral punitiva. Ele consegue inibir, ao menos, as ações mais grosseiras de ambos; o primeiro resultado é um auto-suplício interminável, e eventualmente segue-se uma tortura sistemática do objeto, na medida em que este estiver ao alcance.¹⁵⁵

¹⁵³ Freud, EA 1993b, p.53; ESB 1996o, p.65.

¹⁵⁴ Freud, 2006a.

¹⁵⁵ Freud, EA 1993b, p.54; ESB 1996o, p.66.

No processo regressivo à fase anal-sádica, o supereu do obsessivo, cumprindo as funções crítica e de proteção, direciona a pulsão de destruição ao objeto – como componente do Eu - , ao mesmo tempo que controla o objeto pela manipulação agressiva.

Retomando a identificação como via pela qual se constitui o supereu, Freud inferiu neste processo uma desfusão pulsional. Tomando o pai como modelo, o processo identificatório acarretaria, necessariamente, uma dessexualização ou sublimação pulsional. O processo de desfusão correspondeira, aqui, ao envio da agressividade para o exterior, em função da perda da força do componente erótico em seu caráter agregador.

Na neurose obsessiva, segundo Freud,

A desfusão de amor em agressividade não foi efetuada por ação do Eu, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o supereu, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente Eu. Pareceria, contudo, que nesse caso, como na melancolia, o Eu, tendo ganho controle sobre a libido por meio da identificação, é punido pelo supereu por assim proceder, mediante a instrumentalidade da agressividade que estava mesclada com a libido.¹⁵⁶

Por meio do processo de desfusão, que desmembra pulsões agressivas e amorosas, a regressão remete o supereu à primitiva organização anal-sádica, organização esta definida e retomada por Freud como o ponto de fixação ao qual retorna a organização libidinal na neurose obsessiva.

¹⁵⁶ Freud, EA 1993b, p.55; ESB 1996o, p.67.

ANÁLISE

Nesta segunda parte da análise, são privilegiados os elementos que explicitam a relação de objeto parcial no funcionamento psíquico de Lourenço. Conforme elaboração provida pelos textos psicanalíticos, a relação objetal parcializada apresenta-se como passagem necessária à elaboração do Complexo de Édipo. Como foi visto, no âmbito de tal marcação teórica, é ao longo do processo identificatório que o investimento objetal abre passagem ao recalque do complexo edípico. Para o personagem da crônica, no entanto, percebemos uma fixação libidinal no objeto parcial que dificulta esta passagem.

Quando me dei conta contemplava uma bunda enorme.

Farta. Quase disforme.

*Era da moça. Pensei que no fundo ela era boa.*¹⁵⁷

A bunda torna-se “o todo” da moça, exemplificando o modo de aproximação com o outro, tal como frequentemente se apresenta para Lourenço. Aqui, a associação bunda – merda – cheiro do ralo, associação esta que guia o movimento pulsional de Lourenço, é repassada para a relação possível com o outro, isto é, com o que lhe é exterior.

Por meio de seu mecanismo projetivo – que também permeia a viabilidade de contato com o outro – a bunda da balconista torna-se a sua própria, para a qual se direciona o investimento objetal. Ainda nesta linha interpretativa, a parcialidade do objeto faz com que o investimento objetal que se direcionaria a si dirija-se a parte de si, ao mesmo tempo em que é projetada na parte do outro.

Ela se curvou.

Sua bunda.

*Sua bunda imensa e disforme, sorriu para mim.*¹⁵⁸

A bunda, elemento guia da atenção de Lourenço, remete-nos aos pontos nodais de fixação descritos por Freud. Em *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema*

¹⁵⁷ Mutarelli, 2002, p.10.

¹⁵⁸ Idem, p.16.

*da escolha da neurose*¹⁵⁹ (1913), Freud tratou da regressão do paciente a pontos de fixação libidinal que se registram como traços no psiquismo em sua constituição. Neste ponto do caso narrado na crônica, a imagem de Lourenço atento à bunda ilustra o movimento psíquico descrito por Freud acerca do direcionamento pulsional ao objeto – movimento anteriormente desordenado.

É a bunda quem sorri para ele, em sua direção, pautando a sua relação com a moça, do mesmo modo como os objetos que compra tornam-se balizadores da fala em direção ao outro. A posse do objeto pela compra comparece em vários momentos da crônica, apresentando-se como forma possível de relação entre Lourenço e seu interlocutor. Podemos pensar nesta forma de apresentação como consequência da valorização exponenciada do objeto idealizado que, no entanto, permanece em uma condição parcial.

Traz o velho x-vinagrete e se vira para pegar a coca. Quería ter o poder do zoom, do quadro a quadro e da pausa. Voltar, congelar, rever.

Gravar, duplicar, ter. Possuir. Ejetar e voltar a meter.

Antes de ir dou-lhe a bala.

Framboesa, ela ri.

*Sabe o que eu li na Revista dos Astros?*¹⁶⁰

Lourenço expressa o desejo de posse do objeto que guia sua atenção, agora trazendo novo elemento à análise em curso. Em conformidade com a abordagem desenvolvida por Freud¹⁶¹, a agressividade advinda do desejo de poder e controle sobre a “bunda-o outro” expressa na passagem acima pode ser lida como um processo desfusional. Ou seja, a desfusão, desmembrando pulsões agressivas e amorosas, remete o supereu à regressão anal-sádica, o que pode ser corroborado na leitura de fixação libidinal no material trazido pelo personagem.

A cena na qual Lourenço expressa querer ter o poder do zoom para admirar a bunda, gravar, duplicar e possuir o objeto guia de sua atenção pode ser lida através do que Freud elaborou acerca da pulsão de domínio. Podemos pensar neste movimento do personagem como ilustração de uma fase pré-genital da constituição psíquica à medida em que a posse do objeto é expressa como finalidade última, descolada da intenção do movimento desejante.

¹⁵⁹ Freud, ESB 1996h, EA 1993c.

¹⁶⁰ Mutarelli, 2002, p.23.

¹⁶¹ Freud, ESB 1996h, EA 1993c.

Na crônica, a atenção de Lourenço, porque magnetizada pela bunda da balconista, pode ser tomada como metáfora da elaboração acerca dos pontos de fixação libidinal. A exclusividade do quadro apresentado pela bunda nos remete à fixação como momento nodal, pois que representa elemento ao qual se direciona todo o interesse do personagem, ilustrando, assim, o direcionamento pulsional na constituição psíquica quando da apresentação sintomática no processo analítico. Tendo em mente este ponto da narrativa, podemos pensar, então, na fixação libidinal como expressão da constituição fragmentada do personagem, decorrência das relações objetalizadas, tais como se colocam.

Nos conturbados processos através dos quais Lourenço constrói a associação bunda – merda – cheiro do ralo, ele se identifica à bunda em sua parcialidade, e à merda em sua condição daquela que promove o cheiro.

*Quase nem dá tempo de abrir a porta. Corro ao banheiro. Devolvo.
Esvazio os intestinos. Grosso e delgado. Esse lanche ainda me mata. Não deu
tempo nem de ligar a TV. Nem me limpo. Entro direto no banho. Fazendo um
Flash-back do Rabo.*

Depois do alívio, o que vem?

O vazio.¹⁶²

Esvaziando seus intestinos, Lourenço esvazia-se de si. Identificado a seus dejetos, torna-se um vazio quando da descarga de seus dejetos.

A constituição psíquica do personagem até este momento sugere a prevalência da relação objetal parcial, implicando a fixação libidinal como elemento que dificulta a elaboração do complexo edípico. A fixação à fase anal, neste quadro, torna-se barreira ao posicionamento do sujeito, conforme descrição em *À guisa de introdução ao narcisismo*¹⁶³ acerca da impossibilidade de amar como impossibilidade de estabelecimento da relação objetal ou, em outras palavras, como impossibilidade de posicionamento do sujeito.

Na crônica, vemos Lourenço recuar diante da declaração de amor da noiva. O movimento de

¹⁶² Idem, p.25.

¹⁶³ Freud, 2004b.

fuga do personagem principal diante da fala de um outro, que demanda seu posicionamento na relação conjugal, ilustra a análise aqui exposta. O difícil posicionamento em uma relação amorosa pode significar indícios das conseqüências da valorização do objeto em detrimento do processo de posicionamento autônomo. Um movimento em que o direcionamento pulsional concentra-se em elemento destacável, assim, influiria nos processos psíquicos de modo a exacerbar o investimento narcísico.

O estabelecimento da relação objetal, base de posicionamento do sujeito, nestes termos, apresenta-se de forma fragmentada. No contato com o mundo externo, Lourenço estabelece relações nas quais parte do objeto é tomada como o todo, o que limita suas possibilidades de troca e elaboração. Podemos ler este tipo de estabelecimento de relação como conseqüência de seu modo de operar psiquicamente a relação objetal, de forma parcializada. Como decorrência dos modos de relação com o objeto primordial, a forma de estabelecimento do laço social que, na crônica, é metaforizada num movimento de fuga remete-nos a relações fragmentárias que sugerem uma fraca ligação nos movimentos de constituição psíquica.

As associações expostas pelo discurso de Lourenço trazem ainda outros elementos que corroboram a hipótese da prevalência da relação objetal parcial influir em seus processos psíquicos de forma a desencadear o recuo, ao invés de movimento em direção à constituição desejante.

Lembrava do que o homem disse... Acho que foi o que levou o violino para vender. Pensei em um círculo vicioso. Ele disse que o cheiro era meu. Ele disse isso na minha cara. O pior é isso, de certa forma, me atingiu. Círculo vicioso não é. Pensei, vejo a bunda que me alimenta, alimenta os sonhos que não tenho. O preço para poder ver é comer o lixo daquela comida. A comida sempre cai mal. Sendo assim, o ralo fede. Ou seja, a bunda faz o ralo feder. Mas não é isso. Isso não funciona assim. Pois mesmo antes de que eu pudesse perceber a bunda, o ralo já fedia. Disso eu tenho certeza. Quer dizer, estou quase certo disso. (...) É verdade. Eu tenho quase certeza absoluta de que o ralo já fedia mesmo antes de eu ter descoberto a bunda. Acho que sim. É, não é a bunda que faz o ralo feder. Não é não. E se fosse? Se fosse, eu iria ter que fazer um grande sacrifício. É. Eu ia ter que escolher entre ver a bunda e agüentar o cheiro, ou não ver a bunda para o ralo não feder. Acho que se fosse o caso, eu iria preferir suportar o fétido odor. Não. Mas aí, de tanto inalar a

merda eu ia acabar lesando o meu cérebro. E aí teria que coabitar com o vulto. É, isso não ia dar certo. Mas não tem nada a ver.

A bunda tá fora disso.

Bem que eu queria estar entrando aqui, agora, com a bunda ao meu lado. Mas elas são todas iguais.

Logo o convite estaria na gráfica.¹⁶⁴

Neste ponto, a linha associativa de Lourenço expressa a introjeção de detritos como modo de aproximação ao seu suposto desejo. Para ver a bunda, alimenta-se de lixo que desemboca no ralo fazendo-o feder. A bunda faz o ralo feder. A seqüência bunda-merda-cheiro do ralo remete, como já aludido, a uma fixação anal, e serve, assim, de ilustração para a construção freudiana num momento desfusional e paralisante do processo de constituição psíquica do personagem. Em seguida, a negação de sua própria construção faz com que Lourenço se lance em seu isolamento. Seu raciocínio preconiza: a bunda não é culpada pelo cheiro, mas poderia lhe causar uma lesão cerebral, e mais, poderia conduzir a futuras repetições de se ver com os “convites na gráfica”. Num alívio momentâneo protege-se do contato com o mundo que lhe reenviaria a novas construções perturbadoras.

A bunda que vinha guiando a atenção de Lourenço passa a desencadear um movimento de recuo do personagem frente à possibilidade de alcance do objeto. A moça da lanchonete o convida para sair e, numa associação conturbada de pensamentos, Lourenço desiste do combinado. O movimento pulsional descrito por Freud, passando de um momento caótico à organização, embasa a leitura do movimento pulsional sendo direcionado a um objeto almejado e, em seguida, causando a paralisia do personagem diante da possibilidade de maior aproximação do objeto. Podemos pensar aqui no ideal, lembrando da identificação de Lourenço à bunda, como elemento guia da constituição do desejo como algo inatingível. Neste sentido, cabe indagar: é possível pensar no objeto parcial, em sua valorização exacerbada, como elemento que paralisa a constituição do movimento desejante?

Outra elaboração de Lourenço que merece destaque diz respeito à reconstrução que o personagem se impõe da figura do pai, figura buscada em diversos momentos da crônica como salvação ou olhar crítico. No capítulo 3 desta dissertação, vemos que o olho, parte do pai, é colocado em lugar do supereu. Para o momento, no entanto, vale retermos a

¹⁶⁴ Mutarelli, 2002, pp.39-40.

apresentação da elaboração do personagem no que ela significa de possibilidade de construção do ideal.

A cena na qual um senhor fardado vem lhe vender uma coleção de soldadinhos de chumbo, remetendo Lourenço a associações acerca do momento em que seu pai viveu, exemplifica a intenção de reconstrução da figura paterna. Mostrando o olho ao homem que esteve na mesma guerra em que seu pai morreu, descobre o homem que quase o salvou. Juntos dramatizam o momento de lutas com os soldadinhos.

*Ele atesta o passado que inventei. Penso em recriar minha vida toda. De trás para frente. De hoje, até o dia em que nasci. Como no horóscopo. Como na Revista dos Astros. Só que ao contrário. Eu prevejo o passado. Vou levá-lo para tomar um café. Saímos abraçados. Na recepção muitos aguardam por mim. Que esperem.*¹⁶⁵

Neste momento, instaura-se a possibilidade de reinventar um pai até então sem registro mnêmico para o personagem. Tal investida metaforiza a possibilidade de saída da condição em que Lourenço vivia, condição esta que, conquanto imaginariamente por ele controlada, estava colada à relação objetual que tecia em relação ao pedaço do outro percebido como objeto total, em seu anseio por algo que fosse capaz de preencher plenamente seu vazio existencial.

Em estado de excitação, Lourenço acredita poder reinventar seu passado, movimento que pode ser lido como expressão de um estado maníaco, como abordado no próximo capítulo deste trabalho. O outro, aqui, é tomado como testemunha de seus processos. Os clientes, numa condição de subjugação, podem esperá-lo em seu ritmo de construção. Poderíamos arriscar uma leitura do estado maníaco, uma exacerbação do narcisismo como investimento libidinal voltado ao Eu, ou, como veremos, uma aproximação do Eu ao ideal, ilustrado pelo movimento do personagem ficcional.

Nesta leitura, o pai, figura a ser reconstruída por Lourenço, representa o ideal como elemento impulsionador do movimento desejante. Da freqüente evocação do pai por parte do personagem, podemos depreender a existência de um resgate do ideal, advindo do complexo

¹⁶⁵ Mutarelli, 2002, p.46.

paterno, cujo estatuto seja o de elemento necessariamente valorizado na construção superegóica.

Uma outra leitura possibilitada pela aproximação entre o texto psicanalítico e a crônica seria a da manifestação do estado maníaco advir de uma constituição superegóica contundente em sua função de observador crítico do Eu.

Outra cena em que Lourenço retoma a construção do pai traz também a relação do personagem com o dinheiro, o que permite explorar outros aspectos decorrentes da valorização da relação de objeto parcial para o personagem.

Ele entra.

Ele traz uma perna.

Uma prótese.

É japonesa. Ele diz.

Vou comprar.

Vai ser a perna do meu pai.

Eu já tenho o olho. Agora que paguei, tenho a perna. Sei que com o tempo, vou montá-lo. Vou montar o meu pai. Meu pai Frankenstein. O pai que se foi. Se foi, antes que eu o tivesse. Foi, antes de eu nascer. Nem me viu. Nunca voltou. Foi. Ele só saiu com minha mãe, uma vez. Eu nem sei o seu nome. Nem sei se um nome ele tem. Ele nem sabe como eu sou. Ele nunca me viu. Eu, só o imaginei. A vida inteira. Eu mesmo lhe dei um nome. Eu mesmo o batizei. Eu mesmo cuidei de criá-lo. De cada detalhe, eu cuidei. Meu pai, fui eu que inventei. Ele nunca soube o que eu sinto. Não sabe o quanto o amei. Ele não sabe que rezo todas as noites. Ele não sabe. Ele não sabe como é minha cara. Nem sabe como ela foi. Não sabe que eu fui criança. Não sabe que a cicatriz do joelho, foi da vez que eu caí. Ele não sabe que existo.¹⁶⁶

A construção da imagem paterna paulatinamente abre para Lourenço uma possibilidade de criação de nova referência para seu posicionamento diante da instância psíquica evocada. Nos momentos em que busca sentido para o que sente e vive, o personagem percebe-se num esforço de construção lógica calcada em suas experiências diárias, concebidas por ele, até então, como situações desconectadas e, além disso, descoladas de uma história que se

¹⁶⁶ Mutarelli, 2002, p.111.

desenrolou desde sua concepção. Nesta tentativa de construir um pai, talvez resida a tentativa de remontar esta história à qual suas experiências pudessem se referenciar. O pai, elemento formador do ideal de Eu, e, portanto, posicionado como referência para Lourenço revela o seu peso-força na constituição superegóica.

Pagar para ter a perna que pode completar a figura do pai, a construção do pai. Esta é a lógica veiculada pelo uso do dinheiro, do objeto e da posse. A posse do objeto pela compra apresenta-se, tal qual a lógica do mercado, como única via de acesso ao objeto. Podemos pensar, aqui, na influência de uma construção difundida socialmente sobre os processos relacionais e também sobre os processos de elaboração psíquica. A cena descrita, ao expressar a lógica que permeia a construção elaborativa de Lourenço sobre dinheiro, objeto e posse, expõe outro de seus traços identificatórios. Assim, o personagem coloca-se no lugar do comerciante capitalista que exhibe seu poder por meio da sua capacidade de compra, e que imaginariamente, conquista a posse e o controle sobre o objeto. A posse do objeto, nestes termos, possibilita a constituição do ideal em sua lógica.

O encontro entre Lourenço e a bunda revela o caráter desagregador da possibilidade de alcance do objeto para o psiquismo cuja fragmentação supera a possibilidade de constituição desejante.

Me ajoelho e a abraço. Com força. Beijo. E fico assim, abraçado, feito um filhote à sua mãe. E mesmo que o vórtex me puxe, sei que por uns minutos ainda terei minha tábua de salvação.

A bunda era o contraponto do ralo.

Esse ralo que eu mesmo dei vida. Esse ralo é para onde projetei o escuro que sou. Esse ralo é o que eu lhe emprestei. O ralo e a bunda, dois extremos. Dois buracos extremos. Um leva ao interno do ser, outro ao interno do mundo.

Toda a carga que depusitei nessa bunda, infelizmente, quando me refiro à carga depositada, é uma figura meramente psicológica. Esta bunda, que agora abraço, era a minha salvação.

A bunda é, e sempre foi, o desejo, a busca de tentar alcançar o inatingível. Esta bunda era, enquanto impossível, enquanto alheia, o contraponto do ralo. Mas o que eu realmente buscava não estava ali. Nem tampouco em outro lugar. O que eu buscava, era só a busca.

Era só o buscar.

E por isso agora já não há mais desejo, só cansaço. Só o vazio.

Só a certeza do incerto.

Agora é preciso encontrar algo novo, de preferência uma bunda nova, para acreditar. Uma nova bunda em que eu possa crer. Nessa bunda eu não creio mais. Não que ela minta, ou tenha um dia mentido, para mim. Não. O mentiroso sou eu.¹⁶⁷

Bunda e ralo. Salvação e vazio. Interno do mundo e interno do ser. Impossibilidade e concretude. O que o personagem interpreta como dois contrapontos nos leva a uma mesma construção guiada pela fixação anal. Vimos a construção de Freud acerca da regressão à fase anal-sádica como momento em que o componente erótico perde seu caráter agregador no psiquismo num processo desfusional.

O encontro entre Lourenço e a bunda remete o personagem à construção segundo a qual bunda e ralo se dispõem como contrapontos que o remetem ao interno do mundo e ao interno do ser, respectivamente. Deste encontro, depreendemos a perda da função agregadora do componente erótico, o que remete o movimento pulsional a um processo desfusional, na separação que se efetua entre o lugar de salvação e o lugar que esconde sua escuridão.

Mas o que Lourenço buscava não estava ali, ele buscava a busca, o buscar. O personagem esboça aqui um movimento de constituição do ideal como motor que impulsiona o desejo em sua característica de objeto inalcançável. Esboça-se um movimento de constituição desejante mas que, ao mesmo tempo, expõe a repetição da idealização do objeto: Lourenço busca uma bunda nova na qual possa crer, uma bunda que possa realmente salvá-lo.

¹⁶⁷ Mutarelli, 2002, p.134.

SUPEREU – PARTE II

ESBOÇO DO EU E DA SEGUNDA TÓPICA

Escrito um ano após o texto sobre o narcisismo, *Luto e Melancolia*¹⁶⁸ (1917 [1915]) pode ser considerado um prolongamento daquele trabalho. O texto traz considerações sobre o ‘agente crítico’, que foram retomadas no capítulo XI de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*¹⁶⁹ (1921), influenciando na hipótese do supereu em *O Eu e o Id*¹⁷⁰ (1923), ao delinear nova avaliação a respeito do sentimento de culpa.

O que mais tarde Freud parece ter considerado a característica mais significativa deste artigo foi, contudo, o relato do processo pelo qual, na melancolia, um investimento¹⁷¹ objetal é substituído por uma identificação. No Cap. III de *O Eu e o Id*, argumentou que esse processo não se restringe à melancolia, mas é de ocorrência bastante geral. Essas identificações regressivas, ressaltou ele, são, em grande medida, a base do que descrevemos como o ‘caráter’ de uma pessoa. Mas, e isso era muito mais importante, ele sugeriu que as mais antigas dessas identificações regressivas – as derivadas da dissolução do complexo de Édipo – vêm ocupar uma posição muito especial, e formam, de fato, o núcleo do supereu.¹⁷²

Assim como os sonhos servem de material para a descrição do funcionamento narcísico do psiquismo, também o luto pode elucidar o mecanismo da melancolia. Seguindo o raciocínio segundo o qual o exagero simultaneamente ilustra e traça o mapeamento psíquico, Freud usou tal argumento para seu estudo sobre melancolia como sintoma.

¹⁶⁸ Freud, 2006a.

¹⁶⁹ Freud, 1996m, 1993a.

¹⁷⁰ Freud, 1996o, 1993b.

¹⁷¹ Segundo Laplanche & Pontalis, investimento é um “conceito econômico. O fato de uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc.” (1998, p.254)

¹⁷² Freud, 2006a, nota do editor inglês, p.101-02.

A princípio, uma mesma causa aparente se apresenta tanto para o luto como para a melancolia:

O luto é em geral a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc. Entretanto, em algumas pessoas – que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica – sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto.¹⁷³

Retomando a hipótese presente nos textos anteriores já mencionados, Freud postulou que uma tendência a determinado funcionamento psíquico pode ser reconstruída por meio do processo analítico. No trecho, tal tendência foi denominada disposição patológica, que podemos supor como elemento base da concepção estruturalista dos processos psíquicos, posteriormente proposta por Freud.

Tanto luto quanto melancolia caracterizam-se psiquicamente “por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas”.¹⁷⁴ Na melancolia, um traço adicional a distingue do luto: a diminuição do sentimento de auto-estima que pode encontrar expressão na auto-recriminação, podendo culminar em expectativa delirante de punição.

No trabalho realizado pelos dois processos (luto e melancolia) Freud encontrou o desfecho que os diferencia. No processo de luto, a ausência do objeto amado impõe a retirada de ligações libidinais com o mesmo. Segundo o autor, “cada uma das lembranças e expectativas que vinculam a libido ao objeto é trazida à tona e recebe uma nova camada de carga, isto é, de sobreinvestimento [*Überbesetzung*]. Em cada um dos vínculos tem lugar, então, uma paulatina dissolução dos laços de libido”.¹⁷⁵ O luto é visto, portanto, como um processo que tem um tempo próprio, que tende a um restabelecimento do contato com a realidade, vínculo este que fora rompido pela perda do objeto amado. No processo de luto, o restabelecimento se faz pela substituição dos investimentos outrora concentrados no objeto de amor.

¹⁷³ Freud, 2006a, p.103.

¹⁷⁴ Idem p.103.

¹⁷⁵ Ibidem, pp104-05.

Transpondo o mesmo entendimento ao processo melancólico, uma diferença se apresenta na relação entre o sujeito e o objeto perdido¹⁷⁶.

Segundo Freud,

Numa série de casos, é evidente que também a melancolia pode ser uma reação à perda de um objeto amado. Em outras ocasiões, constata-se que a perda pode ser de natureza mais ideal, o objeto não morreu realmente, mas perdeu-se como objeto de amor (...) Em outros casos, ainda, consideramos razoável supor que tal perda tenha de fato ocorrido, mas não conseguimos saber com clareza o que afinal foi perdido; portanto, temos motivos para achar que também o doente não consegue nem dizer, nem apreender conscientemente o que perdeu. Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe *quem* ele perdeu, não sabe dizer *o que se* perdeu com o desaparecimento deste objeto amado.¹⁷⁷

Assim, diferentemente do processo de luto, a perda na melancolia não habita o plano consciente. A perda do objeto na melancolia, que pode ser atribuída pelo paciente a uma perda vivida na realidade, é, de fato, a perda de algo outro que é, por assim dizer, atualizada pela perda ocorrida na realidade, o que consubstancia um processo de reatualização de uma perda primeira. Essa reatualização remete à idéia de um rompimento experienciado como perda em momento de separação psíquica entre o infante e seu cuidador.

Ainda na aproximação entre os dois processos, apesar da diferenciação que encontramos na relação com o objeto, uma outra dimensão os aproxima, qual seja, a da transposição do processo de luto ao melancólico. A questão do tempo de restabelecimento do contato com a realidade é observável em ambas as situações.

(...) no caso do luto sabemos que esse tempo é necessário para a execução, passo a passo, do processo exigido pelo teste de realidade, e que, uma vez terminado esse trabalho, o Eu consegue então libertar a sua libido do jugo do

¹⁷⁶ Segundo Kaufmann, “Freud conduziu a questão do objeto na psicanálise à de um objeto perdido em jogo na repetição, e Lacan acrescentou a isso a questão do traço que inscreve a repetição. (...) de maneira mais geral, parece que o objeto na psicanálise é entendido num sentido que se desdobra: de um lado, segundo a questão pulsional e, de outro, segundo a questão dos fundamentos”. (1996, p.377).

¹⁷⁷ Freud, 2006a, p105.

objeto perdido. Talvez possamos também, no caso da melancolia, imaginar o Eu ocupado com um trabalho análogo, embora por vezes nos falte a compreensão econômica desse processo.¹⁷⁸

A verificação de fenômenos observáveis oferece-se, pois, como porta de entrada para o entendimento dos processos psíquicos nas dimensões dinâmica e econômica de suas trocas. O tempo e o teste de realidade, aqui, constituem os fatores indicativos destes fenômenos.

Para Freud, um mesmo processo de retraimento e desinteresse pelo mundo se observa no luto e na melancolia. No caso da segunda, no entanto, não é possível ver o que absorve tão completamente o melancólico. A diminuição da auto-estima indica outras pistas para a diferenciação. “No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, foi o próprio Eu que empobreceu”.¹⁷⁹

Para Freud, a melancolia, assim como todos os quadros que considera patológicos, constitui fonte privilegiada para o estudo da constituição psíquica. Isto porque, especificamente neste quadro, a constituição egóica se apresenta de forma mais evidente.

Nesses casos [melancolia] vemos que uma parte do Eu do paciente se contrapõe à outra e a avalia de forma crítica, portanto, uma parcela do Eu trata a outra como se fora um objeto. A instância crítica que nesse caso foi capaz de se separar do Eu também será, sob outras condições, capaz de demonstrar sua independência (...) Na realidade, o que se nos apresenta aqui é a instância comumente denominada *consciência moral* [*Gewissen*]. Devemos incluí-la entre as grandes instituições do Eu juntamente com a censura que parte do consciente [*Bewusstseinszensur*] e com o teste de realidade [*Wahrheit*].¹⁸⁰

A instância crítica, aqui denominada instituição do Eu, esboça-se, assim, como instância psíquica em seus laços com a censura e o teste de realidade. A separação do Eu fornece elementos para o que mais tarde veio a constituir o conceito operatório de clivagem¹⁸¹, elemento importante para a teorização a respeito das instâncias psíquicas e do funcionamento

¹⁷⁸ Freud, 2006a, p.111.

¹⁷⁹ Idem, p105.

¹⁸⁰ Ibidem, p.107.

¹⁸¹ De acordo com Kaufmann, o conceito foi particularizado como clivagem do Eu apenas em *Fetichismo* (1927), tendo sido anteriormente utilizado para designar toda separação no aparelho psíquico. (1996)

do aparelho psíquico.

Freud pontuou a contradição entre o fato de entendermos a perda do melancólico como algo referido a um objeto, e a fala do paciente apontar para uma perda relativa ao Eu em suas auto-recriminações. No entanto, precisamente o que inicialmente Freud denominou contradição, foi posteriormente por ele percebido como a chave do quadro clínico: “as auto-recriminações são recriminações dirigidas a um objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu”.¹⁸² Como ilustração deste processo, Freud recorreu à imagem de uma mulher que reclama em altos brados o fato de o marido estar preso a uma pessoa incapaz como ela, sendo o discurso interpretado como uma acusação ao próprio marido de ser incapaz.

Nesse ponto, Freud construiu a hipótese do entendimento do funcionamento melancólico em sua conexão com o psiquismo normal. Partindo de uma escolha objetal narcísica, o paciente melancólico sofre uma real desconsideração por parte da pessoa amada. Uma condição geral, diante da desconsideração, seria a retirada da libido investida neste objeto (pessoa amada) e seu deslocamento para um novo objeto. Na melancolia, no entanto, em virtude de uma fixação maciça no objeto amado, a libido, ao invés de se dirigir a outro objeto, dirige-se ao próprio Eu. Estabelece-se, então, uma identificação¹⁸³ do Eu com o objeto abandonado. Sobre este desfecho do processo, Freud escreveu:

Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspectos do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao Eu e o Eu modificado pela identificação.¹⁸⁴

A instância crítica, aqui denominada instância especial, fruto da sombra que recobre o Eu, personifica-se na figura da pessoa amada, ilustrando e ampliando sua função. Assim, o conflito entre o Eu e a pessoa amada ilustra também a cisão que se operará na definição das instâncias psíquicas.

¹⁸² Freud, 2006a, p.107.

¹⁸³ A identificação, aqui, retoma a operação da identificação narcisista discutida em *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914) (Freud, 2004b).

¹⁸⁴ Freud, 2006a, p.108.

Quanto às precondições que suscitam o processo descrito, Freud fez a seguinte consideração: “Por um lado, é necessário que tenha havido uma forte fixação [*Fixierung*] no objeto de amor, mas, por outro, e em contradição com esta premissa, é preciso que haja concomitantemente uma fraca resistência e aderência do investimento depositado no objeto”.¹⁸⁵ Esta contradição, para Freud¹⁸⁶, parece implicar escolha objetal de base narcísica, hipótese confirmada pelo retrocesso ao narcisismo apresentado pelo paciente. Em suas palavras: “A identificação narcísica com o objeto torna-se um substituto do investimento amoroso anteriormente depositado, permitindo que – apesar do conflito com o objeto de amor – não mais seja preciso renunciar à relação amorosa em si”.¹⁸⁷ Tal observação reafirma a tendência do psiquismo¹⁸⁸, refletida na condição do paciente, em apresentar dificuldade para abandonar uma condição prazerosa.

O processo de regressão da libido, de uma escolha objetal narcísica ao narcisismo – como momento distinto ao auto-erotismo no movimento pulsional¹⁸⁹ – seria, no raciocínio de Freud, uma das fontes geradoras da melancolia, sendo a outra fonte constituída pelos traços semelhantes aos encontrados no luto (como a perda do objeto amado).

Um fator importante¹⁹⁰ que intervém na diferenciação entre luto e melancolia, ao mesmo tempo em que aproxima melancolia e luto patológico¹⁹¹, é o conflito advindo da ambivalência em relação ao objeto de amor. A lógica dos pares de opostos complementares é novamente acionada, desta feita, no fato de o melancólico expressar a exacerbação de seus sentimentos de amor e ódio em relação ao objeto.

Esse conflito de ambivalência, seja ele de origem mais real, ou mais constitutiva, é um dos importantes pré-requisitos para o surgimento da melancolia. Uma vez tendo de abdicar do objeto, mas não podendo renunciar ao amor pelo objeto, esse amor refugia-se na identificação narcísica, de modo

¹⁸⁵ Freud, 2006a, p.108.

¹⁸⁶ Nessa passagem, Freud toma de empréstimo as observação de Otto Rank

¹⁸⁷ Freud, 2006a, pp.108-09.

¹⁸⁸ Tendência de busca do prazer em contraposição ao desprazer, conforme texto sobre os dois princípios do acontecer psíquico discutido anteriormente.

¹⁸⁹ Neste momento descrito como fase oral da libido.

¹⁹⁰ Em função de sua utilização ao longo da elaboração teórica.

¹⁹¹ Freud descreveu como luto patológico à condição de crise extrema em função da tendência à neurose obsessiva frente ao luto, que culmina na culpabilização diante da morte (pela crença que o enlutado revela em que seu desejo tenha operado na situação de morte do objeto).

que agora atua como ódio sobre esse objeto substituto, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo desse sofrimento alguma satisfação sádica. A indubitavelmente prazerosa autoflagelação do melancólico expressa, como o fenômeno análogo na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio. Essas tendências são sempre dirigidas a algum objeto, e é por essa via que no caso elas se voltaram contra a própria pessoa.¹⁹²

O desprezo dirigido ao Eu, em verdade destinado ao objeto – na constelação dos processos psíquicos em sua constituição -, encontra satisfação no processo regressivo ao sadismo originário¹⁹³.

Desta forma, o investimento erótico no objeto do melancólico tem um duplo destino: em parte ele regrediu à identificação, em parte, porém, foi remetido – sob a influência do conflito de ambivalência – ao sadismo, que é o estágio de desenvolvimento mais próximo do conflito de ambivalência.¹⁹⁴

O investimento erótico no objeto, postulado como fundante do aparelho psíquico (na separação que proporciona entre o si mesmo e o outro), mostra, neste ponto, dois caminhos percorridos quando da apresentação da melancolia. É importante observar que há um retrocesso em ambos os casos. Assim, uma parte dos investimentos retrocede à identificação, ilustrada (conforme citação anterior) pela agressividade que destina ao outro; e outra parte, em função do conflito diante da ambivalência, retorna ao sadismo como dimensão constituinte do psiquismo.

A relação entre o sadismo e a tendência ao suicídio era já investigada por Freud como impulsos contra um outro, personificado como opositor.

(...) a partir da análise da melancolia, agora se tornou claro que o Eu somente pode matar a si mesmo se conseguir, através do retorno do investimento

¹⁹² Freud, 2006a, p.110.

¹⁹³ Segundo Kaufmann, “Segundo a primeira tópica freudiana, o comportamento sádico-masoquista repousa num sadismo originário ativo, que investe normalmente um objeto externo, mas que pode sofrer, por um lado, uma inversão da atividade do sujeito em passividade, e por outro, uma transformação da agressividade contra o objeto em agressividade contra o próprio sujeito”. (1996, p.323). Questões referentes ao sadismo e ao masoquismo foram exploradas por Freud em *Uma criança é espancada* (1919), 1996l, e *O problema econômico do masoquismo* (1924), 1996p.

¹⁹⁴ Freud, 2006a, p.110.

objetal, tratar a si próprio como um objeto, isto é, se puder dirigir contra si a hostilidade originalmente destinada a um objeto, hostilidade esta que, em verdade, está no lugar [*vertritt*] da reação original do Eu contra objetos do mundo exteno.¹⁹⁵

Numa elucidação de postulações anteriores, a melancolia associada à tendência ao suicídio vem ilustrar o movimento pulsional na relação de objeto. A agressividade em relação ao objeto externo começa a se delinear como elemento formador dos limites psíquicos do si mesmo. E, em continuidade com a citação anterior:

Desta forma, embora o objeto da escolha narcísica objetal tivesse sido suprimido [*aufgehoben*] quando houve a regressão, ao final ele mostrou-se mais poderoso do que o próprio Eu. Acrescentemos que nas duas situações opostas, a paixão extrema e o suicídio, o Eu, embora por vias totalmente diversas, acaba sendo sobrepujado [*überwältigt*] pelo objeto.¹⁹⁶

Livrar-se do objeto, deparando-se com sua força dominadora, num movimento propiciado pela regressão da libido, é o que revela de forma mais contundente a força que representa a instância psíquica a ser delimitada. Nesse momento, a separação se faz entre Eu e objeto na ilustração do movimento pulsional.

Quanto ao delineamento do quadro de melancolia, vale acompanharmos o seguinte trecho de Freud:

Podemos dizer que o complexo¹⁹⁷ melancólico se comporta como uma ferida aberta absorvendo de todos os lados a energia de investimento para si (a qual nas neuroses de transferência denominamos “contra-investimento”) e esvazia o Eu até seu total empobrecimento, de modo que o complexo pode então facilmente resistir ao desejo de dormir do Eu.¹⁹⁸

¹⁹⁵ Freud, 2006a, p.111.

¹⁹⁶ Freud, idem, p.111. O autor retomou a questão do suicídio no cap. V de *O Eu e o id* (1923), 1996o, e em *O problema econômico do masoquismo* (1924), 1996p.

¹⁹⁷ Segundo Laplanche & Pontalis, complexo refere-se a um “conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados.” (1998, p.70) Esse termo foi mais explorado por outros autores como Jung.

¹⁹⁸ Freud, 2006a, pp.111-12.

Numa ilustração desta condição, Freud aludiu à insônia do melancólico, entendida como a resistência do Eu diante do desejo de dormir. Tal exemplo, no entanto, pouco comporta da imagem da ferida aberta, na qual a atração de energias provenientes de todas as direções termina por esvaziar o Eu. O uso das metáforas por Freud revela a dimensão que o autor queria dar a cada elemento que se propunha investigar. Algo devastador ocorre no processo melancólico.

Na evolução do processo analítico de melancólicos, Freud encontrou novo contraponto para a compreensão do quadro. A tendência do melancólico em apresentar sintomas maníacos, ou seja, a apresentação de sintomas simetricamente opostos por um mesmo paciente, embora não seja um quadro geral (de apresentação em toda melancolia), revela-se instigante objeto de investigação.

Na tentativa de desvelar a ocorrência da mania, Freud recorreu a duas indicações. Em primeiro lugar, uma impressão psicanalítica, compartilhada com outros analistas, sugeria que os estados de mania e melancolia relacionavam-se a um mesmo complexo: na melancolia, o sujeito sucumbe a este complexo, e, na mania, ele domina o complexo. À segunda indicação Freud denomina “a experiência geral que se tem com a economia¹⁹⁹ psíquica desses casos”²⁰⁰ segundo a qual estados de alegria, exultação ou triunfo dependem das mesmas condições econômicas que a mania, sendo esta última uma exacerbação dos estados anteriores. Do cotejo entre essas duas indicações, Freud propôs:

(...) na mania, o Eu deve ter superado a perda do objeto (ou o luto pela perda, ou talvez o objeto mesmo), tornando então novamente disponível todo o montante de carga de contra-investimento que o doloroso sofrimento da melancolia havia retirado do Eu e enlaçado e fixado. O maníaco nos demonstra de forma nítida sua libertação do objeto que o fazia sofrer, partindo como que esfomeado em busca de novas oportunidades para depositar em outros objetos as cargas de investimento liberadas.²⁰¹

¹⁹⁹ Segundo Laplanche & Pontalis, o termo econômico, em Freud, “qualifica tudo o que se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências.” (1998, p.121)

²⁰⁰ Freud, 2006a, p.112.

²⁰¹ Idem p. 113.

Mais que um oposto complementar da melancolia, a mania mostra-se como uma saída possível ao paciente do estado anterior. A busca por substitutos objetais, no entanto, apresenta a mesma forma desordenada que paralisa o paciente na melancolia. O investimento disponível, sem um objeto ‘alvo’, torna-se movimento pulsional exacerbado e desordenado, encarnado na figura do esfomeado, que nos remete aos primórdios de nossas necessidades básicas para a existência.

A intensidade das expressões utilizadas por Freud na descrição dos processos psíquicos aponta para uma condição dinâmica dos processos como também oferece pistas do aspecto econômico aí envolvido. Com relação a este último, Freud chamou suposição ao desenvolvimento seguinte:

(...) cada vez que surgem as lembranças e as inúmeras situações de expectativa que mostram quanto a libido ainda está vinculada ao objeto perdido, a realidade logo se apresenta com o veredicto de que o objeto não mais existe; assim, o Eu é por assim dizer confrontado com a questão de se deseja partilhar o destino desse objeto; entretanto, em face das inúmeras satisfações narcísicas que a vida propicia, o Eu acaba persuadido a ir dissolvendo seus liames [*Bindung*] com o objeto aniquilado. Poderíamos então imaginar, talvez, que esse desligamento [*Lösung*] do objeto ocorra tão lentamente e tão passo a passo que, com o término do trabalho, toda a energia mobilizada para realizá-la tenha sido empregada e se dissipado.²⁰²

Retomando a analogia entre luto e melancolia, lembranças e situações de expectativa que ligam a libido ao objeto, no processo de luto, ilustram o que Freud denominou “vestígios inconscientes de impressões isoladas”²⁰³ no processo melancólico. Também na melancolia é provável uma retirada libidinal destes vestígios de forma lenta e gradual, não sendo possível, no entanto, supor qualquer seqüência ou localização dos mesmos.

(...) quando o objeto não tiver um significado – reforçado por milhares de elos – que o torne tão fundamental para o Eu, sua eventual perda não será suficiente para causar nem luto, nem melancolia. Portanto, devemos atribuir a retirada tão minuciosa da libido, tanto no luto como na melancolia, às mesmas razões, isto

²⁰² Freud, 2006a, pp.113-14

²⁰³ Idem p.114.

é, nos dois casos provavelmente o processo se apóia nas mesmas condições econômicas e serve às mesmas tendências.²⁰⁴

Na análise do ponto de vista econômico do processo, a ênfase recai sobre o valor atribuído a uma quantidade de ligações libidinais a serem desfeitas em função de um propósito semelhante. O deslocamento da imagem do processo de luto ao melancólico justifica-se pela semelhança, semelhança que, por sua vez, decorre da própria noção econômica de deslocamento (da energia).

Visando à consideração do ponto de vista tópico²⁰⁵, Freud retomou a questão do conflito devido à ambivalência, aspecto complicador da melancolia na relação com o objeto. Para ele, esse conflito pode ser constitucional – como traço de constituição egóica -, ou pode advir diante da ameaça da perda do objeto.

(...) na melancolia, se tece em torno do objeto uma rede de inúmeros embates isolados – nos quais o amor e o ódio se enfrentam -, um para desatar a libido do objeto, o outro para defender essa posição da libido contra o ataque. Só podemos imaginar que esses embates isolados estejam situados no sistema *Ics*, onde reinam os vestígios de lembranças-de-coisas²⁰⁶ [*sachlichen Erinnerungsspuren*] (em contraposição aos investimentos depositados nas palavras). É exatamente no *Ics* que também no luto transcorrem as tentativas de desligamento do objeto, embora no luto não haja obstáculos a que esses processos prossigam pela via normal através do *Pcs*. até a consciência²⁰⁷. Contudo, esse caminho está bloqueado para o trabalho da

²⁰⁴ Freud, 2006a, p.114.

²⁰⁵ Segundo Laplanche & Pontalis, “Teoria ou ponto de vista que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns em relação aos outros, o que permite considerá-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente.” (1998, p.505) Em geral, no que se refere às tópicas, divide-se a obra freudiana em dois momentos: a primeira tópica, basicamente apresentada no cap. VII de *A Interpretação dos sonhos* (1900), 1996b, faz distinção entre Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. A segunda tópica, presente na obra desde 1920, define três instâncias psíquicas: Id, Eu e Supereu. Ambas as tópicas são construídas sem que haja sobreposição entre elas.

²⁰⁶ Na edição Standard brasileira encontramos a tradução “traços de memória de coisas”. Segundo Kaufmann, “um “traço mnêmico” é antes de mais nada uma resto ou um resíduo de percepção (...) (Em *A Interpretação dos sonhos* de 1900, a memória é concebida) em termos de “facilitações” entre os neurônios e “sinais de percepção” que dariam lugar a várias inscrições. Entre a percepção e a ação motora existiria assim uma série de sistemas mnêmicos estratificados. No entanto, se o acúmulo de impressões fosse consciente, o psiquismo logo ficaria saturado e incapaz de receber novas excitações: assim, segundo Freud, a memória e a consciência são incompatíveis. Disso se segue que um traço, isto é, uma modificação de um sistema mnêmico, só é durável, ou mesmo inalterável, na medida em que é inconsciente.” (1996, p.547)

²⁰⁷ Neste momento, a base da descrição topográfica está na sua primeira elaboração. Ver Laplanche e Pontalis,

melancolia, devido a diversas causas, ou à confluência simultânea de todas elas.²⁰⁸

O luto, então, como representante do processo psíquico normal diante da perda, vem esclarecer o processo melancólico como uma exacerbação do primeiro. A luta propiciada pela ambivalência recebe lugar na teoria tópica, revelando-se como bloqueio ao curso geral dos traços psíquicos.

Sabemos que a ambivalência constitutiva faz parte do recalcado e também que as experiências traumáticas vividas com o objeto podem alcançar vários elementos recalcados. Assim, de qualquer modo, tudo nesses embates ambivalentes permanece fora do alcance da consciência pelo menos enquanto não ocorrer o desfecho característico da melancolia. Como sabemos, ele consiste em que o investimento de libido que está sendo ameaçado finalmente abandone o objeto, para se retrair ao mesmo local no Eu de onde inicialmente havia partido. Ao fugir para o interior do Eu, o amor pode então escapar de ser suprimido [*aufgehoben*]. Só após essa regressão da libido é que o processo pode tornar-se consciente e se faz representar na consciência como um conflito entre uma parte do Eu e a instância crítica.²⁰⁹

Por meio da avaliação tópica dos processos psíquicos, a melancolia, ou mais especificamente a ambivalência constitucional, vem delinear, em outros termos, a constituição da instância crítica.

Entretanto, a consciência não tem acesso nem à parte essencial do trabalho da melancolia, nem àquela à qual podemos creditar a influência sobre a resolução do sofrimento. Vemos que o Eu se autodeprecia e se enfurece consigo mesmo, mas compreendemos tão pouco quanto o doente aonde isso levará e como poderia ser mudado. Na medida em que é fácil encontrar uma analogia essencial entre o trabalho da melancolia e o do luto, poderíamos atribuir esses fenômenos à parte inconsciente do trabalho da melancolia: afinal, da mesma forma que o luto compele o Eu a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo, também cada um dos conflitos

1998, p.505.

²⁰⁸ Freud, 2006a, p.115.

²⁰⁹ Idem, p.115.

de ambivalência afrouxa a fixação da libido ao objeto, desvalorizando-o, rebaixando-o, como que matando-o a pancadas.²¹⁰

Pela necessidade de elaboração de conteúdos que, com base somente na primeira tópica, consubstanciam material de difícil encadeamento, tem início a formulação freudiana da segunda tópica. Nesta direção, a parte inconsciente do Eu passa a redesenhá-lo antes de levá-lo à condição de instância psíquica. Da mesma forma, a morte do objeto, aqui, revela a noção de objeto desconectada da sua existência desvinculada do Eu.

Ao final de suas elaborações, Freud pôde retomar a questão da mania como representante de um excesso insuportável de investimentos.

O acúmulo das cargas de investimento inicialmente presas e enlaçadas [*gebunden*], e que são liberadas após o término do trabalho melancólico, certamente está relacionado com a regressão da libido ao narcisismo e deve ser o elemento que torna possível a mania. O conflito no interior do Eu – que na melancolia substituiu a luta anterior para conquistar o objeto – deve ter um efeito semelhante a uma ferida dolorosa que exige um contra-investimento de carga excepcionalmente alto.²¹¹

Freud reconheceu o papel da regressão libidinal ao Eu como elemento fundamental à constituição do Eu como conceito, assim como localizou no conflito as possibilidades de divisão e reformulação conceitual. A concepção a respeito da formação do sonho formulada em seu *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*²¹² (1917) contribui para o entendimento sobre a transposição da concepção do luto à melancolia.

Concebamos então da seguinte maneira a situação que leva à formação do sonho: o desejo de dormir tenta recolher todas as cargas de investimento que haviam sido enviadas pelo Eu em direção aos objetos e tenta, assim, produzir à noite um narcisismo absoluto.²¹³

²¹⁰ Freud, 2006a, p.115.

²¹¹ Idem, p.116.

²¹² Freud, 2006c.

²¹³ Freud, 2006c, p.82.

É do raciocínio que define o sonho – em sua realização de desejos – como protótipo do funcionamento narcísico do psiquismo que advêm os contornos do luto em relação à melancolia. Esta última, em seu caráter exacerbado de algumas funções psíquicas, traz os elementos formadores da segunda tópica freudiana, *locus* da fundamentação do conceito de supereu.

A relação de objeto, aqui, explicita a força de uma instância que compõe o Eu, ao mesmo tempo em que se separa dele numa função crítica e censora. A ambivalência, neste quadro, convoca a noção do sadismo originário, trazendo novo elemento para a compreensão da tendência do psiquismo em direcionar a agressividade num movimento projetivo, com a finalidade de proteger o Eu.

Freud sustentou a existência de uma força dominadora do objeto, o que induz a pensar na força dominadora apresentada pela instância censora. Nesse enquadramento, a mania, como contraponto e saída possível para a melancolia, apresenta uma busca desordenada por substitutos objetais. Em tal configuração, o caos que acelera é o mesmo que paralisa a ação psíquica.

A SEGUNDA TÓPICA DE FREUD

*Além do Princípio do Prazer*²¹⁴ (1920), *Psicologia das massas e análise do Eu*²¹⁵ (1921) e *O Eu e o Id*²¹⁶ (1923) são os textos que consolidam o sistema estrutural de Freud, erigido como contraposto e complemento ao sistema topográfico anterior.

Neste capítulo, são resumidas partes essenciais de *Além do princípio do prazer* e de *O Eu e o Id*, com ênfase nos elementos que explicitam a construção do conceito supereu.

RETOMANDO AS DIMENSÕES ECONÔMICA E DINÂMICA DO PSIQUISMO

Embora o grande salto teórico celebrado em *Além do Princípio do Prazer* (1920) seja a

²¹⁴ Freud, 2006b.

²¹⁵ Freud, 1996m, 1993a.

²¹⁶ Freud, 1996o, 1993b.

elaboração da pulsão de morte no âmbito do estudo do movimento pulsional do psiquismo – onde figura como ponto de chegada da investigação freudiana sobre a compulsão à repetição – importa privilegiar nesta dissertação as três primeiras partes do texto. Ou seja, o objetivo aqui é o de focalizar as partes do texto freudiano nas quais se expressa a ligação deste momento da obra ao momento que lhe é anterior, e nas quais também se consolida a leitura psicanalítica em suas dimensões dinâmica e econômica.

O ponto de vista econômico é introduzido pela descrição do fluxo de energia psíquica seguido pela tensão acumulada. Tal fluxo segue o princípio do prazer, pressuposto até então inquestionável dos processos psíquicos, mas passou, posteriormente, por algumas reformulações:

(...) relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa [*gebunden*] -, de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade. Não se trata, todavia, de uma relação simples entre a intensidade das sensações e as modificações às quais elas correspondem. Tampouco podemos (...) conceber essa relação como sendo diretamente proporcional. É provável que o fator decisivo para formar uma sensação seja a magnitude de redução ou aumento da excitação durante certo espaço de tempo.²¹⁷

Os pontos de vista econômico e dinâmico expressam a amplitude em que a metapsicologia freudiana foi delineada, tendo como ponto de partida o princípio do prazer.

(...) os fatos que nos levaram a crer na hegemonia do princípio de prazer na vida psíquica também remontam à suposição de que o aparelho psíquico teria uma tendência a manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante. (...) O princípio de prazer deriva do princípio de constância, embora, na realidade, o próprio princípio de constância tenha sido, ele mesmo, inferido dos fatos que nos levaram a adotar a hipótese do princípio de prazer.²¹⁸

²¹⁷ Freud, 2006b, pp.135-36.

²¹⁸ Idem, p.136.

O princípio de constância proposto desde as primeiras elaborações de Freud acerca do acontecer psíquico (como no *Projeto para uma psicologia científica*²¹⁹, de 1895), começou a ser repensado à luz de observações acerca do princípio do prazer:

(...) ao longo do desenvolvimento, as pulsões de autoconservação do Eu acabam por conseguir que o princípio de prazer seja substituído pelo *princípio de realidade*. Entretanto, o princípio de realidade não abandona o propósito de obtenção final de prazer, mas exige e consegue impor ao prazer um longo desvio que implica a postergação de uma satisfação imediata, bem como a renúncia às diversas possibilidades de conseguí-la, e a tolerância provisória ao desprazer. No entanto, o princípio de prazer continua sendo ainda por muito tempo o modo de trabalhar próprio das pulsões sexuais, as quais são mais dificilmente “educáveis”. Assim, sempre volta a ocorrer que a partir das pulsões sexuais ou a partir do próprio Eu, o princípio de prazer consegue sobrepor-se ao princípio de realidade, prejudicando o organismo inteiro.²²⁰

Retomando o raciocínio exposto no texto sobre os dois princípios do acontecer psíquico, o autor nomeou um novo par de opostos complementares na constelação dos processos psíquicos. As pulsões de autoconservação do Eu, contrapostas às pulsões sexuais expuseram um funcionamento psíquico dinâmico, no qual o princípio do prazer localiza-se como modo próprio de trabalho das pulsões sexuais.

A entrada em cena do princípio de realidade constitui uma das fontes de desprazer do psiquismo, mas não a única. Segundo Freud, uma segunda fonte de liberação de desprazer são os próprios conflitos e as clivagens pelos quais passa o Eu em seu processo de desenvolvimento.

Nesse trajeto, acontece repetidamente que algumas pulsões ou partes de pulsões perseguem metas ou aspirações que seriam intoleráveis [*unverträglich*] para outras pulsões cujas metas são passíveis de se compor e formar uma unidade abrangente do Eu. A solução psíquica então é separar essas pulsões cujas metas seriam intoleráveis, isolando-as dessa unidade do Eu. Utilizando-se para tal do processo de recalque, a psique as mantém em níveis inferiores do

²¹⁹ Freud, 1996a.

²²⁰ Freud, 2006b, p.137.

desenvolvimento psíquico. De início, essas pulsões ficam privadas da possibilidade de uma satisfação. Entretanto, caso consigam – o que acontece facilmente com as pulsões sexuais recalçadas – pelear até chegarem por desvios diversos a obter uma satisfação direta ou ao menos uma satisfação substitutiva, esse resultado, que normalmente teria sido uma possibilidade de sentir prazer, será sentido pelo Eu como desprazer.²²¹

Por meio da compreensão do desprazer como propiciador da clivagem e do recalque – ambos necessários à constituição psíquica –, Freud postulou o desprazer neurótico como um “prazer que não pode ser sentido”.²²² Para tal elaboração, retomou seus escritos sobre a melancolia, e, assim, esboçou o que mais tarde veio a formular a respeito do masoquismo – como componente da estrutura psíquica.

A limitação imposta ao princípio do prazer necessária à composição do psiquismo é uma questão importante para o entendimento da introdução da análise da repetição percebida, freqüentemente, na clínica. Freud retomou, então, seu estudo teórico a respeito da repetição²²³, aliando, desta feita, elementos de maior profundidade teórica.

A repetição do sonho apresentada por pacientes com neurose traumática (como eram classificados os pacientes que, após a Primeira Guerra, apresentavam dificuldade em superar o momento traumático vivido), assim como a repetição da brincadeira infantil – entendida como simbolização de situações desagradáveis – levaram Freud a uma pesquisa acerca da repetição. Sua melhor fonte, no entanto, foram os tratamentos de seus pacientes, durante os quais se encenavam repetidamente situações relacionadas à sexualidade infantil na relação transferencial. Segundo Freud, o paciente

(...) se vê mais forçado a *repetir* o recalçado como se fosse uma vivência do presente do que (...) a *recordá-lo* como sendo um fragmento do passado. A reprodução (...) se desenrola no campo da relação transferencial com o médico e tem sempre como conteúdo um fragmento da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e de seus sucedâneos.²²⁴

²²¹ Freud, 2006b, p.138.

²²² Idem, p.138.

²²³ Freud vinha tratando do assunto em seus escritos técnicos como *Recordar, repetir e elaborar* (1914), 1996i.

²²⁴ Freud, 2006b, p.144.

Para Freud, a repetição da cena infantil na relação transferencial constitui uma fase do tratamento que, no entanto, necessariamente precisa ser superada. A compulsão à repetição, nas palavras de Freud, “deve ser atribuída ao recalco inconsciente”.²²⁵ Durante o tratamento, o material recalco força passagem em direção à consciência, ou busca escoamento por meio da atuação do que não pode ser transcrito em palavras.

Mas então surge a questão de como se estabelece a relação do princípio de prazer com a compulsão à repetição, que é a manifestação da força do recalco. É claro que quase tudo que a compulsão à repetição consegue fazer o paciente reviver outra vez causa muito desprazer ao Eu, pois nesse processo as atividades de moções pulsionais recalco são expostas. Mas, como já mostramos, trata-se de um desprazer que não contradiz o princípio de prazer, pois é ao mesmo tempo desprazer para um sistema e prazer para outro. O fato novo e impressionante (...) é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalco naquela ocasião do passado.²²⁶

O conteúdo tratado na citação remete ao caso da vida sexual infantil em seus desejos intoleráveis e inconciliáveis com a realidade. “Na transferência, todas essas ocasiões indesejadas e as situações afetivas dolorosas são repetidas e revividas pelo neurótico com especial habilidade.”²²⁷

A retomada dos funcionamentos do princípio do prazer e do princípio de realidade levou Freud a elaborações acerca de uma provável necessidade psíquica – em seu desenvolvimento - da repetição de experiências desprazerosas.

Através da evocação de elementos da observação clínica e da brincadeira infantil, a compulsão à repetição passa a figurar, então, como elemento arcaico da formação psíquica que é capaz de suplantar o princípio do prazer.

²²⁵ Idem, p.145.

²²⁶ Freud, 2006b, pp.145-6.

²²⁷ Idem, p.146.

TENDENDO À MORTE

Freud definiu as pulsões como o mais importante e obscuro objeto de investigação psicológica, representantes que são “de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico.”²²⁸

Aliando esta definição ao que acabara de construir acerca da compulsão à repetição, como manifestação da força do recalcado, podemos conceituar pulsão como:

*(...) uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica.*²²⁹

A tendência à inércia, suposta por Freud ao movimento pulsional, está presente nos escritos psicanalíticos desde as primeiras descrições topográficas do funcionamento mental. Nesse momento, no entanto, a tendência reveste-se de novo sentido, que Freud pontuou como sendo o da “manifestação da natureza *conservadora* do ser vivo.”²³⁰ A hipótese de Freud, aqui, é a de que as pulsões, em sua característica conservadora, direcionam-se a um restabelecimento de um estado anterior, devendo a evolução, até este retorno, ocorrer em função de forças externas perturbadoras e desviantes.

As idéias de restabelecimento de um estado anterior e retorno ao inanimado como tendências do movimento pulsional surgem, na obra de Freud, em consequência do que o autor teoriza acerca do processo repetitivo atuado pelo sintoma do paciente. Na leitura dualista do autor, no entanto, podemos perceber a relativização da força desta elaboração teórica. A pulsão de morte, contraposta e complementar à pulsão de vida, em seu movimento no psiquismo, representa elemento essencial à constituição das instâncias psíquicas em suas delimitações. A tendência ao inanimado, nesta concepção, representa mais um elemento formador que se movimenta de forma contraposta e complementar a seu oposto na constituição psíquica. Nas

²²⁸ Ibidem, p.158.

²²⁹ Ibidem, p.160, grifo do autor.

²³⁰ Freud, 2006b, p.160, grifo do autor.

palavras de Freud: “[s]e pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões *internas*, então podemos dizer que: *O objetivo de toda vida é a morte*, e remontando ao passado: *O inanimado já existia antes do vivo.*”²³¹

O SUPEREU

Freud sintetizou o que havia concebido até então sobre a formação do supereu nos seguintes termos:

(...) temos afirmado repetidamente que o Eu é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo id; que a primeira dessas identificações sempre se comporta como uma instância especial no Eu e dele se mantém à parte sob a forma de um supereu: enquanto que, posteriormente, à medida que fica mais forte, o Eu pode tornar-se mais resistente às influências de tais identificações. O supereu deve sua posição especial no Eu, ou em relação ao Eu, a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o Eu ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no Eu. A relação do supereu com as alterações posteriores do Eu é aproximadamente semelhante à da fase sexual primária da infância com a vida posterior, após a puberdade. Embora ele seja acessível a todas as influências posteriores, preserva, não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno – a saber, a capacidade de manter-se à parte do Eu e dominá-lo. Ele constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do Eu, e o Eu maduro permanece sujeito à sua dominação. Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o Eu se submete ao imperativo categórico do seu supereu.²³²

A alteração conceitual da identificação, segundo a qual a identificação deixa de ser vista como substituição do investimento objetal e passa a ser entendida como um processo identificatório que contém o recalçamento do complexo de Édipo, repercute na construção

²³¹ Idem, p.161, grifos do autor.

²³² Freud, EA 1993b, p.49; ESB 1996o, p.61.

conceitual do supereu. O supereu tomado como identificação na situação em que o Eu era fraco remete às identificações pontuadas nos textos iniciais, nas quais o processo identificatório parte de uma condição narcísica do psiquismo. Nessa situação o narcisismo abre espaço ao processo de introjeção objetal como processo identificatório. Com o estatuto de herdeiro do complexo de Édipo, o supereu comparece como introjeção da lei advinda da conclusão do processo instaurado pelo complexo.

ANÁLISE

Da discussão empreendida no tópico anterior, depreendemos a concepção do supereu como instância que advém de processos identificatórios instaurados a partir de uma condição narcísica e que é herdeira do Complexo de Édipo. Tal concepção fica exposta de forma contundente na descrição dos processos psíquicos fragmentários que são percebidos em Lourenço. Retomando a leitura do olho como substituto superegóico eleito pelo personagem, cabe acompanhar como se processam os conteúdos a ele ligados desde sua aquisição.

Ele entra.

Traz um olho de vidro nas mãos. Esse olho já viu de tudo. Ele diz. Esse olho tem história. De tudo, ele não viu. Penso eu. Não viu a bunda, isso ele não viu. Pego o olho. Analiso. É incrível. É perfeito. Injetado. Quero o olho para mim. A bunda e o olho. Lembro daquela capa de disco. Acho que era do Tom Zé. A bunda e o olho.

O olho do cu.²³³

O olho que já viu de tudo inscreve-se para Lourenço como o olho que tudo vê. É interessante, neste ponto, lançar mão de uma leitura “religiosa” para pensar o estatuto deste olho, e, com essa perspectiva, atribuir-lhe o significado de representante de um deus onisciente, onipresente e onipotente. Neste sentido, o olho se torna o grande pai, o pai acima de todos os pais, sendo capaz, portanto, de guiar o desejo do personagem todas as vezes em que isso se fizer necessário, conforme podemos constatar no desenrolar da crônica. O supereu advindo da resolução do complexo edípico, neste contexto, fica expresso na identificação paterna que, para o personagem, é orientada para parte (olho) do pai em lugar de seu todo.

Mas, ao lado desta dimensão de poder divino do pai, intervém também uma dimensão de precariedade deste olho, pois o olho não viu a bunda, e apenas sua aproximação em relação a ela resultaria num conjunto completo, sem falta.

O resultado, portanto, é o de preenchimento e falta, poder e precariedade. O olho e o cu,

²³³ Ibidem, p.31.

metáforas do vazio e seu complemento que imaginariamente trariam sustentação para suas construções delirantes. A relação de complementariedade expressa pela elaboração acerca do lugar possível ao olho que fora adquirido expõe, mais uma vez, o movimento regressivo nas elaborações de Lourenço. A regressão, aqui, expressa-se como decorrência de seus processos psíquicos, semelhantes às ocorrências tomadas por Freud como ilustrações do material referente ao processo melancólico.

O olho comprado e tornado seu complemento reatualiza sua potência pela posse do objeto retido. O olho é do pai, o olho é o pai. A condição infantil e o delírio de grandeza expressos nos textos de Freud para exemplificar a condição de um narcisismo absoluto têm, aqui, ilustração nas elaborações de Lourenço. A aquisição do olho, em suas associações, traria a possibilidade de uma condição de completude, situação na qual o narcisismo se coloca de forma aumentada, restringindo as possibilidades elaborativas que direcionam o investimento objetal na constituição psíquica.

O olho, colocado em lugar de referência para as elaborações de Lourenço, cumpre, assim, as funções atribuídas à instância superegógica.

Quer ver uma coisa?

O quê?

Mostro. Ele pula para trás.

Era do meu pai

Cruz credo! Se benze.

Cruz credo! Ave Maria!

Ele sai apressado.

Olho o olho. É perfeito. É preciso. É o olho do cu.

*Vou levá-lo para ver a bunda, aí ele vai ter visto de tudo.*²³⁴

Ao mesmo tempo, o olho – perfeito, preciso, ideal a ser alcançado – também se coloca como possibilitador da aproximação de um suposto objeto de desejo que o complementaria em suas construções conturbadas.

Com o olhar do olho, em mim.

²³⁴ Mutarelli, 2002, p.33.

Durmo.

*Sei que o olho do cu irá me guardar.*²³⁵

Em suma, o olho que o complementa igualmente vela seu sono e o protege de possíveis ameaças de um mundo externo.

Na leitura de seu processo de constituição psíquica, a atenção de Lourenço, em determinado momento voltada ao olho de forma exclusiva, ilustra a passagem do movimento pulsional de uma condição narcísica para o direcionamento ao objeto parcializado de forma idealizada. Aqui sustentamos a idéia do olho como substituto superegóico na constituição das instâncias psíquicas. Isto significa dizer que o olho comprado por Lourenço, para o qual o personagem se dirige em busca de respostas e proteção, pode ser lido como objeto idealizado – parte do pai – que possibilitaria o movimento desejante. O investimento no objeto parcial, aqui, direcionaria a busca do personagem por uma barreira que delimitasse e organizasse o movimento pulsional desordenado.

O supereu, como instância psíquica advinda da resolução do complexo edípico, esboça um de seus traços na imagem do olho colocado em lugar do representante paterno. Encarnando parte complementar da função protetora e, ao mesmo tempo, parte de si que é destacável do corpo, o olho apresenta-se, na crônica, como ilustração de elemento que o personagem busca para atenuar seu fluxo de pensamentos caóticos. Podemos entrever, neste ponto, a instituição de uma barreira protetora que delimita a organização pulsional. Uma cena da crônica merece atenção. Trata-se da cena na qual Lourenço tenta estabelecer diálogo com a balconista sem perceber que se tratava de outra pessoa, e, então, percebe que somente reconheceria a balconista pela bunda. Tal cena esclarece a leitura da evocação do olho como barreira protetora em sua função superegóica.

Tiro o olho do bolso.

Esfrego em minha camisa.

Preciso devolver sua vida. Olho. Olho, se lembra de mim?

Olho, deixe de ser parte do todo.

Volte para mim.

Recupere seu encanto. Lembre de mim.

²³⁵ Idem, p. 34

Faça com que eu deixe de ser parte de seu todo.

*Olho! Olha eu aqui.*²³⁶

A reivindicação que Lourenço dirige ao olho – que o tire da condição de parte de um todo – remete à imagem de um estado fusional mãe-bebê em busca de significações que individualizem o sujeito. Neste sentido, podemos pensar que uma condição regressiva do investimento libidinal esteja sendo aqui ilustrada. Em *Luto e Melancolia* dois caminhos são sugeridos por Freud como vias percorridas pela libido na constituição egóica. Nestes caminhos, um investimento objetal pode retroceder à identificação narcísica, ou pode retornar ao sadismo originário. Ambos os caminhos ilustrados pela condição melancólica, ao serem convocados para a leitura das elaborações de Lourenço, explicitam as conseqüências que a valorização da parcialidade nas relações acarretam nos processos psíquicos do personagem. Isto é, a parcialidade na relação objetal, base de construção do argumento encontrado na leitura analítica do personagem fictício, exibe seus efeitos. Assim, a ausência do objeto para o qual o investimento libidinal se dirigia remete o personagem a uma condição regredida à indiscriminação.

O pedido do personagem ao olho-pai para que o tire da condição fusional revela, ao mesmo tempo, a projeção da função de corte no olho, e sua dificuldade de introjeção da lei como mediadora de contato com o mundo. O olho, no lugar de representante paterno, em outro momento nomeado por Lourenço como olho do azar, passa a ser evocado como salvação de uma situação conturbada. Podemos ler, neste ponto, a ambivalência em relação ao pai, ilustrada por Freud em *O Estranho*. A fragmentação sugerida pela crônica, no entanto, faz-nos pensar na influência da relação com o objeto parcial também em relação a esta conceituação. Cabe, então, a pergunta: a ambivalência, comparecendo na constituição superegóica, traria conseqüências outras quando de seu direcionamento ao objeto parcial?

No lugar do representante paterno, o olho nos traz também a leitura da ambivalência vivida por Lourenço quando de sua evocação. A cena na qual o personagem recebe, através dos correios, um sapo com a boca costurada, e acompanhado de um bilhete com a frase: “Estive no inferno e lembrei de você”, exemplifica sua posição ambivalente em relação ao pai. Deduzindo sua procedência, Lourenço liga para a ex-noiva, mas nada diz. Ela grita, xinga-o,

²³⁶ Idem, p.57.

manda-o para o inferno. Ele não responde.

O olho espera que eu fale.

O olho já não mais faz parte do todo.

O olho voltou a viver.²³⁷

O olho que dele espera um posicionamento é o olho que o insere no quadro social. A cobrança superegóica tem um sentido e um destino. No lugar de representante paterno, o olho retoma sua posição de elemento possibilitador do movimento desejante; descolando-se do todo, assume a função daquele que investe em Lourenço esperando posicionamento do personagem.

Neste ponto, cabe retomar a leitura da ambivalência em relação ao pai e sua relação com a constituição superegóica conforme descrição contida em *O Estranho*. A separação entre o pai bom e o pai mau pode ser relativizada com o posicionamento do representante paterno no lugar de elemento possibilitador do movimento desejante.

Ela desliga, na minha cara.

Como se nela batesse.

Ninguém desliga na cara de um homem.

Dessa vez é o olho quem diz.²³⁸

O olho julga suas ações, o olho diz o que pode ser feito. O olho retoma seu lugar como representante superegóico. Vale indagar: o que está em pauta, então, é uma instância crítica que somente cumpre sua função quando cindida e personificada no objeto?

Em outro momento da crônica, vemos Lourenço num momento de excitação diante da possibilidade de recriar um passado e um pai, cena que se segue ao desprezo inferido pela moça da lanchonete. Tal movimento pode ser tomado como ilustração do que se delineia no texto de Freud a respeito da mania como investimento pulsional exacerbado e desordenado. A evocação do pai, neste quadro, remete à busca de um ideal ao qual recorrer como elemento ordenador do movimento pulsional caótico.

²³⁷ Idem, p. 70.

²³⁸ Ibidem, p. 70

Em *Luto e Melancolia* Freud tratou da regressão ao sadismo originário como lugar de satisfação buscada pela condição narcísica. Podemos perceber desdobramentos desta formulação numa cena seguinte, pautada pelo incessante e intenso movimento de pessoas que entram e saem do escritório de Lourenço, ou, o que siamês a este movimento, o ritmo acelerado de seus pensamentos e de sua percepção daquele vaivém. Um instrumento de sopro, um prato, um estojo de compasso, uma caixa de ferramentas, um relógio, uma caixinha de música. Objetos todos que, avaliados com desprezo, desenharam o discurso perverso de Lourenço em relação ao outro. O sadismo de nosso personagem principal se materializa na agressão verbal dirigida ao outro como numa projeção de seu pior, e conseqüente tentativa de destruição do objeto desprezado.

Ela coloca um prato na escrivaninha. Um prato desses, comum.

Eu só tinha isso.

Eu não tinha mais nada.

Tudo, tudo o que eu tinha eu já dei para o senhor.

Nãñãñã! Você nunca me deu nada.

Eu sempre paguei.

É. Tudo o que eu tinha eu vendi para o senhor.

Eu pedi para você me vender?

Não. Pedir, não pediu.

Então por que vendeu?

Porque eu precisava.

Não. Vendeu porque quis.

Foi ou não foi?

Foi.

Então diga, eu vendi porque eu quis.

Eu vendi porque eu quis.

Muito bem.

Mas esse prato aqui não vale nada.

Esse prato não tem valor.

É que eu preciso do dinheiro.

Se você precisa do dinheiro, você sabe que tem que me dar algo.²³⁹

²³⁹ Mutarelli, Lourenço, idem, pp. 78-79

Trata-se, aqui, de um investimento objetal às avessas? Reduzindo seu interlocutor à condição do objeto desvalorizado que traz, estaria nosso personagem cumprindo uma exigência – guiada pelo princípio do prazer – de um sadismo originário, num movimento regressivo do investimento libidinal?

A cena que ilustra o processo de constituição das instâncias psíquicas para o personagem exhibe elementos característicos de seu discurso na montagem de sua relação perversa com a moça. O valor de compra ditado por Lourenço direciona-se do prato à moça, numa representação das relações de troca como as percebemos em seu contato com os clientes; relações nas quais o objeto parcial, posicionado como objeto total, reduz as possibilidades de contato e trocas.

Outra ilustração do retorno do investimento libidinal ao sadismo, como o lemos no movimento psíquico de Lourenço, apresenta-se na confusão vivida pelo personagem quando da aproximação entre o corpo erotizado / o dinheiro / o cheiro, em sua tentativa de ligação numa cadeia associativa.

A cena que segue inicia-se com uma moça que pretende vender a Lourenço a imagem erotizada de seu corpo. Excitado, ele despeja todo o dinheiro de suas caixinhas sobre a cliente. Rastejando até o banheiro, cheira o ralo e fica lá deitado, inerte. Na sequência imediata, a moça do prato retorna ao escritório. Aparentando estar sob efeito de drogas, tira a roupa em desespero, exigindo dinheiro. Lourenço está confuso, tenta provar que não tem dinheiro. Outras pessoas começam a entrar no escritório. A confusão está armada.

Outro entra com uma máquina de escrever na mão. Depois entra outro com um candelabro. E outro. Todos juntos na minha sala. Todos olham a peluda pelada. Todos falam alto. Todos gesticulam. Todos falam que eu cheirava o ralo. Todos falam que eu abusava da pobre da moça peluda. Entram mais. Todos falam que eu exploro os pobres. Todos estão muito tensos. Um me empurra para trás. Eu os empurro também. Tudo me foge ao controle. Um me acerta a cabeça. Acho que foi o do candelabro. Outro me chuta no peito. Não entendo mais nada. Já não tenho mais força. O sangue tinge minha vista. Acho que vão me linchar. Estou tonto. Enjoado. Atordoado. Todos querem bater.

*Ainda consigo ouvir o disparo. E então tudo cessa.*²⁴⁰

Da perspectiva da constituição psíquica de Lourenço, podemos olhar para a cena como a ilustração da projeção de seus objetos internos persecutórios personificados nos olhares de seus clientes. São olhares que cobram, acusam, agridem e somente cessam com o disparo, com o corte vindo de fora, com a bala que sai de um cano, até então, invisível. Como metáfora do processo de constituição das instâncias psíquicas, podemos ler nessa passagem um momento de ruptura do Eu diante do excesso de identificações que o invade. Pensamos aqui nos clientes que, portadores de objetos projetados como elementos que movimentam de forma caótica o investimento pulsional, são barrados de forma abrupta pelo tiro que representa o corte propiciado pela instância superegóica.

Neste cenário, podemos ainda ler a relação objetalizada com cada cliente como processo repetitivo na constituição egóica de Lourenço. O sadismo atuado com cada cliente ilustra o envio da agressividade a conteúdos que, em função de um difícil encadeamento em suas elaborações, são projetados nos clientes. A repetição, aqui, expressa-se na forma de relação que o personagem principal consegue estabelecer com o outro.

O retorno ao inanimado, postulado em *Além do princípio do prazer* como movimento corrente da pulsão, pode ser lido na cena final, quando Lourenço se depara com sua verdade. Nesta cena é a moça do prato quem lhe traz um último objeto.

Eu trouxe uma coisa que é do senhor.

Ah, é?

É. Trouxe a única verdade.

Não brinca?

Ela aponta o saco para mim.

O saco treme.

A cabeça balanga.

A mão trêmula está dentro do saco.

Eu trago a sua verdade.

Adivinho o que o saco guarda.

Eu trouxe uma coisa que só serve em você.

²⁴⁰ Mutarelli, Lourenço, idem, p. 100

Abaixe isso!
Não posso.
Então o saco faz BUM.
E o BUM é tão alto que dói.
O BUM rasga o fundo do saco.
O BUM me rasga também.
O BUM sempre diz a verdade.
O saco rasgado revela sua mão.
Em sua mão tem fumaça.
A fumaça que sai pelo cano.
Mas não pelo cano do ralo.
Pelo cano da arma.
Ela treme.
Eu também.
Tem um buraco no teto.
Tem um furo em mim.
É dor grave.
Quando encosto o queixo no peito, eu vejo.
O paletó que se tingem de mim.
Meu coração, agora bate pra fora.
Espalhando o meu sangue por tudo.
Bate fora do peito.
E aí ouço um novo BUM.
O cheiro do ralo.
Esse era o nome do livro que eu nunca escrevi.
Tudo passa por meus pensamentos.
Penso em tudo que um dia comprei.
Penso em todas as coisas que me colecionaram.
A morte é dura.
A Morte cura.
A morte cura e machuca.
A morte dói.
Eu sou dor.
Dói.
Dói muito.
Tudo é dor.

*Tudo é dor no nada.*²⁴¹

A moça do prato, encarnando a projeção dos objetos persecutórios de Lourenço, porta sua única verdade, a arma (o cano) que contém a bala que só serve nele. A possibilidade de o personagem se diferenciar é, então, colocada como a condição de retornar ao inanimado, o que é expresso pelo tiro que o atravessa, rasgando seu corpo e dizendo-lhe a verdade.

O tiro, que em outro momento comparece para barrar o movimento pulsional caótico, agora vem ilustrar em tom dramático a função superegóica de separação entre mundo interno e mundo externo. Neste processo, o recalque do complexo de Édipo e a introjeção da autoridade paterna, conforme descrição nos textos de Freud, compõem o processo identificatório na constituição superegóica. No esforço de Lourenço em se diferenciar do outro encontramos ilustração de um processo de constituição superegóica em que o ideal comparece de forma insidiosa, metaforizando a força recalcadora que mantém os elementos de difícil elaboração psíquica afastados do Eu numa função protetora.

Ao som do disparo, Lourenço lembra de tudo o que comprou, de todas as coisas que o colecionaram. No movimento de possuir os objetos estava a tentativa de fazer-se significar. Não é ele o colecionador de objetos, ao contrário, são os objetos, tomados como fragmentos de um psiquismo caótico, que o colecionam, ao longo de sua tentativa de construir a delimitação do movimento pulsional.

Vemos, então, Lourenço se deparando com sua única verdade nas palavras da moça que traz a arma e dispara o tiro que o atravessa. Podemos ler a cena final como ilustração da tendência do movimento pulsional a retornar ao estado inanimado. O personagem principal, clamando pela intervenção externa para se diferenciar, termina por expressar sua única possibilidade de separação do outro no retorno ao estado que, segundo Freud, já existia antes do vivo.

Podemos ainda ler o tiro como metáfora da introjeção da função de corte inferida pelo supereu. O tiro atravessa Lourenço dizendo-lhe a verdade. A contundência com que se efetua o corte que vinha sendo pedido pelo personagem ilustra a força do recalque envolvido na construção superegóica.

²⁴¹ Mutarelli, 2002, p.140-41.

A morte que cura também dói. E a dor é sua única ocasião de existência, a dor o delimita dentro do caos.

Caio.

O caminho é a queda.

A queda me traga.

*Como um ralo.*²⁴²

O ralo, metáfora da morte, vem cumprir sua função que permanecia sempre à espreita. O ralo revela, então, seu lugar no movimento conturbado das construções de Lourenço, ressignificando as ameaças que o acompanhavam constantemente. O ralo pareado à morte também é uma remissão ao buraco materno, ao útero materno, do qual Lourenço clamava por sair, dirigindo-se ao olho-pai-supereu em gritos abafados pelo cheiro invasor.

²⁴² Mutarelli, 2002, p.142.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma leitura psicanalítica dos processos psíquicos de Lourenço em *O cheiro do ralo* conduz à percepção do movimento possibilitador de sua constituição superegóica, uma vez que a evocação do pai, e mesmo sua tentativa de reconstruí-lo, sugere a busca de constituição do ideal como possibilidade de saída de uma condição de sofrimento psíquico. Ao longo do trajeto teórico percorrido neste trabalho, foram destacados alguns elementos no processo de construção do supereu, elementos estes avaliados como estando em franca relação com os processos vividos pelo personagem e com suas cadeias associativas. Nesta perspectiva, as associações de Lourenço foram aqui tomadas como ilustração do esforço de construção superegóica em suas funções de proteção do Eu, da interdição internalizada, e da construção do ideal como motor que impulsiona o desejo; funções que auxiliam a constituição psíquica em seus limites e possibilidades.

I

A passagem do auto-erotismo ao narcisismo revela uma condição do aparelho psíquico na qual as pulsões caminham da situação de movimento desordenado para uma situação de organização, com o que está em pauta, como objetivo, a constituição das instâncias psíquicas e seus constantes movimentos de troca.

A passagem do narcisismo primário ao secundário explicita o deslocamento libidinal de um investimento absoluto no Eu para um ideal. Nesse processo, por um lado, o desenvolvimento do Eu impõe um distanciamento do narcisismo primário, produzindo anseio em recuperá-lo; por outro, no entanto, possibilita o direcionamento do investimento libidinal para o objeto, mediante a constituição do ideal, consubstanciando um processo que resulta na geração do movimento desejante imprescindível ao movimento de criação do sujeito.

No direcionamento do investimento libidinal ao objeto, entendemos que a relação objetal é indicativa do posicionamento do sujeito. O argumento de Freud é que a capacidade de amar

constitui indício de possibilidade da relação objetal.

Para que ocorra o surgimento do ideal, opera-se um processo de cisão no Eu. Uma parte do Eu, identificada ao objeto, se tornará ao mesmo tempo elemento idealizado a ser alcançado e elemento alvo de ataques agressivos – conforme descrição do conflito de ambivalência que habita o sadismo originário, elemento constitutivo do psiquismo. Outra parte do Eu, então, se encarregará tanto das cobranças em relação ao alcance do ideal, quanto dos ataques à parte então destacada e identificada ao objeto a ser destruído. É neste momento que se delinea a constituição superegóica.

A constituição superegóica comporta dois momentos de construção teórica nos escritos de Freud. Num primeiro momento, as identificações advindas de uma condição narcísica do psiquismo, em seu curso freqüente, levariam à construção do ideal como projeção idealizada, possibilitadora do movimento desejanste. O segundo momento de constituição superegóica nos textos de Freud apresenta uma concepção de supereu que convoca os processos identificatórios como integrantes da elaboração do complexo de Édipo. A perspectiva aberta por esse segundo momento é explorada mais adiante neste texto.

Pareando a apresentação do personagem principal da crônica ao que foi denominado acima como primeiro momento desta construção, podemos ler Lourenço numa busca por elementos que possibilitem a constituição do ideal. Os elementos eleitos pelo personagem, porque destacados e tomados em sua parcialidade como elementos totais, no entanto, remetem-no a um movimento pulsional caótico que restringe suas possibilidades elaborativas.

A cadeia associativa que permeia as construções de Lourenço durante todo o processo descrito pela crônica indica uma identificação do personagem à bunda pela associação bunda-merda-cheiro do ralo, com o que entra em operação um processo de continuidade entre mundo interno e mundo externo. Conforme explorado neste trabalho, tal associação indica uma fixação anal.

Dos processos de Lourenço que visam à construção de sentidos para o que vivencia, é possível depreender um deslocamento pulsional calcado na parcialidade do objeto. A identificação com a bunda exemplifica este modo de construção, além de revelar que um mecanismo projetivo se encontra em franca operação em suas relações cotidianas. Por meio

deste mecanismo projetivo, a associação bunda-merda-cheiro do ralo remete-o à bunda da balconista, que toma o lugar de objeto imaginariamente desejado.

O movimento psíquico de Lourenço, aqui tomado como movimento pulsional caótico, leva o personagem à evocação constante do pai como possibilitador do ordenamento pulsional em sua função de barreira protetora. Mas não somente para esta função o pai é evocado. Em diversos momentos, sua evocação surge como leitura que o personagem faz da crítica à qual se sente submetido. A localização do pai, ora como proteção, ora como observador crítico, possibilita a leitura da ambivalência conforme abordada nos textos de Freud.

A ambivalência em relação ao pai estende-se, para Lourenço, à relação estabelecida com o cheiro do ralo. Causa de prazer e repulsa, o cheiro figura como elemento central nas construções do personagem, na busca de entendimento acerca de suas sensações e experiências. Na tentativa de localização no interior de suas cadeias associativas, Lourenço confere ao cheiro do ralo a significação de problema a ser resolvido, ou causa dos problemas vividos.

Ainda em relação à possibilidade de contato com o mundo circundante, a relação que o personagem estabelece com a noiva, vista aqui como impossibilidade de amar, fala a favor de um processo tortuoso de estabelecimento da relação objetal, o que leva Lourenço a um distanciamento de suas possibilidades de constituição desejante.

II

Como herdeiro do complexo de Édipo, o supereu apresenta os traços identificatórios advindos da resolução de questões impostas pela triangulação edípica. Assim, a introjeção da lei de proibição do incesto indica a incorporação da identificação paterna. Neste processo, é constituída a proteção egóica, isto é, defesa de uma satisfação plena do desejo, uma vez que a possibilidade de realização do desejo incestuoso remeteria o sujeito à completude infantil imaginária, ou seja, para a condição regressiva ao narcisismo primário.

Conforme a argumentação desenvolvida neste texto, na análise dos processos regressivos apresentados pelo personagem, a fixação anal foi destacada como ponto nodal da apresentação sintomática de Lourenço. Tal situação configura um processo que influi

marcadamente sua identificação à bunda e aos seus dejetos, conforme descrição que pontua a associação bunda-merda-cheiro do ralo como construção que delinea seu movimento psíquico.

Seguindo a abordagem presente nos textos de Freud aqui selecionados, o ponto de fixação libidinal remete o paciente ao movimento repetitivo em função da necessidade de elaboração de conteúdos de difícil encadeamento na lógica proferida pela fala do analisante. A interpretação aqui proposta é a de que os processos psíquicos de Lourenço indicam que a questão da fixação anal está presente em suas associações elaborativas, o que acarreta num processo desfusional que direciona seus impulsos agressivos em direção ao outro, num mecanismo projetivo de seus conteúdos persecutórios.

Neste ponto, cabe fazer intervir a perspectiva aberta pelo segundo momento da construção superegógica presente nos textos de Freud, momento este já anunciado em página precedente desta seção da dissertação. Neste segundo momento de elaboração acerca do supereu, Freud equaciona uma concepção desta instância como resultado de processos identificatórios, com o que encaminha uma construção do tema na qual fica pressuposto o recalque do complexo de Édipo, acarretando em introjeção de funções parentais de proteção e interdição.

Partindo desta perspectiva, é nitidamente detectado um esforço de Lourenço na construção concreta do pai, esforço este marcado principalmente por sua relação com o olho comprado de um cliente. No olho são projetadas as funções de barreira protetora de um movimento pulsional caótico, de crítica em relação ao posicionamento do personagem, e de instância que poderia resgatá-lo de uma condição indesejada. Novamente podemos ver o objeto parcial – o olho –, sendo colocado em lugar do objeto total, configurando uma equação na qual o objeto total funciona como a imago parental que origina a instância superegógica. O olho adquire e perde vitalidade à medida que a projeção de seus bons ou maus objetos exigem. Neste processo de projeção dos maus objetos, é desencadeado um *crescendum* de força e agressividade até que o personagem é dragado pela imagem do ralo associada ao tiro.

Na fragmentação dos processos psíquicos de Lourenço, vemos a construção da instância superegógica tomando dimensões exacerbadas em algumas funções, em detrimento da relativização em seu peso constitutivo. Neste ponto, pensamos, por exemplo, na função crítica exagerada que paralisa o movimento de criação. Ambivalência constitucional e cisão

do Eu são outros elementos que se apresentam de forma exacerbada nos processos psíquicos do personagem, reduzindo as possibilidades constitutivas do movimento desejante.

Quando da busca por objetos substitutos, a desorganização pulsional retorna ao momento de organização possível que, para Lourenço, configura-se na organização anal-sádica. A organização anal-sádica, elemento da organização pré-genital, deixa seus rastros na relação objetal indiferenciada e dá as pistas do direcionamento pulsional na constituição das instâncias psíquicas como se apresentam para o personagem.

O ideal de Eu, ilustrado na crônica pelo pai a ser construído, tantas vezes evocado e remetendo o personagem a um vazio sem respostas, leva a pensar em seu peso na constituição psíquica. Como motor do movimento desejante, o ideal apresenta-se na crônica como elemento descolado de traços advindos de processos identificatórios, sugerindo, assim, uma busca difusa por sua constituição, uma vez que se processa em condições que dificultam seu estabelecimento, a saber, a relação objetal calcada em sua parcialidade e a contundência com que se apresentam os elementos constitutivos do supereu.

III

De acordo com este segundo movimento dos textos de Freud, portanto, o supereu se constitui como consequência de processos identificatórios – pela introjeção objetal –, e pela introjeção da lei – na herança do complexo de Édipo.

O supereu, em suas funções de proteger o Eu em seu desenvolvimento, e de possibilitar o laço social em suas exigências a serem cumpridas ou refreadas, permanece com esta descrição no entendimento psicanalítico.

Tendo nossa análise encaminhado o personagem a uma situação fusional na imagem do todo do qual ele busca se separar, o olho, como representante paterno, se apresenta como componente simbólico importante à efetivação do corte almejado. Isto explicita o peso do ideal – aqui colado ao fragmento da figura paterna – na constituição superegóica.

O ralo, na mesma linha associativa, e englobando o mecanismo projetivo constante no movimento psíquico de Lourenço, torna-se, alternadamente, observador crítico que o

persegue, o lugar que o tranqüiliza, o buraco ao qual, por fim, retorna toda a vida, cumprindo a função última da morte.

O olho, representante superegóico eleito por Lourenço, apresenta-se primeiramente como elemento complementar que o leva imaginariamente a uma condição de completude, ou, como vimos nos textos de Freud, a uma condição narcísica.

Evocado em situações de conflito, o olho é colocado como ideal na condição daquele que poderia salvar o personagem destas situações. Aqui incluímos a leitura do olho em lugar de Deus, ou o olho que tudo vê, numa ilustração máxima da instância superegóica separada daquele que a evoca.

Uma terceira função do supereu apresenta-se de forma bastante marcada para o personagem: a função do observador crítico, que tanto o julga como também prescreve o que deve ser feito. Como decorrência da contundência da inserção desta terceira função nos processos psíquicos de Lourenço, lemos uma regressão libidinal à fase anal e traços de sadismo no movimento projetivo que opera no funcionamento psíquico do personagem.

Apesar do movimento repetitivo que poderia guiá-lo à elaboração de seus conteúdos mais difíceis, Lourenço acaba por cumprir a direção, que Freud postula como tendência do movimento pulsional, de retorno ao inanimado, silenciando seu caos com a mesma contundência que acionara na busca da construção de sua instância crítica.

IV

Na parte introdutória desta dissertação, foi colocada a questão de quais seriam as alternativas ao sujeito no que se refere à sua constituição superegóica, tendo em vista o funcionamento psíquico apresentado por Lourenço ao longo da crônica. À luz da teoria aqui convocada e da parte analítica empreendida, deparamo-nos com uma situação em que há esforço de construção do ideal de Eu, ainda que de maneira fragmentária e desordenada.

A análise do movimento psíquico de Lourenço permite que vejamos um peso acentuado das funções atribuídas ao ideal, sendo que tal peso é perceptível pela frequência com que ele evoca tais funções. A ausência de uma inscrição que sustente a construção das funções

superegóicas para o sujeito, desta forma, faz com que mecanismos presentes, como o projetivo, por exemplo, tracem alternativas, em alguma medida, substitutivas a esta ausência.

Além do mecanismo projetivo, um processo de cisão se apresenta de forma marcada no funcionamento psíquico de Lourenço. Este processo, aliado à constituição da relação objetal, que se coloca para o personagem de forma parcial, desencadeia a contundência das funções evocadas, conforme descrição na parte analítica deste texto. Desta forma, a alternativa de constituição superegóica surge também de forma contundente na fragmentação de suas funções.

Neste quadro, e pensando nas saídas possíveis a Lourenço, a construção concreta do pai, primeiramente pela aquisição do olho, seguida pela aquisição da perna, configura, imaginariamente, uma alternativa aos processos de introjeção de traços ausentes. A sustentação do desejo a ser constituído, nestas condições, parece convocar o outro de forma a auxiliar a constituição desejante. A ausência de resposta (sustentação) deste outro, encarnado nos personagens do cotidiano de Lourenço, remete continuamente o personagem à condição de inviabilidade de seu processo, ou seja, a um engodo. A pujança deste engodo é de tal intensidade que, na narrativa, somente pôde ser figurativamente expressa com a morte, abrupta e dramática, do personagem.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE FREUD

1 LA. HANNS

FREUD, Sigmund. *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911). In: HANNS, Luiz Alberto – Edição, organização, tradução e notas. OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD – ESCRITOS SOBRE A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2004 a. v.I.

_____. *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914). In: HANNS, Luiz Alberto - Edição, organização, tradução e notas. OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD – ESCRITOS SOBRE A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2004 b. v.I.

_____. *O Recalque* (1915). In: HANNS, Luiz Alberto - Edição, organização, tradução e notas. OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD – ESCRITOS SOBRE A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2004 c. v.I.

_____. *Luto e Melancolia* (1917 [1915]). In: HANNS, Luiz Alberto - Edição, organização, tradução e notas. OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD – ESCRITOS SOBRE A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2006 a. v.II.

_____. *Além do Princípio do Prazer* (1920). In: HANNS, Luiz Alberto - Edição, organização, tradução e notas. OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD – ESCRITOS SOBRE A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2006 b. v.II.

_____. *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917). In: HANNS, Luiz Alberto - Edição, organização, tradução e notas. OBRAS PSICOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD – ESCRITOS SOBRE A PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 2006 c. v.II.

2 ESB

FREUD, Sigmund. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.I.

_____. *Interpretação dos Sonhos* (1900). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.I.

_____. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). In: EDIÇÃO STANDARD

BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.I.-.II.

_____. *Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um caso de Paranoia* (1911). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v.XII.

_____. *Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise* (1912). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago 1996e.v.XII.

_____. *Tipos de Adoecimento Neurótico* (1912).In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. v.XII.

_____. *Totem e Tabu* (1913 [1912-13]). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. v.XII.

_____. *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose* (1913). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. v.XII.

_____.*Recordar, Repetir e Elaborar – novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II* (1914). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. v.XII.

_____. *Luto e Melancolia* (1917 [1915]). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICA COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996j. v.XIV.

_____. *O Estranho* (1919). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996k. v.XVII.

_____.*Uma Criança é Espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996l. v.XVII.

_____.*Psicologia de massas e análise do Eu* (1921). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICA COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996m. v.XVIII.

_____. *A organização Genital Infantil* (1923). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996n. v.XIX.

_____. *O Eu e o Id* (1923). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICA COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996o. v.XIX.

_____. *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago,

1996p. v.XIX.

_____. *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996q. v.XIV.

_____. *Fetichismo* (1927). In: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996r. v.XXI.

_____. *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1933 [1932]). In EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD. Rio de Janeiro: Imago, 1996s. v.XXII.

3 EA

FREUD, Sigmund. *Psicologia de las masas y análisis del yo* (1921). In: SIGMUND FREUD OBRAS COMPLETAS. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 1993a . v. XVIII.

_____. *Ely o y el ello* (1923). In: SIGMUND FREUD OBRAS COMPLETAS. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 1993b. v. XIX.

_____. *La predisposición a la neurosis obsesiva – contribución al problema de la elección de neurosis* (1913). In: SIGMUND FREUD OBRAS COMPLETAS. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 1993c. v. XIX.

_____. *Lo ominoso* (1919). In: SIGMUND FREUD OBRAS COMPLETAS. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 1993d. v. XVII.

4 OUTRAS

FREUD, Sigmund. *O desaparecimento do complexo de Édipo* (1924). Tradução de Paulo César Lima de Souza. In: JORNAL DE PSICANÁLISE, v.33, n.60/61, SBPSP, 2000.

OBRAS SOBRE O AUTOR

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002a .v.2.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2002b.v.3.

GAY, Peter. *Freud – uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. O legado de Freud e Lacan.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário*-livro 1. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem Limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

OCARIZ, Maria Cristina. *O sintoma na clínica psicanalítica no ano 2000* – texto disponibilizado em novembro de 1999. Disponível em www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/CristinaOcariz2.htm, acessado em novembro/2006.

OBRA ANALISADA

MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. São Paulo: Devir Livraria, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)